Lise Roy

Este exemplar corresponde à redaçâo final da Dissertaçâo defendida por Lise Roy e aprovada pela Comissâo Julgadora em ... / ... / ...

Data: 19/12/89

Assinatura:

VISÂO DE CLASSE DA TRABALHADORA DOMÉSTICA

UM ESTUDO EXPLORATORIO EM CAMPINAS/SP

Universidade Estadual de Campinas

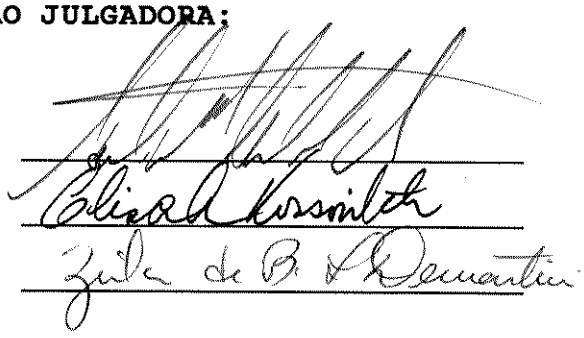
Faculdade de Educaçâo

1989

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção de título de Mestra em Educação (Ciências Sociais Aplicadas à Educação) à Comissão Julgadora da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Salvador A.M.Sandoval.

COMISSÃO JULGADORA:



PARTILHA

Junto ao Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Campinas que, com muito companheirismo, definiu o rumo deste estudo ...

Junto aos amigos que,com muito carinho, acompanharam de todas as formas a realizaçåo desta dissertaçåo ...

Junto à minha måe e irmåos, residindo no Canadá, que souberam entender a minha paixåo pelo Brasil ...

Eu acho que Deus deixou o mundo
assim, bem dividido pra todo mundo ...
Ele não deixou assim pra uns, eu acho
que Ele não queria ninguém
passando fome
ou
passando necessidades
enquanto outros estão disperdiçando ...
Então eu acho,
se tivesse uma divisão igual
pra todo mundo,
terra pra todo mundo trabalhar
as coisas melhorariam ...

Hoje não vai ter nada sem briga
coisa que poderia ser diferente ...
eu acho que me incluo na briga
porque eu tenho três filhos
que não sei o dia de amanhã,
o que eu posso estar
batalhando por eles também!

Lia - 36 anos
Trabalhadora doméstica
11-06-89

RESUMO

O reconhecimento da inserção da Trabalhadora Doméstica no mercado de trabalho, de sua importância na reposição das energias humanas voltadas para a produção - embora sua atividade não seja considerada propriamente capitalista - é o ponto de partida deste estudo que objetiva conhecer como a T.D. expressa sua visão de classe no seu cotidiano. A escolha da História de Vida, com cortes temáticos, como técnica de pesquisa, prende-se à compreensão de que o relato do cotidiano contribui para entender as formas de representações ideológicas. A análise qualitativa de oito depoimentos gravados, que somam cerca de vinte horas de entrevistas com T.Ds. residentes na periferia de Campinas-SP, não participantes do dia-a-dia do movimento de sua categoria, demonstra a presença de dois tipos de visão de classe. Os princípios de Identidade, Oposição e Totalidade de Touraine contribuíram para esclarecer como a visão de classe é construída no cotidiano da T.D.. De um lado, subsiste a visão individualizada e fragmentada, com atitudes passivas e conformistas que mantém a T.D. presa ao universo doméstico: espaço secularmente exclusivo da mulher. Este tipo de visão é configurado como visão particularista. De outro lado, emerge uma nova visão totalizante que é identificada como humano genérica, no sentido de Heller. As ações e representações não se limitam ao doméstico e à família, mas se constroem nos mais diversificados espaços que a vivência cotidiana

oferece. Pretende-se assim chamar atençåo para as mudanças que ocorrem numa profissåo exclusivamente feminina, voltada para os serviços domésticos. Apesar da escolaridade reduzida e do isolamento social na profissåo, essa mulher consegue romper com comportamentos femininos tradicionais e ampliar seus espaços de participaçåo.

S U M A R I O

Página

INTRODUÇÃO: 009

CAPITULO I: **A Trabalhadora Doméstica nos Estudos dos Ultimos Anos** 016

1. O Trabalho Feminino no Setor Terciário
2. O Trabalho Doméstico Remunerado
3. A T.D. - Mulher entre Mulheres
4. A T.D. - Das Exigências ao Direito Profissional

CAPITULO II: **A Elaboração da Condição de Classe no Cotidiano** 061

1. Cotidianidade e Cotidiano
2. Princípios para Análise das Representações do Cotidiano
   - Identidade
   - Oposição
   - Totalidade
3. Ações e Representações

CAPITULO III: **A Metodologia** 078

CAPITULO IV: **As Representações e Formas de Construção** da Visão de Classe 086

1. Visão Particularista de Classe
2. Visão Humano Genérica de Classe

CONCLUSÃO: **Em Busca da Participação como Exercício da Cidadania** 141

BIBLIOGRAFIA 150

ANEXOS

INTRODUÇÃO

"Eu vou começar essa conversa falando assim de eu como doméstica no dia-a-dia de minha vida. Eu acho que teria de falar um pouco da minha vida mesmo como doméstica. Porque, em todo o meu trabalho, em toda a minha luta, eu sempre tive que voltar a mim mesma para poder entender minhas companheiras. Eu, Lenira como eu fui, e Lenira como estou sendo hoje, depois de ter passado por um grande processo de aprender com outras pessoas, com as minhas companheiras" (1).

É assim que, diante de muitas vidas contadas aos pedaços, ao longo da convivência com um grupo de Trabalhadoras Domésticas - T.Ds. de Campinas, desde 1981, quando elas estavam tentando reativar sua associação, paralisada havia 13 anos **(2)**, e depois, acompanhando as iniciativas de mobilização e organização da categoria, despertamo-nos para um aprofundamento maior sobre as questões gerais da mulher no mercado de trabalho e sobre o trabalho doméstico remunerado mais especificamente. Foi uma caminhada

---

(1) ----- "Só a gente que vive é que sabe". In Cadernos de Educação Popular, nº 4, 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1984, p. 9.

(2) Utilizaremos, neste trabalho, o termo "Trabalhadora Doméstica" para significar a empregada em casa de família. Embora a expressão Empregada Doméstica seja consagrada popularmente, a nova Constituição 88, ao reconhecer a categoria, lhe confere o nome de Trabalhadora Doméstica. Entendemos que a mudança de nome insere um conteúdo semântico mais abrangente. Trabalharemos apenas com a categoria no feminino, embora reconheçamos que cerca de 5% são do sexo masculino que exercem atividades propriamente masculinas, caseiros, jardineiros, motoristas, na grande maioria. A associação à qual nos referimos, reativada em 1982, transformou-se em Sindicato das Trabalhadoras Domésticas de Campinas, Valinhos e Paulínia em novembro de 1988.

interessante, que continua até hoje. A importância de uma pesquisa específica se deu muito depois, quando iniciamos a discussão de temas concretos sobre as questões específicas da T.D.

Os momentos vividos pelo grupo, que se mantém até hoje, ora reduzido, ora ampliado, as discussões decorrentes, bem como os contatos individuais, contribuíram para iniciarmos a reflexão sobre a mulher, a trabalhadora, a T.D., a classe trabalhadora.

Podemos identificar três momentos desta vivência, interligados e, ao mesmo tempo, diferenciados.

No início, a história de exploração no trabalho era analisada no plano emocional, e as saídas - resistências individuais - discutidas longamente. De um lado, o sentimento da doméstica "não ter valor" permeava toda a compreensão dos direitos trabalhistas, em confronto com os dos demais trabalhadores. Por outro lado, as percepções da importância dessa ocupação na sociedade eram expressas, ainda que pouco elaboradas. A ligação entre os dois elementos, ao nosso ver, era inexistente, podendo ser explicitada pelo distanciamento entre a categoria e o conjunto dos trabalhadores. A relutância para uma aproximação maior era nítida.

Alguns conflitos conjugais surgiram devido à participação da mulher no movimento. Estes, trazidos para o grupo, fizeram-nos desvendar, num segundo momento: a submissão-dominação, a dupla jornada, enfim, a situação de

dependência da mulher no âmbito familiar. O tema da doméstica ampliava, nesse momento, o leque de preocupaçöes que o grupo já começava a elaborar e o levou a procurar discutir as questöes da mulher.

Inicia-se, em seguida, o terceiro momento: a iniciativa de contatos e discussão com outras T.Ds. nos bairros, nas creches, em assembléias, em boletins sobre questöes levantadas e amadurecidas no grupo. As dificuldades encontradas na aglutinação de T.Ds. nos seus locais de trabalho e de vivência fizeram-nos refletir sobre o seguinte: por que a trabalhadora doméstica, muitas vezes ativa na comunidade, no seu bairro, abre mão do potencial de discussão que o espaço da organização trabalhista lhe oferece? Que tipo de mobilização propiciaria maior participação? Eram mil questionamentos que surgiam, concomitantemente ao engajamento de alguns membros do grupo no movimento da categoria que se articulava nos planos estadual e nacional. As inquietaçöes sobre a categoria e a distância deste grupo com a mesma provocaram vários impactos expressos de várias maneiras. Nesse momento de discussöes, surge um primeiro objetivo de pesquisa, formulado por elas: que motivaçöes induzem a T.D. a se mobilizar para uma participação política como trabalhadora?

Por um lado, o fato da T.D. estar inserida na classe trabalhadora - sua ocupação sendo computada na População Economicamente Ativa - PEA - não basta, ao nosso ver, para identificar sua articulação e inserção na mesma. Por outro lado, há de se reconhecer que esta trabalhadora não está inserida no mercado de produção de capital, no sentido

de produção de mais valia, embora sua ocupação não deixe de ser atividade econômica que se articula perfeitamente com o mercado de capital, sem este, necessariamente, usufruir diretamente da mesma. No setor terciário, ela se caracteriza como ocupação diferenciada "serviços individuais". É diferente tanto pelas condições de trabalho (ausência de legislação) (3), como pelo espaço em que se desenvolvem estas atividades (casa de família). Além disso, o seu trabalho é eminentemente feminino e carrega o peso da discriminação, tanto pelos homens, nas suas organizações de trabalhadores, como, em certos casos, pelas próprias mulheres.

Diante dessa complexidade - diferenças/dependências - e das hipóteses levantadas, surge a necessidade de entender como essas situações diferenciadas são sentidas por estas mulheres, antes mesmo de investigar a sua mobilização para a participação no movimento da categoria. Delineia-se então melhor o objeto de estudo. Procuraremos observar as percepções que estas trabalhadoras têm do seu cotidiano - trabalho, vivência familiar e social - e as relações que elas estabelecem entre o cotidiano e sua inserção na classe trabalhadora, tanto no trabalho como na família e no conjunto das manifestações dos trabalhadores, organizados ou não. Enfim, tentaremos identificar sua visão de classe a partir das ações que elas elaboram no seu dia-a-dia.

Ações, no sentido do que elas fazem, individual ou coletivamente, no âmbito do trabalho e na

---

(3) Apesar de, em outubro de 1988, seus direitos trabalhistas terem sido ampliados, como explicitaremos mais adiante, neste estudo trabalharemos com a situação anterior, isto é, quando havia poucos direitos.

sociedade em que vivem. Representaçöes, no sentido do que pensam e dizem sobre o que fazem. A apreensão das dimensöes de sua identidade profissional, de suas resistências individuais e coletivas, e sua visão de classe determinam, ao nosso ver, o seu potencial mobilizador.

Para iniciar a discussão da questão, sentimos a necessidade de situar mais amplamente o universo da T.D. Ajudaram-nos muito os estudos já realizados no Brasil. São relativamente escassos, mas suficientemente abrangentes para delinear, no plano nacional, o pensamento dos pesquisadores, ora deixando falar esta mulher, ora interpretando a sua fala.

O Capítulo I deste trabalho procura apresentar, ainda que parcialmente, esta categoria de mulheres trabalhadoras: primeiro, no âmbito de sua participação na PEA feminina, com a perspectiva de visualizar suas semelhanças e suas diferenças no bojo da discriminação existente na sociedade e no mercado de trabalho, pela sua condição de sexo; segundo, no âmbito de sua identidade própria de trabalhadora na atividade que exerce no mercado de trabalho, na tentativa de entender sua especificidade e as representaçöes que elabora de suas condiçöes de classe.

No Capítulo II estão presentes as reflexöes e discussöes teóricas que embasam a análise da pesquisa realizada. Elas se fundamentam em dois níveis: em primeiro lugar, na necessidade de conhecer o cotidiano como tecido social, no qual repousam as contradiçöes e se constroem as mudanças. Esse cotidiano, como conjunto "dos sentidos, das capacidades intelectuais, habilidades manipulativas,

sentimentos, paixões, idéias e ideologias" **(4)**. A vida cotidiana abrangendo a organização do trabalho, a vida privada e atividades sociais que, percebidas intensamente, desencadeiam ações fortalecedoras ou transformadoras dos rumos da vida, situa-se num patamar superior ao da cotidianidade. Em segundo lugar, no entendimento de que as percepções dos determinantes e posições de classe se fundamentam na capacidade de se definir como trabalhador, na clareza do antagonismo de classe e na percepção de si, do outro e da sociedade. Nesse sentido, Touraine traz uma grande contribuição para o estudo da questão.

A metodologia de pesquisa, que constitui o Capítulo III, foi se definindo quando Dona Nina disse um dia: "Vou lhe contar minha vida, isto é, apenas um pedacinho"**(5)**. Acreditando que a trajetória de vida contribui para a compreensão de representações ideológicas e ações conseqüentes, optamos pela História de Vida na sua totalidade com cortes temáticos, junto a oito T.Ds. não participantes do movimento.

A análise dos dados da pesquisa nos permitiram aprofundar os elementos que constituem a visão de classe de um grupo de T.Ds. Identificamos, a partir de categorias definidas, dois grupos que apresentam visões diferenciadas de classe. De um lado subsiste a mulher, presa ao universo feminino, cujo trabalho e ações são voltados tão somente para

---

(4) AGNES, Heller, O cotidiano e a história - 2ª edição - RJ, Paz e Terra, 1985, p. 17.

(5) Dona Laudelina de Campos Mello, 85 anos, doméstica desde 1915, fundou a primeira associação no Brasil, em Santos - SP, em 1936, e em Campinas em 1961. Aposentada, até hoje acompanha a categoria e continua compromissada com o movimento negro em Campinas. A citação acima se referia à discussão acalorada, devido a tantos intervenientes, sobre o episódio da conquista do Registro em Carteira da T.D. e direito à Previdência Social em 1972.

a sobrevivência e a realização de papéis secularmente definidos como domésticos. De outro, surge a mulher trabalhadora que define melhor seu papel no trabalho e na família, empreende rupturas necessárias, determina espaços na sua condição de classe. Esta análise é objeto do Capítulo IV.

Terminamos este estudo introduzindo a questão da participação como conseqüência da visão totalizante de classe.

Embora este estudo não tenha nascido na academia, estamos consciente de que sem ela não teríamos adentrado na questão deste tema com a mesma profundidade. Por isso, não poderíamos deixar de registrar os nossos agradecimentos aos professores que, com suas contribuições em torno do tema, nos ajudaram a dimensionar o estudo, à orientação do Prof. Dr. Salvador A.M. Sandoval pelo seu estímulo e competência, aos funcionários da Faculdade de Educação da UNICAMP, ao Instituto Carlos Chagas que, através da Prof^{a} Dr^{a}. Zeila de Brito Fabri Demartini, pôs à disposição sua biblioteca, por fim à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) que, através do financiamento, tornou possível este trabalho. Pretendemos agora, sendo cumpridas as exigências acadêmicas, retomar a discussão no movimento das T.Ds. para a devolução à categoria dessas reflexões.

CAPITULO I

A TRABALHADORA DOMÉSTICA NOS ESTUDOS DOS ULTIMOS ANOS

Da mucama à empregada doméstica, alguns séculos se passaram. As transformaçöes econômicas ocorreram, as leis trabalhistas surgiram, os costumes mudaram e os atores atuais de um cenário antigo (escravocrata) deparam-se constantemente com situaçöes parecidas, consideradas superadas ou em via de superaçâo pelo conjunto dos trabalhadores como amplamente discutidas nos meios femininos. Isto é: a doméstica como mulher e a doméstica como trabalhadora.

1.1. O trabalho feminino no setor terciário

O trabalho feminino é caracterizado, sob vários aspectos, como estando concentrado nos setores tradicionais da economia, embora alguns setores dinâmicos venham absorvendo, nesses últimos anos, em tarefas nâo especializadas, uma parcela maior da mâo-de-obra feminina. É no setor terciário e sobretudo na prestaçâo de serviços que se localiza a maior parte da Populaçâo Economicamente Ativa - PEA - feminina **(1)**. Brizolla (1982 - mimeo) sugere que essa

---

(1) V.Anexo 1, citado por Cristina BRUSCHINI, in Mulher e trabalho - Uma avaliaçâo da Década da Mulher , SP, ed. Nobel/Conselho Estadual da Condiçâo Feminina, 1985. Esse trabalho representa uma contribuiçâo muito significativa como síntese de estudos sobre o assunto para a

escolha se dá em virtude da flexibilidade das condiçöes de trabalho, porque garante o equilíbrio entre as atividades produtivas e as funçöes reprodutivas.

A mulher, no seu papel de produtora e reprodutora da força de trabalho - maternidade/domesticidade - é confinada às relaçöes sociais e econômicas no interior da unidade familiar. Não resta dúvida de que, quando impelida a entrar no mercado de trabalho, os setores a ela oferecidos são predeterminados pela conjuntura econômica, fluxos e refluxos de capital e conjuntura política do momento. Até os anos 70, vários estudos apontavam a entrada da mulher no mercado de trabalho como sendo fruto da necessidade do capital, ou para ampliar este mercado ou para substituir a mão-de-obra masculina pelas vantagens diferenciados que a mulher apresenta: docilidade/submissão/baixo custo desta mão de obra **(2)**. É interessante notar que ela pode ser utilizada também como massa de manobra para fins políticos. Spindel mostra em uma pesquisa que, de 1980 a 1985 - momento de maior recessão econômica - a taxa de crescimento da mão-de-obra feminina foi significativa, sobretudo no setor terciário, sendo o governo o maior empregador. "Trata-se de uma forma cultural histórica (quase folclórica, se não fosse tão dispendiosamente improdutiva) acionada sempre que o governo sente ameaçada a sua legitimidade, a qual costuma ocorrer com

---

explicação da discriminação e das ambigüidades que cercam o trabalho feminino. Extrairemos desse trabalho vários dados no plano nacional e do Estado de São Paulo.

Lúcia AVELAR, in O Segundo Eleitorado - Tendências no Voto Feminino no Brasil, Campinas, ed. UNICAMP, 1989, p. 33, afirma que, em 1980, 54,6% das mulheres presentes na força de trabalho encontravam-se no setor de serviços.

(2) Encontramos vários autores que discutem estes aspectos, principalmente os ligados ao trabalho doméstico, JUNHO, 1981; BRIZOLLA, 1982; SAFFIOTI, 1978 e 1979, BRUSCHINI, 1985; AVELAR, 1989, e outros.

mais freqüência em épocas de crise econômica e de eleições" (3). A participação da mulher no mercado de trabalho poderia se configurar, então,como uma forma de tentar diminuir as tensões sociais provocadas pela situação econômica.

2. O trabalho doméstico remunerado

Não se trata aqui de fazer o histórico do trabalho doméstico contratado, mas constatamos que, de uma forma ou outra, ele sempre existiu nas camadas sociais que tinham maior acesso ao autoconsumo. Classificada nos censos demográficos no setor terciário, como subcategoria "dos serviços pessoais", essa ocupação apresenta nas últimas duas décadas uma variação significativa. De 26,8% em 1970 ela se eleva a 39% em 1976 e oscila, de 1980 até hoje, entre 20 e 22%. São cerca de dois milhões e meio de mulheres. Esses números indicam que, na realidade, ocorreram algumas mudanças. Vários fatores, aos quais voltaremos mais adiante, explicam esse fato (4).

Como todas as ocupações consideradas femininas, o emprego doméstico sofre, no modelo capitalista vigente, dupla discriminação: sexual e ocupacional, mas de forma diferenciada.

O fato dessa categoria ser constituída, em sua quase totalidade (94,2% em 1986), por mulheres, e tendo em

---

(3) SPINDEL, Cheywa, R., in A mulher Frente à Crise Econômica dos Anos 80, SP, IDESP, Nº 18, 1987, pp.23,37.

(4) Conferir Anexo 2 e FARIAS, Zaira Ary, DOMESTICIDADE: "CATIVEIRO" FEMININO?, RJ, Achiemé/CMB, 1983, p. 81.
SINGER, Paul contribui para a compreensão da ligação entre serviço doméstico e auto-consumo in Economia Política do Trabalho, SP, Hucitec, 1977.

vista as características do comportamento da mulher no trabalho, seria lógico deduzir daí a fragilidade reivindicativa e organizativa. É lugar comum afirmar que o trabalho é considerado um campo de subordinação da mulher. "As mulheres ocupam postos mais baixos na hierarquia ocupacional que os homens, tem menores chances de mobilidade, recebem salários sistematicamente menores, apresentam uma taxa mais alta de instabilidade de emprego, exprimem politicamente sua condição de trabalhadora de forma menos agressiva e suas determinações de classe são sutis" **(5)**. Essas afirmações (embora constatemos que a situação está em via de mudança), acrescidas às características próprias da atividade em estudo, poderiam nos levar a inferir que a categoria dificilmente conseguirá alcançar a satisfação de seus interesses. Voltaremos sobre o assunto na análise de nossa pesquisa.

Sendo o trabalho doméstico **natural da mulher**, "já nasceu para isto, né ... para os serviços domésticos" **(6)**, a T.D. substitui a dona de casa/empregadora e ocupa um espaço privado - doméstico - cuja gerência é de outra mulher e que "tende a se ampliar e diversificar quanto mais elevado for o nível de renda familiar" **(7)**, as relações de submissão-dominação, estudadas por vários autores com muita propriedade, assumem proporções bastante desgastantes com relação à produtividade **(8)**.

---

(5) JUNHO, Valéria, MULHERES E TRABALHADORAS, RJ, ed. Paz e Terra, RJ, 1981, p. 34.

(6) Entrevista com Dona Maria, 35 anos, 27/01/88.

(7) BRUSCHINI, ob. cit, p.40.

(8) Tomamos aqui produtividade não no sentido econômico, mas sim social. FARIAS (1983), SAFFIOTI (1978), SANTOS (1983) entendem que a questão da submissão, como se apresenta, impede uma relação trabalhista saudável. Marx, ao falar de produtividade do trabalho social, dimensiona

A dupla jornada, legado potencial de toda trabalhadora, torna-se efetiva na totalidade da categoria e reveste um caráter especial, pois é a mesma atividade que é realizada nos dois turnos **(9)**. Como bem o sublinha Bruschini, as estatísticas oficiais são incapazes de revelar tais dados, mas a sua subestimação não consegue esconder a realidade **(10)**. Ao desgaste físico acrescenta-se o desgaste psicológico. A rotina e o isolamento contribuem para o cansaço e, por isso, quando as condições financeiras se acomodam, ainda que não satisfatoriamente, quantas T.Ds. deixam o trabalho doméstico remunerado temporariamente ou parcialmente **(11)**.

Como trabalhadora, a T.D. enfrenta uma discriminação diferenciada tanto pelo tipo de trabalho, como já vimos, como pelo tratamento que a legislação dá à ocupação.

---

a relação num nível mais amplo, quando se trata de produção capitalista. in O Capital, livro I, volume II, 10 ed., SP, ed. Difel, 1985, p. 748.

(9) A T.D. conta com a ajuda de parentes, filhos, muitas vezes menores, ou creches públicas e particulares filantrópicas para cuidar das crianças durante o período de trabalho. Não encontramos, nas pesquisas realizadas, casos de T.D. contar com a ajuda permanente remunerada.

(10) In Mulheres na Força de Trabalho na A.L., Petrópolis, Vozes, 1984, Neuma AGUIAR, na sua introdução, analisa as formas de coleta de dados censitários sobre o trabalho feminino e afirma que o modelo econômico, a posição dos agentes formuladores e das organizações produtoras interferem quanto aos objetivos e amplitude do objeto de escolha das categorias para a mensuração do trabalho feminino. A alta importância dada ou sua simples omissão são conseqüências das opções, nem sempre explicitadas ao nosso ver.

(11) A diarista, figura nova no serviço doméstico remunerado, ainda a investigar, aponta um elemento interessante nesse sentido. Segundo depoimentos, ela expressaria, entre outros aspectos, uma ruptura com o modelo vigente. "Não sei se as outras enjoam ... mas eu enjoo ... todo dia a mesma coisa ... todo dia aqui em casa mesma ... tem dia que, ah!, meu Deus, tem que fazer tudo, não sai do fogão". (Maria, ob. cit., mensalista durante muitos anos, optou por ser diarista). Domingas, que foi T.D. mensalista e depois metalúrgica na montagem por alguns tempos, é hoje diarista e afirma que é melhor: "Além do salário, me sinto mais livre".

Por ser um trabalho que visa o consumo individual, não é classificado como produtivo nos padröes de análise clássica da produção capitalista **(12)**. Embora tendo sua necessidade econômica no sistema, como comprovam os autores já citados, sua produção não aparece. O capital apenas se aproveita deste trabalho, sem considerá-lo. A sua invisibilidade no sistema concorre para a sua desvalorização.

Até os anos 60, o Estado tratava da questão no direito civil, remetendo, em diversas leis, às delegacias de polícia os registros de admissão no emprego e dispensa/demissão. Além de serem decretos estaduais e esporádicos, estes nunca foram aplicados, possivelmente porque, de um lado prevalecia o entendimento da inadequação e, por outro, trocava-se a legislação pela benevolência: "tratar com urbanidade o empregado" **(13)**. Em 1972 o Ministério do Trabalho assume suas responsabilidades diante das pressões da categoria após o 1º. Congresso Nacional das Empregadas Domésticas de 1968, sobretudo no tocante à legislação previdenciária, e torna obrigatórios o registro em carteira, a previdência social, férias e direito à aposentadoria. Em 1988 estes direitos são ampliados na nova Constituição **(14)**.

---

(12) A lei nº. 5.859 de 11/12/72, art. 1o., define o empregado doméstico como "aquele que presta serviços de natureza contínua e de finalidade não lucrativa a pessoa ou família, no âmbito residencial destas".

(13) MORAIS, Evaristo de Filho, in Temas Atuais de Trabalho e Previdência, SP, ed. LTR, 1976, num dos poucos estudos realizados sobre o tema, aponta com propriedade os aspectos sociais da legislação e comenta que foi a primeira profissão regulamentada por lei no mundo ocidental de após Revolução. No Brasil, a história de sua legislação é longa, como relatam DE LUCCA, Carlos Moreira, in Relação de Emprego Doméstico: O Contrato de Emprego Doméstico no Direito Brasileiro de Trabalho, Tese de Mestrado, mimeo, USP., 1980, e SANTOS, Ely Souto dos, in As Domésticas - um estudo interdisciplinar da realidade social, política, econômica e jurídica, Porto Alegre, Ed. da Universidade, 1983. A existência e a atenção ao trabalho doméstico e servil constam das Ordenações Filipinas - nascedouro da legislação trabalhista brasileira - logo no Império.

Como resultado da combinação das características citadas e determinantes desta atividade, entendemos que as relações se estabelecem na base da arbitrariedade. As formas mais comuns expressas são o clientelismo e o assistencialismo. Clientelismo no sentido de desenvolver mecanismos para manter "empregada boa", muitas vezes em detrimento da própria empregada. Isto, articulado com a afetividade e o assistencialismo, acaba provando à empregada que deve "demais à patroa" em bondade **(15)**.

Essa relação, fundamentada no subjetivismo, impede enxergar o tratamento da questão trabalhista com critérios predeterminados, uma vez que critérios de avaliação de desempenho, pautados numa legislação e no contrato, e o espaço desta ocupacão na sociedade não são definidos. Embora sejam aspectos diferentes da questão, a ligação entre ambos é ambígua e extremamente estreita. Quando a T.D. afirma, e isto é comum, "que não tem valor", cremos que ela se refere aos dois aspectos. (Voltaremos sobre o assunto na análise da nossa pesquisa). Enfim, o isolamento na ocupação, aliado ao caráter excludente da legislação, contribui para o

---

(14) Em edições dos jornais dos anos 70, encontramos as manifestações de empregadas domésticas, em Brasília, reivindicando seus direitos. Segundo dona Nina, 85 anos, fundadora da Primeira Associação de E.Ds. em Santos, em 1936, e em Campinas em 1961, "a luta foi grande". O texto da Constituição em 1988 consta dos direitos acrescidos: salário mínimo, fixado em lei, nacionalmente unificado, capaz de atender às suas necessidades vitais básicas e às de sua família, com moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte e previdência social, reajustado peridodicamente, de modo a preservar o poder aquisitivo, vedada sua vinculação para qualquer fim; irredutibilidade do salário, salvo disposto em convenção ou acordo coletivo; décimo terceiro salário com base na remuneração integral ou no valor da aposentadoria; repouso semanal remunerado, preferencialmente aos domingos; gozo de férias anuais remuneradas em, pelo menos, um terço a mais do que o salário normal; licença à gestante, sem prejuízo do emprego e do salário, com duração de cento e vinte dias; licença-paternidade, nos termos fixados em lei; aviso proporcional ao tempo de serviço, sendo no mínimo de trinta dias, nos termos da lei; aposentadoria.

(15) Encontramos muitos depoimentos neste sentido e KAUFMANN (1975) manifesta claramente a visão patronal. KAUFMANN, Tania, AS AVENTURAS DE SER DONA DE CASA, RJ, Arte Nova S/A, 1975.

obscurecimento da percepção da T.D. como trabalhadora e como classe. Estes são fatores notáveis de diferenciação, que tornavam difícil a inserção da T.D. no movimento dos trabalhadores em geral e no movimento sindical especificamente, pelo menos até há poucos anos. A sua organização legal em defesa dos interesses da categoria era registrada apenas em cartório civil. Não sendo regulamentada como categoria profissional no Código das Profissões, ela não gozava, até a promulgação da Constituição de 1988, dos direitos à organização sindical. Havia apenas duas associações profissionais (APED-SP e APED-RJ), conseqüentemente consideradas pré-sindicais, registradas há mais de vinte anos, que fugiam à regra (segundo advogados trabalhistas) e constituíam-se como casos à parte, sem explicação legal. Com a ampliação dos direitos, inclusive os sindicais, em janeiro de 1989 quatro associações iniciaram seu processo de transformação em sindicato, entre elas a associação de Campinas.

No movimento sindical urbano, o espaço legítimo de participação tem sido conquistado recentemente através da participação de algumas lideranças domésticas no conjunto dos trabalhadores organizados, isto principalmente no Rio Grande do Sul, São Paulo, Rio de Janeiro e Nordeste.

Como já citamos, vários estudos apontam para o avanço do debate em questão: o trabalho doméstico remunerado como atividade econômica. Em alguns, o tratamento dado à legislação reconstrói a história e apresenta as ambigüidades da lei **(16)**. A literatura explorou por muito tempo, de forma

---

(16) Parece-nos que DE LUCCA e MORAIS, ob. cit., adentram na questão com maior profundidade.

sentimentalista, a "ama-de-leite", a "criada", a "doméstica". Hoje em dia, as reportagens apontam para a "auxiliar", a "secretária", "a ajudante" etc **(17)**.

Como é de se esperar, nem a T.D. nem suas lideranças têm acesso aos estudos feitos a respeito de sua ocupação/profissão e do seu cotidiano, interpretados com propriedade ou superficialmente. Encontramos muitos depoimentos analisados fora de suas instâncias e distantes de suas discussões. A primeira publicação da T.D. - "Amábile" (1972) - que encontramos é desconhecida no meio doméstico e tornou-se propriedade sociológica **(18)**. Um outro depoimento publicado e que chama atenção é o da T.D. Lenira (1984). Este nos parece ter sido gerado com finalidade pedagógica para a categoria **(19)**.

Tentaremos, neste capítulo, levantar os aspectos que nos interessam especificamente. Resgatando o perfil traçado de 75 a 80, por quatro autores, de norte a sul do país, apontando algumas mudanças ocorridas em meio a essas

---

(17) SANTOS, ob. cit., estuda 10 contos ou romances cujas protagonistas são T.Ds. e explora, nos comportamentos apresentados, suas capacidades de construção de identidade e/ou resistências. Ele identifica a ternura, a luxúria, a angústia, o ódio, a astúcia, as artimanhas, a lealdada, a candura, a inveja e a didática numa longa análise de textos.

(18) NASCIMENTO, Amábile S., DOMÉSTICA: ATAVISMO SOCIAL, (PATERNALISMO X MANHA), 88 páginas, SP, Ed. Programática - 1972, Coleção Sociológica a seu alcance. Mais da metade do texto se intitula: Análise. Esse depoimento de mulher trabalhadora que gritou sua experiência como E.D. e presidente da APED-SP, gestão 70-72, não foi bem recebido no seu ambiente por não constituir um legado para a categoria, segundo estudo feito por Solange Ramos Peirão que, em pesquisa em curso, resgata a história da APED-SP.

(19) LENIRA, "Só a gente que vive é que sabe", 78 p. in Cadernos de Educação Popular, nº 4, 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1984. Trata-se de uma história de vida vertical, mulher com mais de 30 anos de profissão e de convivência com outros grupos de mulheres e trabalhadores. Nos contatos sobre o assunto com lideranças do movimento, inferimos maior aceitação por parte delas. Além disso,a autora, ainda atuante no movimento nacional, parece estar totalmente respaldada.

trabalhadoras e situando-as no conjunto da PEA feminina, a partir, principalmente, do trabalho de Bruschini (1985) **(20)**.

Resta-nos um desafio: estabelecer uma ponte, sem pretensões de esgotar todos os estudos feitos, entre a produção científica sobre as questões significativas e as preocupações, manifestadas nas intermináveis discussões no interior do movimento, sobre o significado dessa profissão para a T.D.

Neste capítulo, consideramos importante resgatar o perfil da T.D. a nível nacional. Os extensos e valiosos estudos já citados retratam esta trabalhadora nos anos 75/80. É certo que estes anos marcam o fim de uma década bastante agitada no movimento dos trabalhadores que registrava novos passos nas suas lutas reivindicatórias e históricas e levantava novas questões que, através de resgate histórico-pedagógico, far-se-ia necessário articular. Porém, arriscamos considerar os dados levantados, no geral, ainda significativos, tendo em vista que não houve mudança estrutural, tanto por parte da legislação, como por parte da organização interna desta categoria, pelo menos até 1985, quando se deu o "V Congresso Nacional de T.Ds." que, de certa

---

(20) FARIAS, ob.cit. Em levantamento exploratório realizado em Fortaleza (1978) com cerca de 250 T.Ds. e patroas, a autora procura estudar em que medida a libertação e liberação de algumas mulheres ocasionam a escravidão de outras, entendendo que a T.D. executa o seu trabalho em casa de outra mulher, naquilo que lhe é atribuído com a divisão social do trabalho.

MOTTA, Alda Brito da, VISÃO DE MUNDO DA EMPREGADA DOMESTICA - UM ESTUDO DE CASO - Salvador, 1977, mimeo. Em 1976, Motta entrevista 41 T.Ds. de um conjunto habitacional de Salvador e intenciona investigar o espaço da T.D. e a ambigüidade do seu trabalho. Ela se limita a traçar a visão do mundo que a T.D. manifesta no seu dia-a-dia.

SAFFIOTI, Heleieth Iara B, EMPREGO DOMÉSTICO E CAPITALISMO, Vozes, Petrópolis, 1978. A partir de cerca de 1.000 entrevistas (1975) a autora identifica os pólos de dominação existentes entre patroa-empregada e amplia o estudo sobre a formação social capitalista, demonstrando o caráter não capitalista do fruto do trabalho desta categoria ocupacional.

SANTOS, Ely Souto dos, ob.cit. A partir de várias fontes bibliográficas, inclusive questionários, SANTOS apresenta a cosmovisão da T.D. em Porto Alegre em 1975. BRUSCHINI, ob.cit.

forma, rompeu com os Congressos anteriores na sua forma de tratar as questöes específicas da categoria e sua mobilizaçåo. As conclusöes apontam para uma abertura para o conjunto dos trabalhadores. No VI Congresso em janeiro de 1989, segundo as avaliçöes das delegadas, as modificaçöes se realizam na categoria no sentido de maior participaçåo, ainda que grande número de T.Ds. nåo tenha alcançado seus direitos.

Tentaremos, no que segue, identificar, a partir das pesquisas já realizadas, quem é esta mulher trabalhadora entre as mulheres, e as formas de cumprimento dos direitos trabalhistas.

3. A Trabalhadora Doméstica - Mulher entre as mulheres

A existência da T.D., sobretudo no período estudado, remete-nos à queståo da migraçåo. A formaçåo econômica das três últimas décadas, estruturada a partir da abertura para o capital externo voltado para a indústria, desencadeou um movimento de migraçåo interna, possivelmente irreversível, sobretudo com a penetraçåo do capital no campo **(21).**

Nåo é de se estranhar entåo, que, nas regiöes metropolitanas encontra-se grande número de T.Ds. entre as populaçöes recém-chegadas do campo. Porém, é uma categoria de migrantes diferenciada, sobretudo no Norte, Nordeste e Rio Grande do Sul, na maioria dos casos, pois essas mulheres,, predominantemente jovens, já se deslocam para as capitais,

---

(21) Cf. SPINDEL, ob. cit. pp. 18 ss.

com emprego e/ou moradia assegurados com parentes ou patröes e mantêm seus laços familiares intensos ou por visitas periódicas, ou pelo compromisso de remeterem mensalmente parte do salário para a família.

Nas capitais - Porto Alegre, Fortaleza e Salvador - cerca de 80% dessa mão-de-obra originava-se da zona rural. No interior de São Paulo a situação já se apresentava diferente. Em Araraquara-SP, apenas 25% procediam do campo **(22)**. Em levantamento dos dados disponíveis no arquivo da Associação de E.D. de Campinas (AED-Cps), nos anos de 82 a 86, encontramos menos de 2% de T.Ds. nascidas em Campinas. Na Grande São Paulo (Gde.SP), onde não houve nenhum movimento migratório significativo nos últimos anos, registrava-se, em 1986, mais de um terço de T.Ds. com menos de 3 anos de migração **(23)**. Os motivos dessa migração coincidem em todos os estudos, sendo apontados com maior freqüência: busca de emprego e vantagens urbanas, sobretudo a procura de estudo.

Com relação à idade, em 1976, época da realização das pesquisas em estudo, a PEA feminina urbana no Brasil indicava 6% dessa mão-de-obra menor de 14 anos e 34% na faixa de 15 a 19 anos. Essas porcentagens se mantêm em 1983 segundo Bruschini. Os dados revelam que, no trabalho doméstico remunerado, a mulher começa a trabalhar mais cedo que as demais trabalhadoras **(24)**

---

(22) SANTOS, ob. cit. p. 83; FARIAS, ob. cit. p. 28; MOTTA, ob. cit. p. 37; SAFFIOTI, ob. cit. p. 43.

(23) Vide em anexo tabela nº 03 - DIEESE-SP, março de 1988, mimeo, UM ESTUDO ESPECÍFICO SOBRE A CATEGORIA DE T.D.

(24) SANTOS, ob. cit. p. 81; FARIAS, ob. cit., p. 29; SAFFIOTI, ob. cit., p. 44; MOTTA, ob. cit. p. 29; BRUSCHINI, ob.cit., p.18 - Anexo 4.

As taxas de participação da PEA feminina no Brasil entre 1976-83 acusam um declínio após os 25 anos, sugerindo os efeitos do casamento e maternidade (Anexo 4). Na Gde.SP, em 1986, no trabalho doméstico remunerado, observa-se um fenômeno diferente. A taxa de participação, seja de T.Ds., seja de outras assalariadas, acusa um movimento crescente, manifestando o declínio após os 40 anos. Porém, as faixas extremas - de 10 a 17 anos e com mais de 40 anos - representam um índice bem diferente entre os dois grupos. As assalariadas somam 26%, enquanto que as T.Ds. são 40% (Anexo 5).

Desta forma, os dados da última década, não se alteraram. Em 1986, parece que se mantém o mesmo movimento, pelo menos em São Paulo. A T.D. entra no mercado de trabalho precocemente e se retira dele mais tarde. O fato da T.D. se retirar mais tarde do mercado de trabalho sugere que essa ocupação poderá sofrer, a médio prazo, um processo de envelhecimento. Santos afirma que diante do desprestígio cada vez maior, a tendência leva a acreditar que mulheres jovens procuram outros serviços e, cada vez mais, um número maior de mulheres T.Ds. com filhos se mantêm no serviço.

Em 1979, 77% das T.Ds. eram solteiras enquanto que, em 1980, os índices para a PEA feminina apontavam, para

---

A faixa etária ocupada nesse ramo de atividades era eminentemente jovem em 1975, situando-se entre 12 e 39 anos, sendo assim distribuída: em Porto Alegre encontramos 83% das entrevistadas entre 15 e 36 anos de idade, sendo que 86% destas eram menores de 18 anos. Em Fortaleza, 81% das mesmas tinham entre 12 e 39 anos (36% de 12 a 19 anos), contra 73,2%, entre 12 e 27 anos, em Salvador, e 73%, de 14 a 35 anos em Araraquara, sendo que nessa cidade 28% eram menores de 17 anos. O DIEESE identifica em 1986, na Gde.SP, 13% de T.D. entre 10 e 17 anos.

o Brasil e São Paulo, respectivamente 52% e 55% de solteiras, conforme Bruschini.

Com relação à escolarização, os dados estatísticos da PEA feminina no país em 1976 e as pesquisas por amostragem das diversas regiões com T.Ds. demonstram leve discrepância quanto à alfabetização. Havia maior número de T.Ds. analfabetas. Por outro lado, o antigo primário (estudo máximo na zona rural) estava sendo cursado por mais de 60% das T.Ds., contra 40% das demais trabalhadoras. Em 1976, 23% da PEA feminina nacional tinham menos de 1 ano de instrução e 40% de 1 a 4 anos, enquanto que no mesmo período, em Porto Alegre, Salvador e Araraquara, cerca de 10% das T.Ds. pesquisadas eram analfabetas e aproximadamente 50% tinham ou estavam cursando o primário. Nos dois estudos de Fortaleza, registravam-se os percentuais de 72% e 74% neste referido curso. Na Gde-SP. encontramos, em 1986, 20% de T.Ds. analfabetas e 75% com 1º grau incompleto, contra 4% e 44% das demais assalariadas **(25)**. Apenas 9% das T.Ds. em idade escolar freqüentam a escola na Gde.SP, segundo o DIEESE.

Estes dados podem nos confundir, se os compararmos. De um lado, considerando as pesquisas anteriores, podemos concordar com Saffioti que é um erro hoje manter a idéia (ou ideologia) de que a T.D. é analfabeta quando os dados revelam que alcançou parte ou o máximo da instrução oferecida à população pobre. De outro lado, que fatores intervenientes determinariam a recrudescência do analfabetismo e baixa escolaridade na Gde-SP em 1986? O

---

(25) Dados do IBGE, citados por BRUSCHINI, ob.cit.p. 115; SANTOS, ob. cit., p. 82; MOTTA, ob. cit., p. 37; SAFFIOTI, ob. cit., p. 45; FARIAS, ob.cit., p.67..

emprego doméstico impede de fato e de direito o acesso à escola? Sabe-se que diversos fatores determinam a baixa escolarizaçâo da mulher empregada doméstica: a sua origem rural lembra profundamente a escassez de equipamentos institucionais e de renda econômico-familiar; as raízes patriarcais definem o tipo de educaçâo dos filhos homem e mulher e seu lugar na sociedade; a necessidade premente de mâo-de-obra que contribua para o orçamento familiar, tanto na roça como na cidade; os preconceitos, que permanecem quanto à instruçâo e qualificaçâo da T.D., assim como a extensa jornada de trabalho negam-lhe o direito ao estudo. Os estímulos, quando existem, sobretudo para a T.D. que reside no emprego, sâo da patroa que procura conciliar o estudo da empregada com suas necessidades. Em São Paulo, como veremos mais adiante, quando se constata diminuiçâo da T.D. "Puerta adentro", há necessidade de aprofundar a questâo.

Confirmando as reflexöes de Farias, esses elementos sâo componentes de uma mesma estrutura de pobreza, quando nâo de miséria, decorrente da estrutura social, que mantém essa trabalhadora frustrada em seus sonhos de estudar ou prosseguir sua escolarizaçâo.As entrevistas em curso, para nosso estudo, sugerem essas reflexöes. Assim, Eva, nascida no interior de São Paulo, cursou a 3ª série, e desabafa: "Entre dentro da minha família teve outro problema, foi um dos mais causador, falta de estudo. Queria ter estudado e nâo tive oportunidade, morando longe da cidade, meu pai sem condiçöes de pagar uma escola pra mim, nâo estudei, por isso hoje levo a vida de empregada doméstica, por isso, porque meu sonho nâo era isso nâo, muito pelo contrário". Assim também Maria, pernambucana, criada no interior de São Paulo fala: "Ah! ...

eu ... minhas irmãs nenhuma sabe ler, porque meu pai falava que filho mulher não precisa estudar, né, é só trabalhar ... Eu vim, eu sei um pouco aqui ... em Campinas, entrei no MOBRAL ... aí consegui ... sei meu nome ... sei fazer meu nome em letra de forma e sei bem ..."

Sobre o tema da escolarização, os estudos realizados identificam também os aspectos de vivência cultural da T.D. Encontramos a prática da leitura em 51,5% das T.Ds. entrevistadas em Araraquara, contra uma média de 25% em Porto Alegre, embora se constate nesta cidade maior escolaridade. Livros escolares e revistas de entretenimento (sobretudo fotonovelas) são apontados por 23,6% no primeiro estudo e 22,9% no segundo. Cerca de 25% delas lêem algumas partes do jornal.

A televisão e o rádio, como cultura e lazer, têm a prioridade das entrevistadas em Araraquara e Porto Alegre. Os programas mais assistidos são as novelas e shows de projeção nacional. O noticiário é pouquíssimo ouvido. É interessante notar que, em Porto Alegre, onde foram encontradas 67,2% de domésticas residindo no emprego, dois terços delas dizem acompanhar os programas assistidos pelos patrões. Não se tem dados a esse respeito em Fortaleza, Araraquara e Salvador. Se considerarmos a população entrevistada, entre a qual 18,3% na segunda cidade e 90,2% na terceira (não temos dados precisos na primeira), residem no emprego, não seria exagerado deduzir que possa acontecer o mesmo nessas cidades, tendo em vista que a estrutura e as condições do emprego, até agora apresentadas, são significativamente semelhantes. Santos questiona se tais

preferências na escolha de programas de TV são autenticamente da categoria, ou são impostas pelo poder do patrão, ou ainda fator de assimilação da empregada pela classe empregadora, como valores comuns a ambas as classes **(26)**.

Com relação à composição familiar, a família de origem da T.D. é numerosa, tendo em vista sua procedência. Nos estudos realizados encontramos uma média de 6 filhos por unidade familiar.

No que diz respeito à ocupação profissional dos pais, predominam os assalariados manuais em Porto Alegre (62,7%), agricultores (41%) em Fortaleza, e trabalhadores urbanos e rurais não qualificados (53,9%) contra 41,3% de trabalhadores qualificados da indústria, comércio e serviços em Araraquara.

Quanto à renda familiar da época, ainda mais difícil de ser observada pelos cálculos diferenciados, identificamos que cerca de 70% das famílias da T.D. tanto em Fortaleza como em Porto Alegre têm uma renda inferior a três

---

(26) SANTOS, ob. cit., p. 99; SAFFIOTI, ob. cit., p. 45; MOTTA, op. cit., p. 109.
LENIRA, ob. cit., 1984, p. 30, enfatiza o acesso ao rádio de pilha como "uma coisa muito boa ... Meu deus, o homem inventou isso ... foi a coisa, minha Nossa Senhora ... Porque a gente não tinha acesso a nada ... A maioria das domésticas quase tem um rádio. Tem mesmo. Tem a prestação de tudo ... às vezes a patroa implica quando ela bota assim na cozinha, alto; mas ela pode baixar ou ouvir no quarto. Ela tem uma coisa dela. E ela pode ouvir as coisas que ela quer...".As reflexões que seguem no texto sugerem que o rádio quebra o isolamento e pode ser fonte de cultura. "... Ouvem música, novelas ... e às vezes ouve o noticiário, mas não entende, porque os caras, de fato, falam uma linguagem muito difícil ... Nosso programa de rádio tem ajudado muito. Por exemplo, o problema do "pacote", a gente vai ver com as pessoas que possa nos explicar e depois a gente passa para as meninas já miúdo, pelo rádio. Por exemplo, a gente não vai dizer percentagem; em vez de percentagem, a gente diz quanto vai tirar do seu dinheiro". O texto sugere também que a grande maioria mora no emprego e que o lazer é "as calçadas". Provavelmente à noite ou nas horas de folga elas se encontram na rua, por não poder levar ninguém para o seu quarto.

salários mínimos. Em Araraquara o nível de vida era sensivelmente melhor **(27)**

Em Campinas, segundo o levantamento de 82-86 da AED, já comentado, encontrávamos 58% de E.D. casadas. Na Gde-SP, em 1986, a média de filhos das T.Ds. é levemente superior às demais assalariadas, 2,7 filhos contra 2,3. Encontramos discrepância nas faixas extremas. Em relação às assalariadas, um menor número de T.Ds. tem 1 ou 2 filhos e a percentagem é maior quando se aumenta o número de filhos (V.Anexo 6). A presença e o número de filhos não parecem prejudicar a mulher T.D. substancialmente na sua articulação com o produtivo. Os dados da UNICEF/IBGE, citados por Bruschini, apresentados em anexo 7, mantêm-se aproximadamente nos mesmos níveis para a mulher de baixa renda. Os arranjos familiares e de vizinhança, os entendimentos prévios com os patrões, a vaga tão disputada nas creches públicas e particulares filantrópicas, até a interrupção temporária do serviço são meios ao alcance da T.D. com filhos para enfrentar a situação. A dupla jornada parece ser considerada normal, pois não há dados relevantes sobre o assunto.

Constatamos no contato com "mães de creche", nos anos 83 a 86 em Campinas, que este equipamento social é percebido como adequado para a situação e sua carência nas grandes cidades faz com que não se possa pensar, muito menos discutir sua qualidade, tal é o temor de perder a "vaga". A AED-Camp. recentemente se deu conta do conflito diante da resistência das T.Ds. em discutirem suas condições de

---

(27) Cf. SANTOS, ob.cit. pp.106,107; FARIAS, ob.cit.,pp.63-65; SAFFIOTI, ob.cit.,pp.46-47.

trabalho em reuniöes nas creches particulares que lhes abriam as portas.

Não há dúvida de que a condição de mãe discrimina essa trabalhadora, não tanto pela natureza do serviço, pois pela sua experiência e responsabilidade ela é muitas vezes preferida à solteira - sobretudo hoje quando há menos oferta para morar no emprego - mas pela falta de suporte familiar e financeiro quanto à guarda dos filhos durante a jornada de trabalho.

Indagadas sobre a reprodução humana, igualdade entre sexos, relação afetiva homem/mulher, as respostas demonstram que a mística feminina é fortemente sustentada por esta parcela de trabalhadoras. Em Araraquara, essa mística se manifesta como "a mulher nasceu para o lar e sua maior realização consiste em ter muitos filhos e zelar por eles", porém, 69,7% dizem ser favoráveis ao planejamento familiar, sendo mais de 50% pelas dificuldades financeiras que enfrentam **(29)**. A dicotomia entre a consciência da necessidade do planejamento familiar, devido às condiçöes de vida, e a aspiração de cumprir o papel de reprodutora, que a sociedade e a moral lhe impöem, cria na mulher das camadas populares conflitos difíceis de trabalhar **(30)**. Em momento nenhum se expressa a faculdade da mulher, como pessoa, poder escolher seu destino.

---

(29) SAFFIOTI, ob. cit., pp. 54, 55, 56.

(30) Em assessoria a "grupos de mulheres da periferia", onde se encontram donas-de-casa e T.Ds. de Campinas, nos anos 84-85-86, época de grandes discussöes sobre a saúde da mulher, devido às orientaçöes da política controlista no país, pudemos presenciar depoimentos dolorosos a respeito. Tia Maria, como era chamada no grupo, se expressa assim: "Como posso discutir a pílula e seu perigo para a minha saúde, se sou obrigada a tomar".

Ao mesmo tempo que as informantes nas pesquisas reconhecem a igualdade entre os sexos, elas expressam a submissão, a dupla moral existente, como fazendo parte das relações estabelecidas e não questionáveis. Em mais de 50% dos casos, as T.Ds. estabelecem uma divisão: quanto ao emprego (e aqui apenas 25% delas se expressam favoráveis à igualdade) e quanto à "igualdade de liberdade".

A liberdade, para as entrevistadas de Araraquara, é relativizada pela moral social e o peso de sua tarefa como educadora dos filhos. Pouco mais da metade delas afirma que "a mulher deve gozar ampla liberdade", embora um número maior diga ter essa liberdade. O homem/marido deve "ser provedor da família", "aquele que não tem vícios". Cabe à mulher/esposa "não ser ciumenta, deixar o marido viver a vida dele livre" **(31)**, (as representações das entrevistadas na nossa pesquisa revelam algumas mudanças nesse aspecto). Em decorrência, as qualidades inerentes à mulher são a virgindade/fidelidade conjugal, enquanto se exige para o homem "caráter", em seu sentido geral **(32)**. A socialização da mulher para o trabalho doméstico se fortalece pela sua ressocialização ou socialização secundária, segundo Saffioti, e se cristaliza na profissão. A grande maioria das casadas, segundo os pesquisadores, não pretende mudar de profissão. Acreditamos, com os autores, que os limites estruturais, familiares e pessoais determinam a não capacitação para outro desempenho profissional, e a ideologia de que "a mulher é feita para o lar" influencia, em grande escala, as respostas das informantes. Tanto que, para a maioria dessas, ainda

---

(31) SAFFIOTI, ob.cit.,pp. 99-101.

(32) MOTTA, ob.cit., p.92.

permanece o ideal da casa, vista como a mulher sustentada pelo marido. Mais de 90% das solteiras não pretendem continuar a trabalhar fora depois do casamento **(33)**.

Por fim, a questão racial está bastante presente quando se trata de relações sociais e produtivas. Ela aparece na relação T.D./empregadora. A grande participaçàò da mulher negra e parda no baixo terciário, segundo dados estatísticos **(34)**, explica que a absorção da maior parcela da mão-de-obra negra e parda se enquadra nos serviços domésticos. Os poucos levantamentos realizados no movimento de T.Ds. constatam o mesmo. Porém as pesquisas exploratórias realizadas em 1975 revelam dados diferenciados. Em relação à cor, é interessante constatar que os processos migratórios internos e externos interferem na composição dessa categoria de trabalhadoras. Enquanto no Norte e Nordeste mais de 75% da categoria em exercício eram negras ou mulatas, no Sul encontra-se um maior contingente de descendentes das colônias italianas e alemães **(35)**. Estes dados, embora não possam ser generalizados, constituem um fator de ponderação e podem sugerir que as migrações externas, quase que independentemente de raça, atualmente interferem também na divisão social do trabalho.

---

(33) SAFFIOTI, ob.cit.,pp. 71-91; SANTOS, ob.cit.,p. 100; MOTTA, ob.cit.,p.105.

(34) V.CARMINO, Sueli e outras in Mulher Negra" Política Governamental e a Mulher Negra, SP, Nobel/Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985, pp.12-14. O Censo de 80 registra em SP. no setor de prestação de serviços 12% de brancos contra 44% de negros e pardos.

(35) MOTTA, ob. cit., p. 29 e SANTOS op. cit., p. 82. Em Salvador 56,5% eram mulatas e 31,7% negras. Em Porto Alegre 62% de cor branca contra 16% mestiças e 22% negras. Em Campinas, encontravam-se, no atendimento jurídico (anos 86-88) cerca de 60% reclamantes de cor negra contra quase 90% nos anos anteriores. Estes dados sugerem que a T.D. negra está em diminuição? Que a T.D.branca assume sua ocupação e procura também seus direitos?

De qualquer modo, a cor é ainda fator de discriminação entre mulheres: patroas/empregadas. Sente-se muito a presença desse fator nas falas da doméstica, às vezes ligado à pobreza, às vezes ligado à escravidão, como se expressa Jandira (parda, 45 anos, nascida em Minas Gerais, 14/11/86): "Oh!, a pobreza virou bastante sacrificada, né ... tudo assim que, que a gente vai fazer parece que as pessoas não, num olha na gente assim, com a mesma segurança, parece que têm um pouco de receio da gente, principalmente a pessoa sabendo que tá mal arrumada, aí, vê se olha aí e negra, pior ainda ... Estas duas coisas acho que as domésticas têm que melhorar bastante ainda, ainda tem muitas por aí sofrendo e acho que as negras, assim ... ". E Izabel (04/08/88): "Para pajem, arrumadeira, elas preferem as brancas, para dentro, a cozinha, a limpeza, lavar roupa, preferem as negras".

4. A Trabalhadora Doméstica: das exigências ao direito profissional

A caracterização do trabalho da T.D., não dá conta por si só do universo desta trabalhadora. Os indicadores de função, jornada de trabalho, folgas, férias, rendimento, registro na Carteira Profissional, ajudam a entender até um certo ponto as discriminações, porém não explicam tudo. O trabalho doméstico remunerado não é apenas uma categoria de análise. Ele nos remete à pessoa da T.D. como ser humano com características biológicas, relações pessoais, familiares e sociais as quais definem, ao nosso ver, sua forma de participação na atividade produtiva **(36)**.

---

(36) BRUSCHINI, ob.cit., alerta para este aspecto, em se tratando da mulher trabalhadora, quando, ao introduzir a questão do trabalho feminino, levanta vários elementos a considerar que contribuem para uma maior abrangência da compreensão da questão.

Em nossa pesquisa tentamos identificar os aspectos levantados acima e aprofundar outros, tais como, de um lado o ajustamento ao trabalho, a rotavidade, as condições e tendências do mercado, a posição e arranjos familiares e, de outro, as formas de inserção como classe social, a visão do mundo, da sociedade, da moral, da política e o espaço de mobilização no movimento de organização de classe.

No emprego doméstico existe um leque de funções que podem ser exercidas por pessoas diferentes ou por uma pessoa que se encarrega de várias tarefas. Vários fatores conjugados interferem na decisão dessa trabalhadora oferecer ou aceitar serviços e, assim, optar por uma ou mais funções na mesma jornada. A qualificação e/ou experiência: "Eu sou cozinheira, e não abro mão"; os limites pessoais ou familiares quanto à duração da jornada, sobretudo quando tem filhos pequenos ou é chefe de família; enfim, a capacidade física também determina o volume de trabalho a assumir.

Parece-nos que, pelos estudos realizados nos anos 70-75, o salário nem sempre determinava a opção por determinada função. É comum, na ocupação, a função de cozinheira ser melhor remunerada, porém, não é a mais procurada **(37)**. As observações no momento da contratação mostram que a candidata combinava a questão salarial com a escolha da função apenas quando a experiência de tal negociação se tinha revelado eficaz. Eram poucas as T.Ds.

---

(37) Em levantamento específico da AED-Cps, no primeiro trimestre de 1988, para fins de conhecimento do cumprimento da lei, realizado com 152 mensalistas e 72 diaristas nos bairros e pontos de ônibus, constatou-se que o número de cozinheiras era inexpressivo.

que podiam determinar sua função a partir do gosto pessoal e do salário. A análise de nossa pesquisa revela que as T.Ds. com maiores experiências participativas diferenciadas presam muito esses aspectos.

Saffioti identificou as funçöes possíveis que a T.D. exerce e que aparecem por ordem de preferência nas pesquisas de Araraquara: governante, empregada que faz todo o serviço, cozinheira, arrumadeira, pajem, copeira, faxineira, caseira, lavadeira e passadeira. Em todos os estudos aparecem, com maior freqüência, "todas as lidas da casa" como a função mais exercida. É interessante notar que embora a cozinheira apresente maior faixa salarial, não aparece em primeiro lugar na pirâmide de prestígio ocupacional **(38)**.

Não se pode estabelecer correlação entre a escolha da função e a qualificação. Nos estudos em pauta não há manifestação de exigências quanto à capacitação. A constelação familiar (mãe-irmãs-tia) na socialização é apontada como maior agente de capacitação. A formação, quando realizada na casa da patroa, tende a ser feita em mais de 50% dos casos pelas outras empregadas da casa **(39)**. Não há dúvida de que o ingresso precoce nesse serviço, devido, de um lado, à necessidade da trabalhadora e, de outro, ao interesse do empregador em muitos casos, pode explicar a ausência da capacitação. Não significa, entretanto, incapacidade e inabilidade para treinamento rápido e adequado, pois as pesquisas apontam a permanência da T.D. no setor. Em Porto Alegre, 43,6% afirmavam ter chegado na cidade já contratadas.

---

(38) SAFFIOTI, ob. cit., pp. 63-64.

(39) SAFFIOTI, ob. cit., p. 58; FARIA, ob. cit., p. 63; SANTOS, op. cit., p. 87.

A socialização da mulher para a "segunda natureza", segundo Santos, pode justificar o fato de, em Porto Alegre, 96% das entrevistadas terem ingressado no mercado de trabalho como empregada em casa de família, contra 52,6% em Araraquara e 82,9% em Salvador **(40)**.

Estes dados merecem uma reflexão sobre os cursos de profissionalização de T.Ds. que não se constituem um referencial para a doméstica, a não ser em alguns casos específicos (pratos finos e congelamento). Segundo os depoimentos tanto de T.Ds. como de empregadoras, a aprendizagem para as tarefas específicas se realiza no próprio serviço. A configuração da prestação de serviços justifica tal prática. Parece-nos que a capacitação profissional, quando exigida nesta ocupação, tende mais a servir de suporte para a ideologia da manutenção do baixo prestígio e, em conseqüência, do baixo salário, do que atender aos requisitos individuais, se considerarmos que cada unidade familiar tem a sua dinâmica própria, o que supõe flexibilidade de adaptação para cada situação organizacional. Nas demais atividades do baixo terciário (serviços gerais, atendentes, auxiliares) e nas linhas de montagem não é exigida capacitação especifica aos trabalhadores. A regularização e a normatização do serviço tornam-se fonte de prestígio, de "valor", mas este não é percebido no emprego doméstico.

Das empregadas domésticas entrevistadas, egressas de outras ocupações, constata-se, em geral que, um alto índice é proveniente do baixo terciário (em Araraquara,

---

(40) SANTOS, ob.cit.,pp. 86-87; MOTTA, ob.cit.,p. 31; SAFFIOTI, ob.cit.,p. 58.

apenas 5,8% jovens operárias) e a ele tendem a retornar quando abandonam a ocupaçâo de T.D. A mobilidade vertical é quase que inexistente **(41)**. Em compensaçâo, a mobilidade horizontal é intensa, tendo por motivos mais freqüentemente alegados: a questâo salarial, as necessidades de estudo, a convivência insatisfatória com a patroa.

É interessante observar as explicaçöes dadas para o fenômeno da rotatividade que parece ter sua causa mais comumente expressada na insatisfaçâo. Saffioti considera a "insatisfaçâo indefinível" como sendo gerada pela própria modalidade de trabalho e sua situaçâo de subordinaçâo. As faixas de maior mobilidade encontradas em Araraquara situam-se entre 18-25 anos e 36-50 anos **(42)**. O que leva a sugerir que maior disposiçâo e/ou necessidade de permanência se encontram entre as casadas com filhos pequenos.

Farias levanta, para a questâo da insatisfaçâo, um elemento complementar baseando-se em depoimento: Maria, 17 anos, ganha trezentos cruzados ... "Nâo aumenta a diária ... tem que ficar satisfeita ... porque nâo quer voltar para a agricultura ... eu queria ir para casa ... estudar ... para ver se serve alguma coisa ... eu nâo dou mais para estudar, porque sou muito esquecida ...". Sâo idéias contraditórias de um mesmo contexto que tecem uma vida, aparentemente "sem saída". - Ideal de vida inatingível - como comenta Motta.

---

(41) SAFFIOTI, ob. cit., p. 58.

(42) SAFFIOTI, ob. cit., pp. 67-68.

As contradições vividas sem elaboração de solução são analisadas por Farias como um "destino cujas raízes lhes escapam". Ela sugere que esta situação cria "um canal horizontal de parasitismo social e estabilidade na pobreza ou impossibilidade quase fatal de ascensão social" **(43)**.

Neste sentido, Santos identifica dois planos que a doméstica vive no dia-a-dia do trabalho. O plano da necessidade para a sobrevivência e o plano "quereria" das "possibilidades impossíveis", das preferências, "se querer fosse poder" **(44)**.

Essas possíveis explicações para a dificuldade da fixação no emprego propõem três caminhos de análise. Em primeiro lugar, se entendemos bem Saffioti, trata-se de um problema relativo ao tipo específico do emprego doméstico: a relação existente de dominação/subordinação. Acreditamos que todo assalariado vivencia esta situação, porém, no caso em estudo, ela apresenta características diferentes: a percepção da exploração (embora não elaborada) não é compartilhada, pois o isolamento caracteriza este tipo de serviço e a vivência no dia-a-dia, lado a lado com o "dominador", figura feminina em quase a totalidade dos casos "subservivência face a face". Este fenômeno foi constatado muitas vezes com trabalhadores em confecção. A percepção da dominação era expressa, sobretudo, quando se tratava de chefe mulher. "Elas são piores do que os homens para mandar ..." **(45)**

---

(43) MOTTA, ob. cit., p. 30; FARIAS, ob. cit., pp. 56-57-73.

(44) SANTOS, ob. cit., p. 98.

Em segundo lugar, outros elementos de análise são relacionados à estrutura existente e foram trabalhados por Farias no caso do Nordeste, mas são também encontrados, embora em menor grau de intensidade, nos demais estudos. Trata-se da perda de raízes culturais. A T.D. proveniente da zona rural tem uma idéia/sonho da cidade e vida urbana, que não consegue concretizar na sua ocupação. Trata-se de infância "mal vivida". Substituindo a escola pelo trabalho desde os sete anos, em muitos casos ..."à noite, a gente, sabe ... sabe o que fazia à noite? Eu brincava de boneca ... Minha patroa me comprou uma boneca para mim ... eu pedi: "Dona Maria, compra uma boneca né, pra mim". ... à noite tava assistindo televisão e eu tava brincando de boneca ... no meu quarto ... Eu brinquei de boneca até dezoito anos ... mas não assim direto, sabe, não assim, quando terminava de lavar a louça do jantar, eu ia pra meu quarto porque não tinha como sair, né, lavava a louça da janta, e ia ...." (Maria entrou no serviço doméstico aos 14 anos - 27/01/88).

Em terceiro lugar, as frustrações e os sonhos, ou, ainda, a não percepção do ciclo de vida individual, relacionados com aspirações de ascensão, trazem um outro elemento: o **status**. Santos expressa, ao nosso ver, a amplitude desta questão. "Ser doméstica ou operário numa sociedade que insiste no êxito pessoal, no brilho das aparências, na supervalorização do grau acadêmico, na eficiência dos executivos, no poder dos tecnocratas, na

(45) Nos anos 84-85-86, em Campinas, iniciou-se um movimento de oposição ao sindicato das confecções. Ao discutir as condições de trabalho não solucionadas pelo sindicato, surgia muitas vezes a questão das relações no local de trabalho e a figura da chefe mulher era questionada no sentido de que, como mulher, deveria entender situações específicas da mulher e defender condições de trabalho mais adequadas.

extravagância dos milionários, é uma situaçâo de ambigüidade" **(46)**.

Voltando às tentativas de explicaçâo da rotatividade gerada pela insatisfaçâo, temos que considerar que, nesta categoria, a oferta é maior do que a procura e este fator é bastante significativo. O desemprego é visto pelas T.Ds. como fato pouco relevante, ao contrário dos demais trabalhadores, pois em todos os estudos elas afirmam "nâo faltar mercado de trabalho" **(47)**. Além do mais, as pesquisas efetuadas revelam que a T.D. dificilmente é demitida. Vários fatores explicam a inexistência de desemprego: a manutençâo e/ou aumento de empregadores em potencial (e a figura da "diarista" caracterizada no Emprego Doméstico é alternativa nos momentos de crise econômica); o nâo ingresso de novo contingente de trabalhadoras no mercado. Tendo em vista que nada de relevante se manifesta sobre a mobilidade vertical neste setor, podemos inferir um declínio desta mâo-de-obra a médio prazo. A média de permanência num mesmo emprego é extremamente baixa **(48)**.

Entendendo a insatisfaçâo "indefinida", que melhor expressaríamos, após estas reflexöes, como bem definida, sem entrar, por ora, no mérito dos direitos

---

(46) SANTOS, ob. cit. p. 98.

(47) Em Porto Alegre, três T.Ds. sobre quatro diziam nâo ter problemas em arrumar emprego (SANTOS, ob.cit.,p.88). Em Araraquara, a moda se revelava maior ainda: 89,8% encontravam com facilidade um emprego quando o desejavam. (SAFFIOTI, ob.cit.,pp. 85-87).

(48) A rotatividade é considerada em Araraquara e Porto Alegre (únicos dados disponíveis) como muito grande. No primeiro caso, a permanência num mesmo emprego em períodos inferiores a um ano é de 10,1%; entre um e dois anos é de 19,3% entre dois e três anos vai somente para 15,3%. Em Porto Alegre, os dados correspondentes sâo mais elevados. A permanência num mesmo emprego em 77,9% das entrevistadas é de menos de três anos. SANTOS, ob. cit., p. 88:, SAFFIOTI, op. cit. p. 66.

trabalhistas, quase inexistentes até 1988, conclui-se que quase não há nada a perder ao exercer-se o direito da troca de emprego.

Com relação ao rendimento, as conseqüências da divisão sexual do trabalho se manifestam mais claramente. Segundo Paulo Paiva, (1980 citado por Bruschini), a discriminação salarial contra a mulher é ainda mais evidente justamente naquelas ocupações nas quais a participação feminina é maior. A posição da mulher na sociedade, acrescida às características do emprego doméstico, fazia com que, em 1970, nesta categoria, 93% das T.Ds. percebessem uma renda que não ultrapassava 34% dos salários masculinos. Em 1971 ela ganhava entre 50 e 70% do S.M. A análise do seu rendimento nos remete a uma outra questão subjetiva que é a dos descontos, à qual voltaremos. Por hora, limitar-nos-emos a levantar os dados, excluindo esta variável.

Em todos os estudos, cerca de 80% destas trabalhadoras percebiam entre 1975 e 1978 menos do que o salário mínimo regional **(49)**.

Em 1980, Souza apresentava a seguinte renda média do serviço doméstico das grandes cidades: na grande Porto Alegre, 56,3% do S.M., 43% em Salvador e 75,3% na Gde-

(49) Em 1975, em Araraquara, 87% ganhavam 60,2% do S.M. (SAFFIOTI, ob.cit.,p. 48). No mesmo ano, em Porto Alegre, 86,4% ganhavam até Cr$ 300,00 (o S.M. era de Cr$ 350,00) (SANTOS, ob.cit., pp.93-95). Em Fortaleza em 1978, 86% percebiam 50% do S.M. Regional contra 64% seis meses depois (FARIAS, ob.cit.,p. 74). Enfim, MOTTA, ob.cit., p.29, levanta que em 1976, em Salvador, o salário médio da T.D. era de Cr$ 286,00 (o S.M. era de Cr$ 602,40). Ainda 7% das entrevistadas não recebiam salário por serem consideradas "crias da casa". É interessante conhecer os parâmetros que, na época, segundo FARIAS, norteavam os patrões (em especial a patroa) para determinar a formação do salário da empregada. O primeiro seria estabelecido por comparação ao salário mínimo, habitualmente descontando as "vantagens" que as domésticas teriam sobre os outros trabalhadores, tais como alimentação, moradia etc. O segundo parâmetro seria o próprio (des) valor atribuído aos prestadores de serviços do ponto de vista da classe dominante que procura se eximir de realizar seus serviços pessoais ("sujos").

SP., entre outras. Estes dados, na Gde-SP, tendem a diminuir em 1987, quando cerca de 60% das T.Ds. percebem acima do salário mínimo (Anexo 08) **(50)**. Seria interessante investigar as causas desta inversão nesta região do país que não parece ter sofrido mudanças na consecução dos demais direitos trabalhistas existentes.

Com relação aos descontos, é interessante observar que, ao se enfatizar os previstos por lei (caso de Porto Alegre e levantado também por Saffioti), computados como salário recebido **in natura**, eles não se relacionam com a exigência do contrato. É conveniência de quem a existência da empregada **puerta adentro** que necessariamente tem direito à moradia, higiene e alimentação completa? No caso específico do estudo de Santos, a conveniência patronal é evidenciada quando os dados revelam que 17,3% das entrevistadas ingressaram no mercado de trabalho porque buscadas pelos patrões no interior, 6,3% chegaram nesta cidade acompanhando os patrões, 4,3% tinham emprego garantido antes de chegar a Porto Alegre. Mais adiante, o autor afirma que 67,2% residem no emprego pela própria natureza do serviço. Sem definir claramente qual seria esta natureza, várias alusões são feitas a respeito do trabalho doméstico que não tem início nem fim. "Atividade de todos os dias e 24 horas por dia". Por fim, o autor conclui que o emprego doméstico é atividade para "celibatária" **(51)**. O que nos leva a sugerir que a disponibilidade integral seria exigência mais importante do que a capacitação e que ela é imprescindível ao trabalho.

---

(50) DIEESE/SEADE, ob.cit., p.23.

(51) SANTOS, ob. cit., pp. 82 e seguintes.

No nosso entender, há uma ambigüidade da lei sobre os descontos que não são relacionados com o tipo de contrato pois, no caso de exigência patronal, a necessidade de dormir no emprego significa que a empregada está potencialmente a serviço pelo menos 16 horas por dia, e sendo-lhe cobrado efetiva ou moralmente o desconto, esta trabalhadora paga para estar de prontidão. Parece-nos clara aqui a presença de mais um elemento subentendido na relação de subordinação a que nos referimos nas análises de Saffioti e Farias, assim como da indefinição da legislação trabalhista. Bruschini mostra que, em 1980, no Brasil, 33% das T.Ds. residiam com as famílias com as quais trabalhavam, num total de 776.250. No Estado de São Paulo, encontravam-se 23,3% (147.448) neste mesmo regime de trabalho **(52)**. Na Gde.SP., o DIEESE identifica, em 1985, 31,2% de T.Ds. residentes contra 29,8% em 1986. Estes dados mostram a tendência para a diminuição deste tipo de arranjo, pois não estão relacionados com a redução do mercado no período **(53)**.

No V Congresso de Empregadas Domésticas, 1985, em Recife, levantada a questão da ameaça dos descontos - que parece geral nas capitais do país - as discussões em torno levavam a sugerir a consciência deste falso paternalismo: "ao mesmo tempo que oferece na contratação, cobra muito em humilhação" **(54)**. Em 1989, no VI Congresso, voltou-se ao tema com a clareza de que o alojamento é questão

---

(52) BRUSCHINI, ob. cit., p. 43.

(53) DIEESE, 1988, ob. cit. No período estudado, conta-se um pequeno crescimento de emprego (explicado pela diminuição da modalidade "puerta a dentro") com relação às T.Ds. que não moravam na residência dos patrões (60% em 1985 e 70% em 1986).

(54) V CONGRESSO NACIONAL DE T.DS., 1985, Recife-PE. Conclusões - mimeo.

de contrato e que a alimentação deveria ser trazida de casa em caso de litígio, como qualquer trabalhador.

A duração da jornada de trabalho, por não ser definida por lei, resulta da negociação entre patrão e empregada. Parece-nos que as conquistas neste sentido são favoráveis às T.Ds.. Para as que alcançaram um grau de mobilização significativa, já se estabelecem na contratação a folga semanal e a jornada. Para as demais, ainda em maioria, no caso das casadas com filhos, a jornada é negociada tendo em vista os horários de abertura e encerramento das atividades das creches que têm a guarda dos seus filhos.

Para a compreensão da jornada de trabalho da T.D. podemos distingui-la em duas categorias: a que dorme no emprego **(55)**; a que tem residência própria. Pelo estudo do DIEESE na Gde.SP., de 1985 para 1986 constata-se que não há diferença nas duas modalidades. Em Salvador e Porto Alegre em 1975-78 nota-se a ligação entre o fato de morar no emprego e a extensão da jornada. O cálculo do tempo realmente trabalhado justifica a arbitrariedade no contrato. O estado civil parece também influir na jornada. Os dados que reproduzimos abaixo exemplificam as diversas compreensões das T.Ds. e pesquisadores. No nosso estudo trataremos apenas da mensalista, uma vez que a diarista ainda não era expressiva

---

VI CONGRESSO NACIONAL DE T.DS., 1989, Nova Veneza-SP - Teses para debates. Das congressistas, procedentes de doze estados brasileiros, 17% afirmavam ter descontos de alimentação, moradia e higiene, porém a ameaça pairava sobre todas.

(55) É interessante observar os conceitos utilizados pelos pesquisadores e as T.Ds. a respeito da residência com os patrões ou fora. Os primeiros adotam o termo "morar", "residência", e as T.Ds. falam do "dormir no emprego". A linguagem das mesmas, por nós observada e até incorporada nestes anos de convivência, não tinha chamado atenção para possível dupla interpretação. Parece um elemento questionável. O quarto não é considerado pela doméstica como moradia, na sua linguagem comum. Alguns aspectos poderiam ser analisados: a rejeição da situação? o constrangimento? O fato de não perceber o fim da atividade e o início do descanso?

na época. As referências percentuais são feitas baseadas na jornada de 48 horas semanais, vigente na época.

Observamos que, em Araraquara, 33% das solteiras conquistaram uma jornada de 8 horas, contra 15% acima da mesma, a moda se estabelecendo nas 9 horas. As casadas trabalhavam, em média, 10 horas e as demais (viúvas, desquitadas e amigadas) chegavam a 11 horas diárias. Seria interessante questionar os fatores determinantes, uma vez que parece não haver correlação com o horário de estudo e o salário. De qualquer forma, a capacidade de resistência à extensa jornada de trabalho se revela mais presente entre as solteiras.

Em Porto Alegre, 37% das empregadas investigadas diziam trabalhar 8 horas diárias, não computando as horas livres no meio da jornada. Segundo Santos, porque "Cônscias de sua situação, as entrevistadas foram sinceras ao declararem o número de horas realmente trabalhadas (...) pois (...) a doméstica está sempre a serviço, em decorrência do próprio trabalho que nunca começa e nunca termina ..." O autor compara a T.D. ao policial e ao militar que, por dever do ofício, devem estar sempre à disposição da corporação. Compara também ao padre, que, por dever de consciência, deve estar a serviço dos fiéis **(56)**. Este comentário sugere, no mínimo, ao leitor, uma comparação **sui generis** quanto às motivações que levam uns e outros à profissão e às suas realizações conseqüentes, o que nos parece um tanto frágil no caso estudado. A ambigüidade entre o "natural" da mulher e o

---

(56) SAFFIOTI, ob. cit. p. 59 e SANTOS, ob. cit., pp. 91 e seguinte.

seu trabalho remunerado que lhe garante o sustento e o de sua família é a expressão clara de uma posição de classe.

Considerando que, em Salvador, 90% moravam no emprego e, segunto Motta, "trabalham ao longo do dia até 19 ou 20 horas, podemos concluir que a jornada se mantém extensa, embora haja algum tempo para repouso ou lazer à tarde". Em Campinas, em março de 1988, encontramos 39% das mensalistas com jornada até 8 horas, 42% com 8 horas e meia, e acima desta jornada, isto é, 10, 11 e 12 horas de trabalho se encontram 27% delas. Na Gde-SP, de 1985 para 86, constata-se uma real diminuição da jornada da mensalista, da diarista e também da T.D. que mora na residência do patrão (Anexo 9). Em 1986, 38,5% trabalhavam mais de 48 horas semanais. Entre as que moravam no emprego, 55% estavam nesta faixa, contra 31,3% das que não residiam junto aos patröes. Neste mesmo período, a mulher assalariada trabalhava, em média, 39 horas semanais, com rendimentos três vezes superiores **(57)**.

Podemos, então, inferir que, apesar das mudanças efetivamente ocorridas, a jornada se mantém além do previsto em lei, antes de outubro de 1988, para cerca de 50% desta categoria e sugere que dentro da classe trabalhadora, este é o setor de ocupação que tem a maior jornada (excetuando o trabalhador rural) sem remuneração da hora extra. Segundo a PNAD, 1983, no Estado de São Paulo, apenas

---

(57) MOTTA, ob. cit., p. 29; AED-Cps, ob.cit., 1988; DIEESE/SEADE, ob.cit., 1988, pp 19-20.

19,7% das mulheres contra 32,4% dos homens trabalhavam mais de 48 horas semanais **(58)**.

O descanso semanal, também não definido por lei no período estudado, está intimamente ligado à jornada, como sugerem os depoimentos. Isso parece criar dificuldades na sua identificação pelas domésticas entrevistadas. Tanto em Salvador como em Porto Alegre, mais de 70% tinham "seu dia de descanso ou gozavam de certa liberdade para sair", sem explicitar, entretanto, de que forma se dava em termos de duração e do dia **(59)**.

As férias, de direito desde 1972, eram conquistadas em 53% da categoria em Porto Alegre contra 75% em Araraquara **(60)**. Estes dados podem estar subestimados, pois podem se referir ao ano em curso e não à prática conquistada após doze meses de trabalho no mesmo emprego. Em 1988, no levantamento realizado em Campinas, apenas 52% diziam gozar suas férias. A mobilidade horizontal justifica que, em muitos casos, a T.D. não goza férias por deixar o emprego antes de terminar um ano de serviço.

O registo na Carteira Profissional parece, nos estudos realizados, ser burlado pelos patrões e pouco valorizado pelas T.Ds. É interessante constatar a evolução da perda desse direito, conquistado em 1972. Em 1975, ele era cumprido em 35% dos casos estudados em Araraquara e 66,5% em

---

(58) BRUSCHINI, ob.. cit., p. 138.

(59) MOTTA, ob. cit., p. 29 e SANTOS, ob. cit., p. 93. No perfil das Delegadas no "VI Congresso Nacional de T.Ds." de 1989, encontramos ainda 20% que "trabalham de domingo a domingo" e 70% gozam férias anualmente.

(60) SANTOS, ob. cit. p. 93 e SAFFIOTI, ob. cit., p. 74.

Porto Alegre (as duas únicas e extensas pesquisas sobre o assunto). Em 1985, segundo levantamento nacional junto ao INPS, calculava-se que 33% das T.Ds. eram registradas. Na mesma época, na Gde-SP, apenas 20% tinham seu contrato de trabalho formalizado. Em 1988, em Campinas, apenas 29% das entrevistadas eram registradas. Em Porto Alegre, em 1975, como na Gde-SP, em 1986, encontramos um dado relevante. O número maior de T.Ds. registradas se encontra entre as que residem no emprego, o que pode sugerir, de um lado, a preocupação dos patrões em garantir a Previdência para eventual necessidade, e, de outro, persiste ainda, na maioria das que têm residência própria (supostamente as casadas), a dependência do cônjuge para o benefício do INPS.

Um outro dado não menos relevante é que as solteiras, jovens, não possuem registro, e que as viúvas, separadas, amigadas têm maior taxa de registro. O interesse pela aposentadoria expresso por estas últimas se contrapõe ao desprestígio da profissão, enfatizado nos depoimentos das primeiras. Tanto no caso da dependência do marido, como no caso da suposta transitoriedade na ocupação, os motivos parecem decorrer, até hoje, das intenções das próprias trabalhadoras. Muitas desconhecem a lei, faltam-lhes documentos, usufruem do INPS do pai ou marido. O desconto previdenciário enfatiza o estigma, por isso elas não querem "sujar" a carteira, posição esta, na quase totalidade, assumida pelas jovens. Nestas pesquisas bibliográficas, parece comum o costume do empregador arcar com todo ônus da Previdência. Esta posição é considerada por Saffioti como

paternalista **(61)** porque mascara, sem dúvida, o valor do salário.

A satisfação/ não satisfação, o ajustamento/não ajustamento, realização/ não realização, são categorias utilizadas para agrupar e explicar as facilidades e problemas que as T.Ds. encontram no emprego e que determinam seu ajustamento.

O que esta trabalhadora considera como satisfatório para o desempenho de suas funções, tanto em Porto Alegre como em Araraquara e Salvador, prende-se a elementos mais afetivos que racionais, como bem sublinha Saffioti: são relações primárias bem sucedidas com os patrões; bom trato dispensado; clima de afetividade: auxílio da patroa em alguma coisa e/ou companhia durante o trabalho, quebrando, assim, a monotonia e a solidão. As causas de insatisfação, por ordem de importância são: baixo salário, volume de serviços e jornada extensa, rotina e repetitividade, vontade de mudar de emprego, tratamento inadequado, sentir-se explorada, falta de liberdade, acatar ordens de várias pessoas, até de crianças, vigilância permanente. A causa real destas insatisfações e da alta rotatividade reside, segundo Santos nas condições objetivas do emprego. Reside "no tipo de trabalho que exige trato pessoal e íntimo com patrões, enquanto moradores sob o mesmo teto e, ao mesmo tempo, a subordinação laboral exige e impõe

---

(61) No tocante ao registro em carteira, ver SANTOS, ob. cit., p.101; SAFFIOTI, ob. cit., p. 69-73; Dados dos V e VI Congressos Nacionais de T.Ds., ob. cit., AED-Cps, 1988, ob.cit.: DIEESE/SEADE, ob. cit., p. 17.

distanciamento social" **(62)**. Essa ambigüidade parece ser a questão fundamental dessa ocupação.

Ao aprofundar o sentido das queixas, Saffioti as considera como provenientes da dominação/ subordinacão à qual a T.D. é submetida diariamente e que provoca a mobilidade horizontal acentuada, como já citado acima. Essa insatisfação indefinível que permeia os depoimentos passa pela modalidade do trabalho considerado pré-capitalista, segundo a mesma autora. Acreditamos que a dominação/subordinação não é o único fator de insatisfação. As dificuldades de apreensão deste por parte da T.D. contribuem, pelo menos em parte, para a vivência diária das ambigüidades. Em Porto Alegre 82% e em Araraquara 78,8% das entrevistadas declaram-se satisfeitas no emprego, sem correlação com idade e estado civil. Saffioti atribui este número relevante ao fato de que não há resistência à frustração. A empregada muda de emprego, sobretudo nas faixas de 18-25 anos e 40-50 anos, quando não se sente satisfeita. Em Porto Alegre, 86% dizem não ter dificuldade em encontrar serviço **(63)**. O mercado de trabalho sem dúvida permite ainda esta rotatividade. Em conseqüência, poder-se-ia concluir que a conquista de melhores condições de trabalho, salário, etc., estando nas mãos destas trabalhadoras, tenha avançado. Os dados expostos sugerem o contrário. Ao iniciar o estudo, Santos levanta a hipótese de que "esta categoria tende a desaparecer mesmo antes da conscientização, não pelas condições de trabalho ou por questões salariais, mas em

---

(62) SANTOS, ob. cit., p. 89.

(63) SANTOS, ob.cit., p. 90; SAFFIOTI, ob.cit.,pp, 80 e seguintes.

conseqüência das hetero e auto imagens depreciativas" **(64)** com o que concordamos em parte e que retomaremos mais adiante.

Embora o mercado esteja ainda em aberto, há tendência ao seu declínio, se se confirmarem, a nível nacional, os dados levantados de que não há ingresso de mão-de-obra nova nessa ocupação. De outro lado, há novos arranjos dos empregadores potenciais devido à crise econômica. A transferência da mão-de-obra jovem para outros setores do terciário e até do secundário, tendo em vista o desprestígio que se cristaliza nesta ocupação é fortemente apontado em todas as pesquisas em estudo.

Vale ressaltar que, apesar das queixas, a grande maioria, segundo os pesquisadores, não pretende mudar de profissão, seja: 87% em Porto alegre contra 54% em Araraquara **(65)**.

Acreditamos, com os autores, que os limites estruturais, familiares e pessoais influenciam para a não capacitação para outro desempenho profissional, mas a ideologia de "a mulher é feita para o lar" influi, em grande escala, nas respostas das informantes. Tanto que, para a maioria delas, ainda permanece o ideal da casa, visto como a mulher sustentada pelo marido. Mais de 90% das solteiras não pretendem continuar trabalhando depois do casamento **(66)**.

---

(64) SANTOS, ob. cit., p. 102.

(65) SANTOS, ob.cit., p.88; SAFFIOTI, op.cit., p. 91.

(66) Cf. SAFFIOTI, ob.cit., pp. 71-91; SANTOS, ob.cit.,p. 100; MOTTA, ob.cit.,p.105.

O fato da maioria das entrevistadas estar se mantendo nesta ocupação desde que começara a trabalhar, não pretendendo mudar e se dizendo satisfeita com a mesma, não significa que essas mulheres não tenham aspirações diferentes. Em contradição com a realidade, 28% em Porto Alegre gostariam de exercer uma profissão liberal. As demais gostariam de exercer outra profissão ligada ao baixo ou médio terciário: cozinheira, faxineira, enfermeira, balconista, caixa de supermercado, secretária, professora. Até 76% delas acham possível alcançar a realização profissional dos seus sonhos e 42% afirmam estar fazendo algo neste sentido (especialização, busca de outros empregos) **(67)**.

Embora em Araraquara 45,7% das entrevistadas considerarem a ocupação de doméstica como boa para as mulheres, "se ajusta à condição da mulher, independentemente do estudo", 65,5% dizem que a mulher é capaz de desempenhar qualquer função ocupacional. Nessa cidade, quase a metade das informantes declaram ser característica de bom emprego o contato humano (relações harmoniosas com a família e ser tratada como pessoa da família) **(68)**. Essa aspiração, identificada nos demais estudos, justifica a mudança constante de emprego em busca do que deseja.

Com relação ao salário que auferem, em Porto Alegre, 45,1% se dizem satisfeitas. Santos deduz que o sentimento de exploração provém do fato de que a doméstica

(67) SANTOS, ob.cit.,pp. 97-98-103.

(68) SAFFIOTI, ob.cit., p.87 e seguintes.

"está em condição de comparar o seu modo de vida - permitido pelo salário que percebe - com o dos patrões" **(69)**.

No que diz respeito à legislação, em todos os estudos, em graus diferentes, constata-se que a T.D. tem consciência da discriminação da qual é objeto. As entrevistadas, em Porto Alegre, definem as proteções que a lei deveria assegurar: a jornada, o salário, serviços assistenciais (médico-dentário), Fundo de Garantia, indenização **(70)**.

A solidariedade social, investigada apenas em Porto Alegre, revela que as entrevistadas não procuram colegas da categoria, outros trabalhadores ou ainda a própria família em caso de necessidade ou precisão de ajuda. Em grande escala os patrões são os primeiros a serem procurados **(71)**. Sendo os patrões seu grupo primário no momento, esta atitude pode se justificar, porém pode também se deduzir que o serviço é melhor assegurado quando uma necessidade premente é satisfeita.

As opiniões sobre o alcance da melhoria das condições de trabalho enfatizam a presença de uma ação externa à doméstica, ou seja: são os patrões que, ao reconhecerem seu trabalho, oferecerão salário maior e melhor tratamento. Apenas 12,6% entendem que a associação e união de classe poderão realizar algo neste sentido. A participação da

---

(69) SANTOS, ob. cit., p. 94.

(70) SANTOS, ob. cit., p. 101; SAFFIOTI, ob.cit., p. 70.

(71) SANTOS, ob. cit., 100; KAUFMAN, ob. cit., p. 67.

categoria em grupos e entidades de interesse diversificado é baixa (38,2%), 77,2% não sabem dos organismos de luta da categoria e classe trabalhadora **(72)**.

Em Salvador, segundo Motta, as entrevistadas conhecem o termo "classe", segundo Motta, mas expressam o seu conteúdo nos conceitos de rico-pobre, forte-fraco, que se complementam. Uma vez que a primeira pesquisa, nesta cidade, se desenvolveu em meio às empregadas de patröes de classe média, as distâncias parecem se diluir e as relaçöes sáo consideradas como igualitárias e cordiais, e as diferenças, neste caso, são vistas como falta ou não de sorte, desígnio de Deus, necessidade no mundo. No segundo levantamento exploratório que se realizou em meio às domésticas trabalhando para a classe alta, as manifestaçöes de agressividade, expressas por resistências individuais, são mais claras.

A consciência crítica se manifesta ainda de forma esporádica, pouco intensa e limitada. As alternativas de mudança como saída individual são indiscriminadas ou tintas de misticismo. A compreensão do antagonismo de classe é inexistente **(73)**. A visão de mundo, em conseqüência, é obscurecida pelas relaçöes primárias na família e no emprego, e o fatalismo religioso é amplamente evidenciado nos estudos em pauta. Não há percepção das relaçöes de mercado nem do lugar na produção, bem como da sociedade como um conjunto de relaçöes.

---

(72) SANTOS, ob.cit.,p. 102.

(73) MOTTA, ob.cit.,pp. 58-63.

Segundo Motta, a doméstica "constrói a sua utopia na expectativa das extrapolações primárias até o âmbito - e a superação - dos grupos secundários de trabalho e de classe" **(74)**.

O sobrenatural e o natural estão intimamente ligados. Mais de 80% das entrevistadas têm formação católica e, embora não participem de atividades cultuais, mantêm sua crença em Deus que detém o destino das pessoas **(75)**. Se somarmos o sincretismo religioso, identificado especificamente em Salvador, a religiosidade individual contribui para a falta de perspectivas coletivas de mudança.

Investigado particularmente por Motta, o entendimento da ação política pelas entrevistadas é praticamente nulo. A política é vista como ação personalista e paternalista. A participação, ao menos como eleitora, é também reduzida. Em Salvador, 46,3% possuíam o título de eleitora, contra 44,8% em Porto Alegre **(76)**. O exercício do direito do voto é bastante desacreditado em Salvador (1978), invocando a ineficácia, o desprezo. O governo mantém-se distante das entrevistadas, é "entidade abstrata" **(77)**.

Finalizando esta apresentação, ainda que sucinta e incompleta, constatamos que os estudos realizados significam um avanço teórico sobre a localização dessas

---

(74) MOTTA, ob.cit., p. 96.

(75) SAFFIOTTI, ob.cit., p. 45; SANTOS, ob.cit., p. 82; MOTTA, ob.cit., p. 98.

(76) MOTTA, ob.cit., p. 65; SANTOS, ob.cit., p. 101.

(77) MOTTA, ob.cit. p. 66.

mulheres na economia e mercado de trabalho. Eles apontam a sua distância com relaçâo ao conjunto dos trabalhadores e ao restante da PEA feminina. Eles identificam causas estruturais e ideológicas. Nos depoimentos relatados constatamos que a T.D. se expressa mas nâo se posiciona a partir de açöes concretas.

Ao nos propormos à avançar na pesquisa, uma preocupaçâo nos persegue: como articular a fala à compreensâo da realidade objetiva e subjetiva. Seria entender o que ela diz e o que ela fala e porque diz e porque faz. Thiollent **(78)**, em estudo específico sugere que a enquete, chegando ao trabalhador, possa lhe dar novas possibilidades de conhecer melhor a sua vida, organizar suas representaçöes de tal forma que essa nova visâo de sociedade possa lhe oportunizar maior participaçâo.

(78) THIOLLENT, Michel, CRITICA METODOLOGICA, INVESTIGAÇÂO SOCIAL E ENQUETE OPERãRIA, 4ª ed., São Paulo, Editora Polis, 1985.

CAPITULO II

A ELABORAÇÂO DA CONDIÇÂO DE CLASSE NO COTIDIANO

Tendo em vista que nosso objetivo é entender as representaçöes que as T.Ds. têm de suas vidas e de seu trabalho para identificar a sua visão de classe, optamos por estudar o discurso, através de alguns princípios, tomando o cotidiano como base de referência. Esse cotidiano, no qual se estabelece a trajetória de vida, parece-nos fundamental para iluminar a análise, evitando assim que ela se torne subjetiva. Por isso, apresentaremos aqui os dois aspectos que contribuirão para o aprofundamento da questão: cotidiano **versus** cotidianidade e os princípios como categorias para análise da visão de classe. A conexão destes aspectos está na utilização dos princípios como instrumento para melhor entender o cotidiano. Partimos do particular de cada entrevistada, em toda sua complexidade e totalidade para encontrar o genérico que também se revela em cada fala.

COTIDIANO E COTIDIANIDADE

A compreensão de que a vida individual está intimamente ligada à vida social, uma interferindo na outra, nos faz refletir sobre a dimensão do privado e do público no cotidiano.

"Las actividades domésticas son siempre parte de los procesos sociales "más amplios" de producción, reproducción y consumo; como tales, varían según la clase social. Las actividades domésticas no pueden ser analizadas independientemente de las relaciones socieconómicas de las sociedades en las que están implantadas"**(1)**

Assim, temos de considerar que o cotidiano é vivido dentro de uma sociedade de classes, cujos interesses são expressão de objetivos antagônicos que envolvem a produção e a reprodução do capital. As contradições existentes entre capital e trabalho constituem a teia das relações e o homem-mulher no trabalho, como na vida privada, vive essas contradições fortalecendo-se como classe ou alineando-se.

A visão da condição de classe não insere em si mesma a consciência de classe. As elaborações (representações) sobre a vida, as relações com a natureza e a sociedade, as próprias atividades, envolvem conhecimentos e idéias, bem como implicam desejos, interesses, esperanças e frustrações que são vividos no cotidiano. **(2)**.

Essas considerações nos permitem definir com maior clareza o espaço do cotidiano, que não se reduz ao doméstico familiar, como também não se desenvolve unicamente no trabalho ou na vivência social.

---

(1) RAPP, Rayna, citada por JELIN, Elizabeth, in Família y unidade doméstica: mundo público y vida privada, Buenos Aires, Estudios CEDES, 1984, p.15.

(2) MERISSE, Antonio - CONSCIENCIA SOCIAL E PARTICIPAÇÃO POPULAR NA PERIFERIA PAULISTANA - Tese de Mestrado, SP, mimeo, PUC, 1987.

Entendendo que o cotidiano é todo o lugar de vivência, de crescimento, de participaçåo e de mudança do indivíduo, ele é constituído por todos os atos, sentimentos e representaçöes que o mesmo vive, no dia-a-dia, em todos os níveis. O que esta complexidade, que se chama vida cotidiana, representa no universo do trabalhador e, em particular, o que ela traz de novidade para a compreensåo da T.D. na sua construçåo de vida, no seu acontecer histórico?

Agnes Heller **(3)**, em estudo que utilizaremos para a elaboraçåo de categorias que poderåo nos auxiliar na análise da pesquisa em curso, distingue o cotidiano da cotidianidade quando afirma que o "homem nasce inserido na sua cotidianidade (...) adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana".

A formaçåo econômica, a estrutura social, o ambiente cultural já determinam, por assim dizer, o indivíduo nos seus atos diários e o predispöem a agir, sem que ele, necessariamente, se absorva inteiramente em nenhum desses campos, com os quais ele se depara e se confronta. É o que chamamos de cotidianidade. O amadurecimento dessa cotidianidade aponta para o cotidiano do indivíduo e significa que ele coloca "em funcionamento, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixöes, ideologias" **(4)**. Somente o adulto consciente pode alcançá-lo, apesar de se manter, em muitos campos, em oscilaçåo entre esses patamares.

---

(3) HELLER, Agnes - ob. cit., p.18.

(4) HELLER, Agnes, ob.cit.p.17.

Admitindo que há uma distância entre a cotidianidade e cotidiano, que a cotidianidade não ultrapassa os parâmetros do senso comum e da habitualidade - rotina, arranjos - e que o cotidiano insere em si mesmo uma dimensão mais ampla e possui dinamismo interno capaz de mobilização, precisamos buscar os elementos que fazem do cotidiano - como construção de um modo de vida - um agente transformador. Entendemos este cotidiano não como objeto, mas sim como desafio **(5)**.

De um lado, considerar o cotidiano **"comme lieu géométrique des insignifiances" (6)** é apenas uma forma de qualificá-lo e inscrevê-lo na perspectiva das alienações, que é a vivência da cotidianidade. Por outro lado, para transformar o cotidiano num espaço real de "ações em mudança", Heller aponta dois fatores interrelacionados: a intensidade e a "inteiridade" (ser inteiro).

O cotidiano, em sua intensidade, supõe a purificação (no sentido de Heller) dos sentimentos, paixões e ideologias e envolve o ser inteiro nos seus atos. O conjunto de atos, posições, decisões, frustrações, conquistas, apresenta-se de várias formas: a vida cotidiana é marcada pela heterogeneidade, e, de certa maneira, se constrói numa ordem hierárquica. No seu conteúdo complexo de atos e pensamentos, dos mais concentradores aos mais antagônicos, em movimentos constantes (prática dialética), o cotidiano

(5) JAVEAU, Claude, "La Sociologie du Quotidien: Paradigmes et enjeux" in Revue Suisse de Sociologie, 1983, Volume 9,pp. 21 e ss. Este autor alerta para o risco de utilizar o cotidiano numa dimensão reduzida, ligada à exaltação das resistências e poesia decorrente, como substrato de uma teoria da sociedade de consolo.

(6) Idem p.23.

transforma-se, modifica-se em função da sociedade e da consciência do homem. "A heterogeneidade e a ordem hierárquica (que é condição de organicidade) da vida cotidiana coincidem no sentido de possibilitar uma implantação "normal" da produção e da reprodução, não apenas no "campo da produção" em sentido estrito, mas também no que se refere às formas de intercâmbio" **(7)**.

Neste sentido, o genérico e o particular estão contidos em todo homem. O indivíduo é, ao mesmo tempo, ser particular e ser genérico. Como a vida cotidiana é a vida do indivíduo (ser singular, porém não isolado), ela representa um movimento de dentro para fora como "modo de vida", como bem explicita Isabelle B.Wiame **(8)**. E, pelo conteúdo histórico- sociológico, ela representa um movimento de fora para dentro. "Nosso sistema social está em tudo, inteiro em todos os nossos atos, em todos os nossos sonhos, delírios, obras, comportamentos e a história deste sistema está em tudo, inteira na história da nossa vida individual" **(9)**. A elevação ao humano genérico não significa jamais uma abolição da particularidade. A unicidade e a irrepetibilidade fazem dos atos do indivíduo atos ontológicos. Com a capacidade que a vida cotidiana tem de proporcionar ao indivíduo opções e alternativas constantes, torna-se maior e mais intensa a possibilidade de elaborações interiorizantes e exteriorizantes. A homogeneização do cotidiano apareceria,

---

(7) HELLER, Agnes, ob.cit.,p.18

(8) WIAME, Isabelle B., "Vie Quotidienne, Pratiques Féminines et Histoire", in Revue Suisse de Sociologie, Volume 9, 1983.

(9) FERRAROTI, Franco, Histoire et Histoires de Vie, Paris, Librairie des Méridiens, 1983, p.51.

então, quando a individualidade encontra, num ponto de equilíbrio, a totalidade.

Heller identifica algumas características que podem contribuir para identificar o particular e o humano genérico contido em cada açâo da vida cotidiana:

- **a espontaneidade**, que facilita a manipulaçâo das habilidades, sentimentos, paixöes, idéias etc., no sentido em que há diferenciaçâo de opçöes e decisöes no plano das açöes e das situaçöes que envolvem estas açöes. Ela supera os ritmos, a repetiçâo e a rigorosa regularidade que marca a cotidianidade;

- **a probabilidade**, que fornece a base dos atos do cotidiano. A relaçâo objetiva, ainda que com riscos, entre o ato e suas conseqüências, faz com que o indivíduo humano - genérico consciente - possa calcular com segurança suficiente as possibilidades do êxito (eliminaçâo das catástrofes do cotidiano). Existe, então, na base da probabilidade, um certo economicismo da vida cotidiana. "O pensamento cotidiano orienta-se para a relaçâo de atividades cotidianas e, nessa medida, é possível falar da unidade imediata de pensamento e açâo na cotidianidade"; **(10).**

- **as atitudes na vida cotidiana são absolutamente pragmáticas.** Não se pode dizer que as idéias, necessárias à cotidianidade, elevam-se ao plano da teoria. Embora existam elementos próprios à práxis,

---

(10) HELLER, Agnes, ob.cit.,p.31.

também não podemos afirmar, segundo Heller, que a vida cotidiana é práxis em si, ela o será só quando esta atividade, que abrange o homem na sua totalidade (humano genérico), tornar-se consciente, superando assim a cotidianidade. "Setor prilegiado da prática" **(11)** o cotidiano é tecido de criações, estilos e modos de vida, que correspondem a uma cultura, é também tecido de atos repetidos e gestos reeditados. A renovação e a alienação cotidiana, segundo Maria Ester B.Dias, são elementos da "dialética da unidade e do conflito", caracterizando-se, como Lefèvre coloca: "pela apropriação (dos próprios homens) da vida em geral e de suas próprias vidas em particular"; **(12)**

- Outra característica, segundo Heller, do pensamento cotidiano é a **ultrageneralização**, baseada, segundo Heller, tanto na experiência individual, como nas suas formas consuetudinárias. A manipulação da ultrageneralização gera juízos provisórios "que a prática confirma ou, pelo menos, não refuta, durante o tempo em que, baseados neles, formos capazes de atuar e de nos orientar" **(13)**. O juízo provisório se torna preconceito quando descolado da confiança necessária para a orientação da vida cotidiana. O preconceito existe quando afeta toda nossa individualidade e integridade moral. No manejo do "singular" na solução de situações, responde-se com juízos provisórios e recorre-

---

(11) LEFEVRE, Henri, citado por DIAS, Maria Ester B., in A Dialética do Cotidiano, SP, Cortez, 1982, p.96.

(12) DIAS, Maria Ester B., ob.cit.,p.96.

(13) HELLER, Agnes, ob. cit.,p.34.

se a analogias, utilizando-se de fatos semelhantes. "Classificamos em algum tipo já conhecido, por experiência, o homem que agora queremos conhecer, sob algum aspecto importante para nós e essa classificação, por tipos, permite nossa orientação"; **(14)**

- **O uso de precedentes** insere-se na mesma linha de raciocínio. Mais útil no conhecimento de situações do que de indivíduos, ele pode ser prejudicial quando inibe a inovação, a superação de práticas conservadoras;

- **a imitação, ou mimese**, também é um artifício que oferece respostas imediatas para a vida cotidiana. Util no intercâmbio de situações corriqueiras, torna-se impecilho quando tolhe a liberdade individual;

- por fim, **a entonação** garante a individualização na comunicação e no intercâmbio. Somente a unicidade do indivíduo inteiro é privilegiada por meio do "tom" que dá a sua conduta.

Todas essas propriedades, inseridas e, por assim dizer, utilizadas na vida cotidiana constroem o indivíduo. Todas têm em comum o fato de serem necessárias para o homem consciente viver o seu cotidiano. Porém, cristalizando-se em absolutos, contribuem para a alienação. "Existe alienação quando ocorre um abismo entre o desenvolvimento humano-genérico e as possibilidades de desenvolvimento dos indivíduos humanos, entre a produção

---

(14) HELLER, Agnes, ob.cit.,p.35.

humano-genérica e a participaçâo consciente do indivíduo nessa produçâo". **(15)**

Se considerarmos que a vida cotidiana é orientada por uma organizaçâo social, num determinado sistema de classes, no qual se desenvolvem relaçöes antagônicas entre o capital e o trabalho, entendemos as dificuldades existentes entre o "desenvolvimento dos indivíduos humanos".

Nesse contexto, o homem é forçado a elaborar ou reelaborar constantemente suas formas de vida. Suas tentativas de superaçâo da alienaçâo sâo esforços, nâo mais de reconquista de um cotidiano "como forma de existência natural" **(16)**, mas de reconstruçâo de uma vida alterada. É a partir desse cotidiano que podemos compreender os conflitos, as resistências e as passividades concretas dos indivíduos tanto no seu particular como no seu ser humano-genérico.

PRINCIPIOS PARA ANALISE DAS REPRESENTAÇOES DO COTIDIANO

Ao iniciar um estudo sobre a consciência de classe, Ricardo Antunes (1980) questiona-se sobre a validade deste, uma vez que o proletariado tem origem rural comum e interesses, mesmo que velados, parecidos: o ideal de ascençâo social. Nâo pretendemos entrar neste estudo, porém, o questionamento vale para aprofundar a nossa questâo, uma vez que o universo em estudo apresenta a mesma

---

(15) HELLER, Agnes, ob. cit.,p.38

(16) REBOREDO, Lucilia Augusta, A TRANSFORMAÇÂO DE UM BAIRRO OPERãRIO NUMA COMUNIDADE: UM ESTUDO DE PSICOLOGIA SOCIAL DO COTIDIANO - Tese de Mestrado, SP, mimeo - PUC, 1983, p.32.

característica. Pelos estudos já realizados, aos quais nos referimos no início do trabalho, poderíamos inferir mais um elemento excludente: o sentimento de marginalidade, quando não de exclusão, em que esta parcela de mulheres se percebem como trabalhadoras, as desclassifica para uma categorização segura de potencial de consciência? Entendemos a ocupação da T.D. como atividade individual, isolada, e sem valor de mais-valia em si. Além disso, está subordinada diretamente à reprodução das forças de trabalho, reforçando a sua posição de sexo. Estes elementos, não comuns a outras atividades, têm o efeito de ocultar os interesses de sua classe. Uma questão, então, se coloca e nos parece premente: o cotidiano, mais amplo do que o trabalho, pode ser o lugar que faz brotar os interesses que podem mobilizar esta trabalhadora para a mudança?

Neste sentido, trabalharemos de forma mais abrangente os princípios de identidade, oposição e totalidade de Touraine **(17)**.

1. Identidade

A princípio, a necessidadde de se perceber como **"gente"**, pessoa, trabalhador, parece ser uma questão primordial para qualquer tipo de empreendimento de visão de classe.

Do reconhecimento de si - indivíduo como trabalhador -, de sua contribuição como força de trabalho, à

---

(17) TOURAINE, Alain, LA CONSCIENCE OUVRIERE, Paris, Ed.du Seuil, 1966, p.316.

valorizaçâo dada pelo mesmo em termos econômicos (salários), passando pelo entendimento de seu papel na produçâo, encontramos um leque de conflitos que bloqueiam em certos momentos qualquer avanço e, portanto, exemplificam o que Touraine chama de princípio de **identidade**. Identidade como capacidade de se definir como trabalhador, definir sua funçâo e seu papel nesta funçâo (para que serve). É também o entendimento do sistema de comunicaçâo existente e possibilidade de relaçöes interpessoais com os demais trabalhadores, bem como de relaçöes a estabelecer com chefias. Enfim, é um juízo seguro sobre a remuneraçâo e aquilo que representa - pelo esforço exigido e qualificaçâo - no custo total do produto, frente ao poder aquisitivo que lhe dá. Para que haja um mínimo de satisfaçöes no trabalho a percepçâo da importância de tal atividade é imprescindível.

A administraçâo do trabalho no sistema capitalista, ao mesmo tempo que considera a força de trabalho como mero número de matrícula, sabe ocultar este fato nas horas de crise, ressaltando a importância do trabalhador na "colaboraçâo" que dá ao aspecto social da produçâo. É evidente que a clareza de tal comportamento já é desmascarada na indústria, devido às lutas acumuladas no âmbito sindical. No emprego doméstico, poderíamos questionar a oscilaçâo desta visâo, considerando as condiçöes específicas em que se desenvolve o trabalho: o isolamento de outros trabalhadores, o contato direto com o empregador e as bases em que se estabelecem as relaçöes. É um fenômeno que poderia ser auferido em várias das atividades do setor terciário.

Enfim, o juízo sobre a remuneração define o justo salário. Por parte do trabalhador, vários indicadores podem ajuizar a valorização monetária: a abrangência, o esforço dispendido, o tempo de duração e horário, a qualificação, o prestígio, o lugar onde se realiza o trabalho, as relações que envolve, a sua importância na engrenagem etc. Touraine explicita, a propósito, no nosso entender, que à medida em que a atividade se afasta das formas modernas de trabalho industrial, mais a remuneração aparece como o encontro conflitual de dois princípios totalmente estranhos um ao outro: o preço do trabalho mensurado diretamente em termos de valor do objeto produzido e o salário pago, que depende do grau de dominação exercida pelo patrão sobre o mercado de trabalho **(18)**.

A representação da identidade desaparece, ou é bastante prejudicada, à medida que se torna mais difícil determinar a produção individual, à medida que as ligações entre a produção e o consumo se tornam mais estreitas, bem como, no caso do trabalho doméstico, a rede de relações se torna mais próxima e se afasta da situação do mercado de trabalho onde se encontram apenas compradores e vendedores da força de trabalho.

Precisamos colocar aqui que o princípio de identidade não se entende apenas no plano individual, senão acentua o **esprit de corps** - corporativismo - ou defesa de um lugar na ordem social não questionada. Deve-se ligar a uma representação do conjunto da sociedade e se definir em relação à sua posição de classe.

---

(18) TOURAINE, Alain, ob.cit., p.318.

2. Oposição

O princípio de **oposição** aponta para a representação dos interesses antagônicos, da clareza de objetivos diferenciados entre as classes identificadas na linguagem popular como: patrão x empregado, opressor x oprimido, explorador x explorado, rico x pobre. Seria a representação consciente possível desses interesses, do lugar e papel que o trabalhador ocupa na produção. Seria também a representação das relações que se estabelecem e porque se estabelecem. Seria a capacidade de definir os elementos para a avaliação de custos sociais e econômicos: produção e lucro. No caso do trabalho doméstico estes elementos se tornam difíceis de serem visualizados e comparados. A análise das relações tanto sociais como econômicas cede o lugar a uma concepção de relações personalizadas e integradas, ocultando assim a presença de interesses de classe.

A representação de interesses específicos vai além da constatação de uma situação. Vai além "da união de uma consciência de si e de uma consciência da sociedade" **(19)**. A percepção da estratificação social bem como o sentimento de exclusão individual ou de grupo não são motivações suficientes para a mobilização, para a ação. Há necessidade de representações de interesses e projetos - ainda que individuais - que aproximem o trabalhador de sua condição de classe.

---

(19) TOURAINE, Alain, ob. cit.,p.321 e ss.

Mais uma vez a experiência positiva da ação, conjugada com a representação da sociedade como sistema, e a vontade - intenção - de transformação são elementos fundamentais na conquista da visão da existência de classe a partir de interesses e projetos específicos.

3. Totalidade

Parece-nos que o princípio de **totalidade**, abrangendo a percepção de si,do outro e da sociedade - como organização econômica e sistema de poder - constitui-se como alavanca para a visão de classe.

Não há dúvida de que a representação de totalidade dilui o corporativismo que as sociedades totalitárias souberam implantar e fortalecer para manter o trabalhador alheio a interesses comuns. O velho ditado popular: "dividir para reinar", produziu os efeitos desejados para a classe dominante de todos os países. Enquanto o trabalhador não se sentir parte integrante de um todo, não visualizar as relações existentes no trabalho e nos diversos grupos da sociedade, não se pode dizer que tem interesse de classe e, assim, não há perspectiva de mudança. Intuímos também, e isto resta ainda a indagar, que a estratificação social e econômica não se dá apenas no trabalho, mas também na vida política, religiosa e social e, assim, as perspectivas de participação política no plano nacional abrem novos elementos para a visão de projeto de classe **(20)**.

---

(20) Em pesquisa recente, Lúcia AVELAR estuda a participação política da mulher no voto. Interessante notar as rupturas que essa autora aponta in O segundo eleitorado - Tendências do voto feminino no Brasil - Campinas, ed. UNICAMP, 1989.

Retomando a idéia de que as representaçöes das situaçöes concretas nâo levam necessariamente à consciência e que somente esta última leva à açâo, porque nela se insere a identificaçâo de interesses, podemos afirmar que a visâo de totalidade se torna imprescindível.

"Nâo é mais uma coletividade que representa a totalidade, é o conjunto das relaçöes dos trabalhadores às suas obras: princípio abstrato e concreto, ao mesmo tempo, mais social e menos cultural, que se refere a uma açâo e nâo mais a um ser coletivo" **(21)**.

Esta relaçâo do ser (trabalhador) e do fazer (obras) torna-se fácil de ser identificada no trabalho como participaçâo na produçâo. A questâo da alienaçâo como exclusâo do fruto da produçâo é visualizada no ambiente concreto da vivência do cotidiano e por isso nos sugere a investigaçâo das representaçöes neste campo. A visâo totalizante abrangeria então os bens sociais na perspectiva de interesses ligados à condiçâo de vida. Assim, as relaçöes que se estabelecem em patamares diferentes dos da produçâo nos ajudam a entender as representaçöes de totalidade.

AÇOES E REPRESENTAÇOES

Sendo nosso propósito estudar como a visâo de classe se elabora no codidiano, detemo-nos nas falas que expressam aquilo que a T.D. pensa e aquilo que ela faz nesse sentido. Isto é, procuramos analisar suas açöes e as

---

(21) TOURAINE, ob. cit, p.132.

representaçöes que faz de sua vida como um todo. Marx e Engels iluminam a questão no texto que segue:

> "A produção de idéias, de representaçöes, da consciência, está, de início, diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens, aparecem aqui como emanação direta de seu comportamento material. O mesmo ocorre com a produção espiritual, tal como aparece na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica etc. de um povo. Os homens são os produtores de suas representaçöes, de suas idéias etc., mas os homens reais e ativos, tal como se acham condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e pelo intercâmbio que a ele corresponde até chegar às suas formaçöes mais amplas. A consciência jamais pode ser outra coisa do que o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo de vida real. E se, em toda ideologia, os homens e suas relaçöes aparecem invertidos como numa câmara escura, tal fenômeno decorre de seu processo histórico de vida, do mesmo modo por que a inversão dos objetos na retina decorre de seu processo de vida diretamente físico". **(22)**

Relendo o texto, podemos levantar alguns pontos úteis para nossa reflexão.

---

(22) MARX, K. ENGELS, F., A IDEOLOGIA ALEMÃ, 4a. edição, SP, Ed.Hucitec, 1984, pp. 36-37.

Primeiro, que a vida real é feita de atividades materiais do homem (singular), e de todos os homens, através do intercâmbio material e espiritual (relaçöes e comunicaçâo).

Segundo, as representaçöes sâo a expressâo do comportamento material, isto é, este produz as idéias.

Terceiro, há determinantes históricos e culturais que condicionam o desenvolvimento das forças produtivas e o intercâmbio propicia "formaçöes mais amplas". O homem é fruto do seu processo histórico.

Enfim, a consciência corresponde ao ser consciente e o ser consciente é produto do seu processo de vida real. É interessante notar a dinâmica do pensamento marxista: a vida real (atividade material) é fruto e ao mesmo tempo fonte das idéias, e isto se faz no constante intercâmbio entre os homens.

Com outras palavras, Denise Jodelet entende da mesma forma a representaçâo social que se define por um **conteúdo** (informaçöes, imagens, opiniöes, atitudes). Este conteúdo refere-se a um **objeto** (atividade material). É representaçâo social de **um sujeito** em relaçâo com outros **sujeitos**. Desta forma, pelas histórias individuais e coletivas, essa representaçâo é tributária da posiçâo que os sujeitos ocupam na sociedade, na economia e na cultura. **(23)**

---

(23) JODELET, Denise, "La representación social: fenômenos, concepto y teoria", p.475, in MOSCOVITI, Sérgio, Psicologia Social, Volume 2, Buenos Aires,Nova Visión, 1987, p.475.

CAPITULO III

A METODOLOGIA

Para entender as representaçöes que a Trabalhadora Doméstica em Campinas faz do seu cotidiano como posiçåo de classe vários caminhos estavam abertos. Antes de situarmos o caminho adotado algumas consideraçöes fazem-se necessárias.

Esta pesquisa tem sua história, iniciada nas situaçöes concretas que tecem a vida dos trabalhadores na sua busca de mudanças, e se construiu no dia-a-dia da reflexåo sobre as mesmas. Por isto, ela é marcada por convicçöes político-históricas e, neste sentido, confirma as palavras de Rubem Alves quando afirma que "todo ato de pesquisa é um ato político" **(1)**. Enfocando a pesquisa no âmbito da educaçåo, com o qual nos sentimos compromissada, esse autor explicita os aspectos que fazem da mesma um ato político e os elementos ligados ao poder de que se investe o pesquisador e, em conseqüência, do direcionamento que dá ao estudo.

Nosso compromisso com a populaçåo em estudo foi determinando, de certa forma, a metodologia. Da vivência informal aos conceitos, fomo-nos aproximando da concretude da

---

(1) ALVES, Rubem, CONVERSAS COM QUEM GOSTA DE ENSINAR, 8ª edição, caderno 1 da coleçåo "Polêmicas do nosso tempo", SP, Cortez, 1984, p.72.

vida de centenas de mulheres, na sua trajetória individual ou coletiva para a libertação, tendo em vista toda a complexidade do seu cotidiano.

Várias abordagens foram utilizadas com o grupo mobilizado: depoimentos, discussões, observação direta. Os depoimentos que formam o conteúdo da pesquisa foram trabalhados procurando garantir a análise qualitativa, com a convicão de que a apreensão do fato humano, no seu particular, pode permitir captar, pela abrangência que oferece, a totalidade da vida. Isto nos ajudou na definição da metodologia de pesquisa - técnica/conteúdo e universo.

A pesquisa bibliográfica sobre o trabalho doméstico remunerado contribuiu para identificar os enfoques desenvolvidos pela maioria dos estudiosos no assunto. A questão da mulher, como produtora e reprodutora das energias humanas e, conseqüentemente, da força de trabalho, é amplamente interpretada. As pesquisas quantitativas, focalizando especificamente a T.D. e suas tarefas do dia-a-dia, permitem conhecer, profundamente, a exploração por dentro. Os dois temas, ainda que resumidamente, foram apresentados no capítulo primeiro deste estudo.

Muito pouco se conhece sobre as relações que essas mulheres estabelecem entre seu passado e seu cotidiano como um todo, que consideramos não ser formado apenas por sua vida familiar e na casa da patroa. Pensar o cotidiano da T.D. como totalidade, o mundo de relações que constrói seu universo e que a faz sujeito, é o objetivo de nossa pesquisa.

Isto nos reporta ao nosso objeto de estudo. As longas reflexões, com grupos de domésticas mobilizadas, traziam várias indagações em torno das motivações que levam ao engajamento para a mudança, a partir da constatação das dificuldades encontradas no contato com a categoria. Junto aos grupos, inferíamos que o trabalho doméstico contratado, pelas características atípicas que apresenta, não desenvolve em si um princípio gerador de questionamento, propulsor de comportamentos coletivos que apontam para a mudança. De outro lado, a noção de cotidiano, que Wiame aponta como transformador **(2)** (como modo de organização da produção das energias físicas e mentais dos membros do grupo familiar, as quais a mulher tem o papel de gerenciar, quando não construir), não nos parecia favorável ao desencadeamento de ações suscetíveis para transformar a realidade, pois é construído na base individual e do imediato. As representações de suas ações nesse cotidiano doméstico apontam para a fragmentação e a imutabilidade do conhecimento do homem e da realidade, o que sugere seus limites na transformação da realidade. Por isso nossa preocupação, nesta pesquisa, em ampliar a dimensão do cotidiano, abrangendo o trabalho, as relações sociais de toda espécie etc.

Pelos próprios depoimentos do grupo mobilizado, ao qual já nos referimos, intuimos que devem existir, no bojo do cotidiano/totalidade, ações/ representações diferenciadas que permitem identificar níveis de visão de classe que propiciam potencial de mobilização. É

---

(2) WIAME, Isabelle Bertaux, VIE QUOTIDIENNE, PRATIQUE FÉMININE ET HISTORICITÉ, in Revue suisse de Sociologie, 1983. A autora argumenta sobre a possibilidade de mudança social no interior da unidade familiar.

sobre esse aspecto que se define nossa metodologia e nosso universo de pesquisa.

Considerando que objetivamos apreender as representaçöes, potencialmente conscientizadoras, nas estratégias de organizaçâo da mulher trabalhadora doméstica, optamos entâo pelo registro de depoimentos orais pessoais, adotando a técnica da História de Vida.

A História de Vida - na sua totalidade ou em partes - revela a realidade, nâo pela freqüência dos dados coletados, mas através de um processo que permite entender as ligaçöes entre o vivido individual e o coletivo, a partir da fala espontânea sobre os acontecimentos, como se deram, por que, quando, onde, e isto da forma que o informante bem o desejar. Uma vez que o tempo do sujeito nâo é homogêneo, os momentos de maior intensidade de experiências qualitativas têm uma importância fundamental **(3)**.

Reconhecendo que, na História de Vida, informante e pesquisador sâo parceiros de uma mesma açâo, como afirma Dominicé **(4)**, há necessidade de interaçâo. A comunicaçâo, ou melhor, a relaçâo que se estabelece na entrevista, deve proporcionar um elevado grau de confiança que propiciará a colocaçâo dos sentimentos nos seus verdadeiros graus de intensidade. Além disso, na coleta dos

---

(3) FERRAROTTI, Franco, "Entretien avec ... Franco Ferraroti", organizado por Guy Jobert in "Les histoires de vie - entre la recherche et la formation" - Cahiers de l'Education Permanente - Université de Paris - Dauphine, 1984, n° 72-73, p. 29.

(4) DOMINICÉ, Pierre, "Ce que la vie leur a appris" in Pratiques du Récit de vie et Théories de la Formation. Cahiers n° 44 de la Section des Sciences de l'Education - Univ.Genève, p. 111.

dados, deve-se dar maior atençâo ao processo de coleta do que ao produto (5).

UNIVERSO DE PESQUISA

A definiçâo do universo de pesquisa se deu após uma longa discussâo. Tendo em vista que o objetivo a atingir era conhecer a visâo de classe da T.D., dado fundamental, no movimento de T.Ds., para elaboraçâo de açöes que propiciam a "mobilizaçâo/participaçâo", chegamos à conclusâo de que a pesquisa devia se restringir a T.Ds que nâo estavam no dia-a-dia do movimento.

Escolhemos, em seguida, três bairros periféricos, por terem características parecidas quanto à composiçâo populacional, profissional e organizaçâo comunitária. Bairros periféricos nos dois sentidos geralmente atribuídos: geograficamente afastados do centro da cidade, resultando em saneamento básico incompleto, transporte precário e equipamentos sociais insuficientes; economicamente afastados do centro de consumo, pelo poder aquisitivo que os salários baixos proporcionam aos moradores de sexo masculino, os quais trabalham na construçâo civil e indústria, na qualidade de nâo especializados. No mercado de trabalho, as mulheres destes bairros trabalham, na grande maioria, para complementar o orçamento familiar, seja no comércio como balconistas, em indústrias de pequeno porte e, sobretudo, como empregadas domésticas. Aleatoriamente, sorteamos oito informantes em meio a uma listagem de T.Ds. destes bairros.

(5) LUDKE, Manga e outros, PESQUISA EM EDUCAÇÂO: ABORDAGENS QUALITATIVAS, SP, EPU, 1986, p. 12.

Embora não tenha sido critério para a escolha dos grupos pesquisados, em dois destes bairros ocorrera, no fim da década de 70 até meados dos anos 80, grande mobilizaçâo de grupos de bairros por melhorias e organizaçâo comunitária **(6)**.

Quem são essas mulheres? Sete são casadas, uma viúva, com média de 2,6 filhos cada, quando suas famílias de origem contavam com 9,8 filhos em média **(7)**. Encontramos uma T.D. de 60 anos e duas abaixo de 25 anos, as demais (5) se situam na faixa de 30 a 40 anos. Nenhuma delas nasceu em Campinas. Vieram do Nordeste: Pernambuco, Ceará, Paraíba (3), Paraná (2) e do interior do Estado de São Paulo (3). Todas passaram a infância na zona rural. Infância difícil: ou trabalhando na roça desde 7-8-9 anos na maioria, ou auxiliando como babá as irmãs casadas:

> "Ah! ... depois o irmão meu foi, casou e fui ser pajem dos filhos dele ... eu tinha assim uns 7 anos. Já acompanhei logo ..." (Jessy).

ou na família de criaçâo, segundo Lia:

> "Eu fui criada numa família no interior de Minas, então cheguei lá ... eu me conheci por gente desde os 4 anos de idade ... fui de cara tomar conta de uma criança de um ano, eu era responsável para tomar conta dela ... eu comecei ... Daí eu, às vezes apanhava porque deixava o menino cair, não tinha força para segurar o moleque e às vezes apanhava por causa disso ... Aos dez anos, já cozinhava, eu lavava, arrumava a casa, eu cuidava do meu corpo ...".

---

(6) Vários movimentos de bairros na cidade, nesse período, envolveram lideranças e população de várias formas e em grau de intensidade diversificada: Assembléia do Povo, Comissão de transporte, do asfalto; luta por creches, pela regulamentação de loteamentos clandestinos; Grupos de mulheres; Pastorais da Arquidiocese de Campinas; CEB; etc ...

(7) O estudo do IBGE e UNICEF, em 1988, apresenta dados interessantes sobre a queda da natalidade no país, porém, na família de baixa renda (até 1 S.M.), a taxa em declínio chegava a uma média de cinco filhos por mulher em 1984, enquanto nas famílias com renda superior a cinco S.Ms., o número de filhos correspondia a uma taxa de 2,5 por mulher. Na época do estudo, os técnicos responsáveis afirmavam que a tendência à queda na fertilidade das mulheres de baixa renda deveria perdurar nos próximos anos. F.S.P. 21/06/89 A. p.17.

Quanto à escolaridade, quatro freqüentaram a escola até a 3a. e 4a. série, uma iniciando a alfabetizaçâo aos treze anos. Outras cursaram o MOBRAL/Supletivo, alcançando o nível de alfabetizaçâo, salvo uma que foi até a 5a. série desta forma. Uma cursou o 1o. grau regular até a 6a. série.

A adaptaçâo em Campinas foi dramática para a maioria.

> "Achei muito difícil pra mim andar em Campinas ... foi difícil ... Ah!, tinha medo, né, a cidade muito grande, achava diferente ..." (Maura, 14 anos na chegada). "Meu pai tinha medo de soltar a gente na cidade, daí foi uma cadeia para nós" (Eni, 19 anos na chegada).

Apenas uma entrevistada ingressou no mercado de trabalho em indústria de pequeno porte. Duas outras iniciaram como T.D., depois uma trabalhou em fábrica até casar e outra em hospital por um período de tempo pequeno. As demais ingressaram como babá ou assumindo todos os serviços em casa de família como mensalistas. Hoje, quatro dentre elas sâo diaristas, trabalhando de 3 a 5 dias por semana, as demais trabalham como mensalistas.

Todas as entrevistadas manifestaram conhecimento da organizaçâo das T.Ds. em Campinas, quatro dizem nâo entender suas propostas e as demais participaram de algumas reuniöes ou assembléias, ou no bairro ou no sindicato. Uma destas afirma ter contribuído na organizaçâo do movimento, embora hoje nâo esteja participando.

Tínhamos estabelecido alguns temas no roteiro de entrevista que considerávamos importante focalizar para

que pudessem aparecer todas as representaçöes simbólicas do mundo, com relaçâo: à exploraçâo e dominaçâo, no plano social, familiar e de trabalho; à prática individual e/ou coletiva das lutas e resistências, seja no âmbito da categoria, seja no conjunto do proletariado. Os temas escolhidos abrangiam, ao nosso ver, as relaçöes em toda a vida da entrevistada: família de origem, escolarizaçâo, trabalho, família atual e sociedade **(8)**.

É claro que nâo bastava conhecer o que a T.D. pensa (de) e faz na sua vida. Era necessário entender os motivos por que faz, por que continua fazendo, ou pensando, e procurar, a partir de suas açöes, as possíveis representaçöes ou concepçöes que, determinadas pelas açöes, acabam por explicá-las e dar-lhes novas orientaçöes.

Pretendemos enfocar a vida toda da informante - situada no contexto temporal e espacial - facilitando-lhe estabelecer os limites do ambiente e as influências que este exerceu ou exerce. Privilegiamos sobretudo, na análise dos dados, as representaçöes e açöes que contribuem para o conhecimento do processo de elaboraçâo de visâo de classe.

---

(8) A Professora Zeila de Brito Fabri Demartini nos deu valiosa contribuiçâo tanto no aprofundamento da metodologia como na elaboraçâo do roteiro. Vide roteiro completo no anexo 10.

CAPITULO IV

AS REPRESENTAÇOES E FORMAS DE CONSTRUÇÀO DA VISÀO DE CLASSE

Na análise das entrevistas objetivamos apreender os tipos de visão de classe que os indivíduos constroem a partir do seu cotidiano. Muitos depoimentos aqui reproduzidos chegam a trazer informaçöes de tal forma elaboradas que dispensam qualquer interpretaçåo. Os elementos levantados em toda sua riqueza, bem como sua interrelaçåo nos permitem concluir que a apreensåo da condiçåo de classe (estágio anterior à consciência de classe) **(1)** é um processo que possui uma dinâmica própria e se constrói sobre a reflexåo das açöes. Os múltiplos aspectos da vivência demonstram a complexidade do cotidiano. Assim, nosso campo de análise abrange as esferas do familiar, do social, do econômico, do religioso e do político.

Entendemos por visåo de classe as representaçöes que o indivíduo faz da estrutura sócio-econômica na qual está inserido, bem como da articulaçåo existente entre as classes. É a forma de organizaçåo mental de todos os elementos que compöem seu universo, traduzindo em

(1) Não queremos afirmar aqui que o indivíduo necessariamente tem que passar por esse estágio para depois ascender à consciência, pois não são as representaçöes de sua condiçåo de vida, mas suas açöes que lhe permitirão chegar à consciência.

ações que expressam passividade/resistência, conformismo/ revolta.

Parece-nos que os parâmetros mais favoráveis a serem utilizados para a construção da visão de classe se situam no interior da igualdade/desigualdade social e por isso o homem não constrói sozinho esta visão. É pelas relações que ele estabelece com seu grupo social mais imediato e os demais (que a necessidade de sobrevivência lhe impõe) que encontrará as contradições que o obrigarão a se posicionar como classe. Quanto mais as relações forem diversificadas com as situações de igualdade/desigualdade, mais ele terá possibilidade de iniciar o seu processo de decodificação dessas experiências e elaborar sua própria visão de classe.

O cotidiano das mulheres informantes, que analisamos com a perspectiva de encontrar os elementos aglutinadores que constituiriam modelos de visão de classe, é construído numa base muito parecida: são todas casadas, todas trabalham em casa de família, residem em bairros periféricos, têm de dois a quatro filhos, sua idade varia de 23 a 40 anos sendo que apenas uma tem 60 anos e é viúva **(2)**.

Na organização dos depoimentos identificamos dois grupos: um de seis e outro de duas T.Ds., que se diferenciam com respeito ao tipo de visão que chamamos de visão particularista e visão humano-genérica. Na sistematização dos dados, as categorias que estabelecemos contribuem para a análise da presença ou não nas

---

(2) No capítulo da metodologia apresentamos mais detalhadamente o perfil das entrevistadas.

representaçöes de conceitos de classe e dos princípios de identidade, oposição e totalidade, que estudamos em capítulo anterior.

Certas falas isoladas do conteúdo da História de Vida podem revelar maior ou menor clareza da sociedade como um todo. Procuramos, sempre que possível, entender as falas considerando o tecido social existente e sobretudo a trajetória traçada em cada uma das histórias. Utilizamos, nesta análise, ora falas isoladas que, pela sua clareza, explicitam o contexto, ora trechos de entrevista que nos parecem trazer maior consistência ao conteúdo.

I. VISÃO PARTICULARISTA DE CLASSE

> **"Ah!, sei lá, viu ... Ah!, nem sei como responder o que que é classe ... eu acho, ah!, sei lá, cada um tem o seu nível, né?" (Nilva).**
>
> **"Isso aí, eu acho que vem da sorte, quando nasceu" (Ivete).**

Encontramos apenas duas representaçöes sobre conceito de classe entre as seis entrevistadas que incluímos neste grupo. No contexto dos depoimentos entendemos que as falas relativas a este conceito se referem a "ricos e pobres" e "classe baixa e classe alta". Esses têm o mesmo sentido. A existência desses dois grupos diferentes na sociedade é desvinculada da estrutura mais ampla e justificada de três maneiras:

Primeiro: O prestígio, o valor e o poder diferenciam as classes:

> "O emprego doméstico é muito baixo, é uma classe muito baixa ... Uma classe baixa, é uma assim que não tem

> agitado, mais preocupado ... por quê? não dá pra dar o conforto que nem o rico tem ... tem o rico que tem muito dinheiro ..." (Maura).
>
> "Rico, sei lá, rico que eu me entendo é cara que tem, casa muito boa, apartamento, tem carro, tem isso, tem aquilo, que tem bastante coisa, né, isso que eu acho que é rico que nem sabe o que possui, né ..." (Nilva).
>
> "... Rico ... nasceu no berço de ouro ... Tem pobre que é pobre porque perdeu o que tinha, quer dizer, não soube ... fazer o que tinha ... não soube, né, manejar o que tinha, tem pobre que já é pobre, é desgraçado mesmo, que não consegue as coisas mesmo porque vai tudo pra traz ..." (Ivete).
>
> "Eles têm mais porque quer mais pra eles. Eles não ajuda a gente. Eles fica assim só com o dinheiro no banco, comprando luxo, roupa, calçado... trabalha, o rico não fica em casa, sai às oito horas, ninguém fica em casa, só a mulher ... o pobre também trabalha, também ... **ganha diferente o rico**? ... porque ele tem bom emprego, sabe ler, estudou muito, é engenheiro ..." (Josi).

Também encontramos nos depoimentos, de forma bastante frágil, a presença de um grupo intermediário "que nem é pobre, nem é rico", porém não chegam a defini-lo, nem localizar a sua origem.

> "Que nem essa minha patroa, uma ... a irmã dela tem confecção, eu acho que ela é bem de vida, num sei que ela chega a ser rica, ela é remediada, ela tem o que viver, mas não sei se é rica, rica é bem diferente ... Agora, ela não... (a patroa), tem o carro dela, a casinha dela, tem o que viver, mas não é rica, que a gente vê mesmo que a pessoa não é rica ..." (Nilva).
>
> "Agora, tem rico assim ... é mediado, né, nem é rico nem é pobre ... eu trabalhei ... eu ... numas casas, trabalho numas casas a que são mediados. Não são ricos ... mediados, nem pobre, nem rico, mas já trabalhei em casa no C. (bairro) que era rico mesmo" (Maura).

A partir dessas representações poderíamos inferir que as vivências cotidianas permitem identificar as diferenças sociais que aparecem como "naturais" na sociedade. A desigualdade na posse de uns e suas carências de T.D. não é levantada explicitamente. Não são questionados os interesses diferentes existentes além dos da sobrevivência. Maura, 38

valor ... elas (patroas) pagam o preço que elas querem ... Classe alta é bem diferente" (Maura).

"... no caso de pessoas que têm mais ... ah!, de um nível mais elevado, tem mais posse, mais poder, sei lá ... eu penso... O fato de ser de família diferente, de classe diferente, você é de nível diferente, de classe diferente ... Você é a empregada dela, você tá cuidando pra ela, né, mesmo que ela tem o serviço dela lá fora, então você é inferior a ela" (Rute).

Segundo: O estudo e o tipo de trabalho parecem determinar o lugar de cada um:

"... Tem o caso de E.D., ela não tem estudo, o valor que tem um advogado" (Rute).

"... As pessoas que têm alto nível, tem muito estudo que ganham suficiente ... Se a pessoa tem um bom estudo, também fica mais fácil dela arrumar um bom serviço de ganhar mais, né ... dentro da sociedade uns ganha mais, outros ganha menos, às vezes até que tem o mesmo nível de trabalho, mas ganha menos e o outro ganha mais, assim" (Josi).

É interessante notar nesta última fala a representação da justiça e injustiça.

Terceiro: A pertença a um ou outro grupo social depende da ganância, do esforço pessoal, da sorte, do "berço" ou do destino:

"Ah! ... isso aí eu acho que vem da sorte desde quando nasceu ... Tem uns porque roubam, né ... outros já nascem rico ... outros já têm que lutar mais para poder viver, outros já é falta de sorte mesmo, outros porque não sabem assim ... nem fazer as coisas bem feito ... vai tudo isso ..." (Ivete).

"... a gente não foi feita para rica" (Jessy).

Os ricos e os pobres pertencem a classes diferentes que não se articulam entre si. O destino ou a fatalidade marcam suas vidas. São conceituados da seguinte forma:

"Ah ... é diferente, os ricos têm suas casonas boas, têm o que quer, tão tranqüilos ... e o pobre não, trabalha hoje pra receber amanhã ... Então a vida do pobre é mais

anos, acometida de doença da coluna decorrente do serviço como diarista e sem direitos previdenciários nos diz:

> "A única coisa que eu quero, eu não quero casa boa, eu não quero nada, o que eu quero, é assim ter a casinha terminada ... e não faltar o pão para os meus filhos, é isso que eu quero ... saúde, é isso que eu quero, mas de ser rico ... não ... eu quero assim ter o pão todo dia pra meus filhos, alimento não faltar, e ter paz, assim ... não se preocupar ... mas eu não quero ser rico, mas não desejo de jeito nenhum ser rico".

1.1. A VISÃO DE IDENTIDADE COMO TRABALHADORA

As representações sobre o trabalho, o seu valor como T.D., a profissão, a produção e o salário são temas que desenvolvemos nas entrevistas, considerando que eles podem nos dar uma visão de sua identidade como trabalhadora. As poucas representações sobre o trabalho em geral se referem aos aspectos de sobrevivência e do dia-a-dia. Josi se expressa assim:

> "Trabalho ... o que é ... deixa ver se eu explico ... Ué, essas pessoas que têm que trabalhar para sobreviver, tratar da família ... ter alguma coisa, trabalha, tem aquele sonho de possuir as coisas, possuir uma casa, comprar alguma coisa, acho que é isso aí, não sei ...".
>
> "Trabalho para mim é arrumar casa ... passar pano no chão" (Jessy).

O valor social do trabalho, como produção, é quase que inexistente e o entendimento genérico do conceito de profissão contribui de um lado, para confundir atividade e profissão. De outro, acentua a marginalização já que o conceito apresentado lhes parece muito elevado e fora de seu alcance imediato, se considerarmos a fala de Maura:

> "Uma profissão é uma boa leitura, que entra no escritório, trabalha no escritório, trabalha em banco, no mercado ... só vai trabalhar de empregada doméstica é porque não tem profissão ...".

> "Bom ... servir ... meu trabalho serve porque se eu ... porque eu limpei a casa ... a casa tava suja, eu limpei ... quer dizer que limpei a sujeira que tava, ... então quer dizer que eu tinha que dar valor, mas eu acho que não tenho ...".

Parece-nos clara a consciência que Maura, nesta última fala, tem do valor concreto do seu trabalho, da importância e da necessidade deste: **Limpou sujeira.** Porém, não elabora no plano ideológico este valor, não atribui uma contribuição social (produção) à ocupação, nem a considera como profissão.

Por outro lado, Rute entende de forma diferente a profissão e considera o trabalho doméstico diferenciado pela indefinição de tarefas que apresenta:

> "Trabalho doméstico? ... É uma profissão, porque em casa é uma coisa, agora, a partir da hora que você sai de sua casa pra trabalhar na outra é um emprego sim, é uma profissão". **Igual as demais?** "Acho que é diferente ... você faz tudo, cozinha, lava, passa, faz faxina, eu cheguei a servir a patroa ... dispensar o cabelereiro pra mim começar a pintar os cabelos dela ... Eu... eu pelo menos eu atendo telefone, abre porta, serve patrão ... não dá nem tempo pra comer ... e umas outras profissões, eu penso no caso de trabalhar numa firma, eu sou contratada pra fazer certo serviço, eu num vou fazer mais e mais dentro da firma ... quer dizer, eu num tenho conhecimento porque eu nunca trabalhei numa firma, eu penso assim, que seja assim ...".

Esta fala também nos reporta a dois aspectos que nos chamam atenção. Ela ressalta a complexidade do trabalho doméstico bem como a importância de elementos definidores de uma profissão e tenta traçar uma comparação entre o trabalho doméstico e o trabalho industrial.

Por ser uma "continuidade da própria casa", "tarefa de mulher", e por ser um espaço de trabalho onde as relações são muito estreitas e sutis, o serviço em casa

alheia é o mesmo que é realizado na própria casa da T.D. Há consciência de que, no caso, uma mulher substitui outra mulher, a própria dona-de-casa que lhe delega sua responsabilidade porque trabalha fora ou porque:

> "... porque ela quer ficar assim, sentada, lá na mesa, vendo um jornal, qualquer coisa" (Jessy).
>
> **Se não tivesse empregada:** "elas tinham que ... a mulher tinha que enfrentar a cozinha, tinha que fazer o serviço ... igual à empregada ..." (Maura).

A proximidade entre patroa e empregada, propiciando a relação afetiva que gera, por sua vez, a dependência/acomodação é bastante presente nos depoimentos. Essas relações obscurecem a sua própria identidade de trabalhadora e a visão de interesses diferentes. Nilva, no que segue, demonstra a dificuldade que encontra em trabalhar esta questão. Ela está há 8 anos a serviço de duas patroas irmãs, quatro dias numa casa e um dia na outra, nunca tinha trabalhado fora, desconhecia totalmente a negociação trabalhista e não possui registro em carteira:

Contrato:

> "Que nada ... a gente não pensava que .... a gente aceitava a oferta dela, sabe? Eu cheguei lá, ela falou, te pago tanto porque ... sabe, esses negócios de patroa, né ... porque é isso aí que tá correndo ... porque não sei o que ... depois eu tenho que pagar ônibus, te dar comida, te dar isso, te dar aquilo, sabe ... eu te pago tanto ... Eu não lembro o tanto que foi ... que quantia eu entrei trabalhando lá, né, num lembro, mas sei que ela disse que era isso que tava correndo lá... Então eu achava que era aquilo mesmo, né, que, se ela falou que era aquilo que pra pagar eu achei que tava ótimo, aquilo e continuei".

Se mudasse de emprego hoje:

> "Ah! ... hoje eu ia fazer a minha proposta, né, se ela gostasse bem, senão a gente fala pra ela, né, que vai procurar outro ...".

Descobertas:

Ah!, sei lá, viu, a gente conversa com um, conversa com outro. Ainda gente chegava lá ... ah!, mas fulana trabalhando na casa... numa pessoa, na patroa dela, ela paga ... ela registra, ela paga tanto e a pessoa sai mais cedo e num trabalha o sábado, porque eu trabalhava no sábado, e tudo, né ... daí (patroa) ela falou: é Nilva, mas ocê vê, né, ela paga tanto pra elas mas elas lava, elas passa, elas cozinha e é comida fina mesmo, que tem tá ali com mesa pronta, fazer isso, fazer aquilo, e você não faz isso aqui em casa ... Então eu achava que ... sei lá ... eu pensava assim, né, então, se eu tô ganhando isso é porque eu não faço essa comida grã-fina, né, comida simples na casa delas ... Ela sempre falava que não, porque esse povo mais rico a roupa era mais difícil pra passar, porque a casa era mais difícil pra limpar, porque tinha que tá tudo na ordem ... que esse povo mais rico tratava a gente como cachorro que ... que não sei o que, né, sempre ela ponhava isso na minha cabeça ... Ah! então ... vai ver que é isso que ela tá pagando mais que as outras, tá pagando mais, né, é porque tem muito trabalho é muita responsabilidade porque tomar conta da casa, fazer tudo, né, sei lá ... ir ... tá ..... Por isso eu tô na casa delas até hoje ... Eu falo de sair ... arrumo outro serviço ... eu sou muito boba, sabe, eu quando considero uma pessoa, qualquer coisinha ela compra eu ... (ri). Sei que ela fala ... hoje eu falo em sair ela fala: ah!, num sai que eu vou te aumentar tanto ... Vai lá, aumenta 10, 20 mil e passa 3, 4 meses sem aumentar e assim vai ..... vai fazer 8 anos agora em setembro que eu tô trabalhando pra ela...

...Lá no meu serviço é muita responsabilidade sabe, tem que dar almoço pronto na hora das crianças ir pra escola, lavar roupa, passar, fazer de tudo ... fazer limpeza, faz tudo na casa ...

Quando eu comecei a trabalhar, porque o trato foi assim, de eu lavar, fazer limpeza e ela ... não, eu fazia a limpeza e passava, né e ela lavava e cozinhava... aí, quando foi um dia ela teve de sair ... Ah!, Nilva. ... cada dia ela arrumava uma desculpa ... eu precisava ir no banco, fazer isso, fazer aquilo ... não dá procê fazer comida pra mim? Foi lá, fazer arroz, fazer não sei o que, fazia ... Ah!, você disse que não sabe cozinhar, ocê sabe sim ... Eu falei: mas não foi isso que eu falei que num sei cozinhar ... eu falei que não sei cozinhar essas comidas diferentes, mas arroz, feijão, essas coisas comuns eu sei cozinhar, caramba, eu também cozinho na minha casa, né... Ah!, com isso ela acostumou ... ela falou: Ah!, de pouco em pouco te pus no fogão, ocê viu? Falou assim pra mim. E com isso eu tô no fogão agora ... direto ... Eu faço o almoço, já deixo o jantar pronto, eu faço o almoço e janta. Sempre eu faço almoço e ela fala: Ah!, você deixa isso aqui pronto pra janta? Então ela faz só esquenta!...

... E tô passando roupa também, porque eu lavo e vou ponhando do cesto que ela tem de passar... Com isso, passava uma semana, duas semanas, quinze dias prá passar! Eu falei assim: Ah!, assim não dá vou lavando e amontoando e na hora de vestir as crianças vem gritar pro meu lado pra mim passar roupa pra elas vestir, né

... Daí eu falei pra ela: ocê tem que arrumar uma passadeira então... Aí ela arrumou uma passadeira. Daí a passadeira ficou lá uns 15 dias também, num gostou, foi embora, daí näo arrumou mais ninguém.... Aí agora eu tô passando também ... eu acho engraçado que eu passo a roupa, coloco ... que nem, eu passei roupa quarta-feira e coloquei lá, já coloquei em cima da cama dela pra ela poder guardar. Ela tira de cima da cama e pöe num ... num negócio assim que tem no quarto dela, coloca lá e ficou ... eu fui trabalhar quinta-feira na outra casa, né, quando foi sexta-feira cheguei lá, a roupa tava lá, tudo sem guardar ... Ah! Nilva, é verdade, esqueci de guardar a roupa ... cê vê como eu sou ... esqueci de guardar a roupa ... É isto que eu tô olhando mesmo, nem depois de passada ocê guarda, falei pra ela ... peguei e guardei toda a roupa ... nem o guarda-roupa ela guarda mais ... seja passada só pôr na gaveta ela näo guarda mais. Você tá bem apegada mesmo, vai acostumando ... O dia que ocê ficar sem eu e aí você vai ...".

E como você vê isso?

"Ah!, sei lá ... viu ... nåo sei te responder isso aí ... sei lá ... às vezes eu penso assim de ... de ... sair de lá ... olha, já arrumei serviço, viu ... já arrumei bastante serviço mesmo ...
... As vezes ela com uma palavra ela acaba comprando eu ... Ela é muito boazinha, sabe, ela assim como pessoa nåo tenho o que eu falar dela, porque ela é super legal ... ela num chega e fala assim... oh, Nilva, ocê fez isso que eu nåo gostei, você fez o almoço hoje e ficou assim, porque tem pessoa que é desse jeito, ocê lavou a roupa num gostei do jeito que ocê lavou, num gostei do jeito que ocê passou, pra ela nåo, tudo que fiz pra ela tá feito. Ela nunca chegou em mim e falou: olha, Nilva, hoje eu näo gostei disso que ocê fez ... Nunca ela chegou e falou: ocê precisa fazer isso pra mim, nunca ... sempre que eu fiz pra ela tá bom, que num fez ... pra ela ... às vezes eu chego pra ela e falo: Olha, V. (patroa), hoje eu tenho que sair duas horas ... ela fala: Tudo bem, Nilva... o que deu procê fazer até 2 horas fez, o que num fez pode deixar e pode ir embora ... As vezes tem festinha na creche ... porque num é toda patroa que concorda que a gente sai cedo pra ir numa festinha de criança na creche, né ... nåo, pode ir, fico muito feliz de ver você lá na festinha dele, pode ir, num faço queståo ... quantas vezes ela vê que eu tô atrasada, ela pega o carro e traz eu aqui na creche e com isso ela compra eu ... porque eu acho que ela é muito boa de coraçåo, assim né, e acaba comprando eu, uma palavra, duas ela vai comprando eu e cada vez mais eu vou ficando na casa dela...
... Entåo, as vezes ela fala assim, quantas vezes o telefone toca e ela atende ...E é pessoa chamando eu pra trabalhar pra elas, né ... ela fala, essas pessoas säo cara-de-pau, liga pra minha casa chamando você pra trabalhar pra ela ... (ri) ... mas ... 5 horas né, as comidinhas, as panelas, tudo no fogåo, saladinha picada, tudo...
... elas (crianças) fala assim: Ah!, meu pai do céu, ajuda que a Nilva nunca sai da minha casa, porque ... (ri) ... Pessoas que nem a Nilva a minha mãe näo arruma

mais nunca na vida ... As crianças dela mesma fala isso ...".

Me diga, mas essa é uma relaçåo diferente, uma relaçäo quase de mãe para filha. Você fazia isso com as suas irmãs? (de pequena ela disse ter ficado ajudando as irmãs casadas)

"Fazia, oh! ... então, por isso mesmo, porque, sei lá ... a gente fica assim".

Por outro lado, você trabalha, você vende a sua força de trabalho ...

"Então, isso que eu penso, falei assim... tem hora que eu fico pensando: Meu Deus, eu não posso ficar a vida inteira trabalhado pra elas, fazendo só a vontade delas, né? Será que é isso que eu quero, isso mesmo, viver a vida inteira trabalhado ali? Sem, sei lá, sem ter recurso nenhum, né ... Tem hora que eu fico pensando se eu fosse ... se eu tivesse trabalhado numa firma, num ... num ... de registro mesmo, com 8 anos, agora 8 anos perdido, né, mais pra frente que eu vou ficar arrependida de trabalhar esse tempo todo sem ... sem registro, sem nada, né?
E eu falo pra ela registrar eu elas fala e : Ah! por que registrar? Para registrar, Nilva, você vai descontar isso, vai descontar aquilo, é ... ocê não acha melhor você trabalhar como você está mesmo, não sei o que ... começa a falar né, e ela fala e depois ... e pra registrar, Nilva, a gente não pode pagar o que tá te pagando porque aí a gente tem que pagar o INPS,pagar ônibus, pagar ...
... Eu acho assim, né, que ela tá fazendo o dela, de querer pra ela, eu que tinha de fazer, né, a parte minha, né, falar não, não é justo isto ela querer só pra ela, eu tenho de cassar os meus direitos, se ela quer pagar isso pra mim, bem, senäo, sei lá, eu acho quem ...

Por que você acha que não é justo isto?

"Não, eu sei, eu falo assim, que nem ela, ela acha os direito dela, de sempre puxar pro lado dela, eu que tinha o direito de procurar o melhor pra mim, né, falar assim, se eu não tô gostando daqui e não é isso que eu quero, se ela não quer pagar o que tá correndo, pagar o INPS, registrar eu, eu que tinha o direito de procurar outro serviço, né, porque eu acho assim, que ela num ... num ... ela conversa, fala comigo, mas ela não tá pagando nada de procurar outro serviço, tudo, que nem esses tempos, cheguei, procurei ... falei pra ela que tinha arrumado outro serviço, ela falou: Oh!, Nilva, eu gosto muito de você, eu vou sentir muito em te perder, mas fazer o que se você arrumar outro serviço aí eu não vou fazer nada contra porque eu nem posso ....".

Este depoimento nos permite identificar claramente os vários fatores que contribuem para que a T.D.,

nesse universo, possa definir-se ou acomodar-se à situaçåo: é o seu primeiro e único emprego; ao mesmo tempo que ela reproduz a sua experiência de criança na casa de suas irmås, ela identifica que é diferente porque existe uma responsabilidade maior; ela nåo consegue controlar suas funçöes, porque considera que tira vantagens imediatas, estas sendo vistas como bondade e nåo direitos. O jogo da cumplicidade que a proximidade propicia, (3) parece evidente aqui e funciona para reduzir a capacidade de reaçåo da T.D.. Nilva parece reconhecer que nesse jogo há interesses diferentes: "ela (patroa) acha os direitos dela de sempre puxar pro lado dela..." "eu que tinha o direito de procurar o melhor pra mim..." porém nåo consegue elaborar essas idéias no plano das açöes.

A percepçåo da complexidade do trabalho, nåo só pelas múltiplas tarefas que comporta, mas também pelas responsabilidades: "cuidar de casa alheia" no sentido de "propriedade", exige um tipo de relaçåo diferente, e isto mereceria um valor diferente, segundo Rute:

> "... por onde eu andei, né, apesar de que eu já encontrei amiga, mas, né, em dois serviços eu nåo tive, né, porque no começo era ficar frustrada porque nåo såo amigas nåo ...".
>
> **E você acha que no Emprego Doméstico tem que ser amiga ...**
>
> "Tem...".
>
> **Por que?**
>
> "Porque, veja, elas saem, no caso das patroas que saem, deixa a gente, vê, se você nåo tiver uma pessoa amiga dentro de sua casa ela acaba com a sua casa ... né, porque eu sou assim, eu trabalho, eu tenho muito amor no

---

(3) A cumplicidade entendida aqui como uma prática cujos atores eståo cientes dos desvios que ela insere. Entretanto um e outro se submetem tirando vantagens individuais da situaçåo. A falta de parâmetros objetivos na relaçåo trabalhista leva à relaçåo de amizade que oculta a realidade de dominaçåo/dependência.

trabalho ..... Eu trabalho com um carinho como se tivesse limpando a minha casa, né, você cuida ali, eu pelo menos cuido como tivesse limpando a minha casa, né ...".

E você disse, voltando sobre o valor, você disse, que pensando bem, que as Empregadas têm valor. As patroas dão valor às Empregadas Domésticas?

"Não, num dão".

Por que?

"Ah, porque ela sempre num dão, desclassificam, no caso do salário, elas num agradam, num agradecem, você chega no fim do dia num ouve um obrigado, ou melhor, "ficou ótimo...".

A diferença das relações existentes no trabalho doméstico e no trabalho em fábrica é percebida pela maioria das entrevistadas, embora intuitivamente e/ou a partir de comentários de colegas, pois apenas duas trabalharam em firma. É um dos elementos bastante freqüentes de comparação. Os direitos são diferenciados, a organização do trabalho e as funções são definidas, enfim, o distanciamento do patrão, no caso da firma, é visto como positivo:

"Bom ... eu nunca fui assim em escritório, nem fábrica, né, nunca trabalhei né, mas eu acho que em escritório não fica a patroa em cima ... olhando se a gente tá tirando pó direito. Quantas vezes já trabalhei, a patroa foi lá passar o dedo nos móveis pra ver se ... acho que lá no escritório, o patrão não vai ... a gente fica lá sozinha, lá trabalhando, se tem mais outros, mais outras moças trabalhando, acho que o patrão não fica, se passa o chefe, dá uma olhada, é que nem fábrica, né. Em fábrica tem o chefe, né, o chefe passa dar uma olhada pra ver se a pessoa ... aquele empregado tá fazendo direito ... né ... quer dizer se ... não tiver fazendo, sempre que fala mesmo, né, que o chefe ele é chefe, ele não é dono da fábrica, quer dizer que o chefe tem que falar, né, se a gente faz errado tem que falar ... não é dono de fábrica, quer dizer que o chefe tem que falar né, o chefe tá lá pra olhar os empregados" (Maura).

" ... como doméstica num dá valor ... na fábrica é mais diferente ... e o serviço não é o serviço que a gente trabalha em casa, né ... é diferente porque a doméstica, a gente tem que tá lavando roupa, tem que tá passando, tem que tá arrumando cozinha, tem que tá limpando armário, ah!, não ... virgem ... e lá na fábrica não é assim, é diferente ... (Josi).

UNICAMP

O valor do salário é ligado ao valor atribuído ao trabalho e não à sua qualidade e quantidade, se considerarmos os depoimentos anteriores. Ele nos parece mais relacionado a uma postura de dependência, de espera do reconhecimento dos patröes.

> "(A antiga patroa) ... me pagava mais, nem precisava pedir aumento ... tem patrão que eles passam perto da gente ... **O que faz nesta hora?** ... fico quieta, não falo nada, porque tá dependendo, né, tá precisando trabalhar ..." (Maura).
>
> "Porque depende das patroas, né, umas já reconhece as coisas, outras não reconhecem" (Jessy).
>
> "Ah! ... ser reconhecida pelo menos assim com um salário mais acordo, ... digamos assim ... As empregadas domésticas ... precisava assim uma remuneração um tanto que todas ganhasse igual ... apesar que tem gente que cozinha, outras que não cozinha, mas pelo menos chegasse perto das que cozinha, das que fazem congelados ... porque ela sempre num dão, desclassificam, no caso do salário, elas num agradam, num agradecem, você chega no fim do dia num ouve um obrigado, ou melhor "ficou ótimo..." (Rute).

Entre as entrevistadas, apenas Ivete, diarista, afirma que a própria T.D. não sabe se valorizar como profissional. Além da obrigação e salário, ela aponta um elemento novo: "o patrão tem que gostar". Este elemento complica ainda mais, ao nosso ver, a relação contratual. Ela manifesta sua resistência em caso de "destrato":

> **Como você combina o seu salário, a sua jornada?**
>
> "Ah, eu trabalho assim, tanto, você quer saber o quanto? Eu trabalho assim, né, por enquanto eu tô cobrando, 10 livre da condução, e eu faço assim, né, eu divido o serviço né, a semana que é o dia que eu vou lá eu limpo os vidros, eu já não...limpo os azulejos, dia que eu pego nos azulejos os vidros ficam.....".
>
> **A patroa aceita a tua organização?**
>
> "Ah, aceita, tem que aceitar, porque não dá pra você fazer tudo num dia só, olha vai lá, e... vou um dia, limpo parede, limpo os vidros, limpo carpete, no outro dia, na outra vez que eu volto eu limpo os azulejos, faço tudo, né,.....o que eu fiz .... o que eu fiz numa semana na outra ...".

Me diga, como você vê o emprego de doméstica?

"Ah, sei lá, viu, eu num tenho assim, sabe, nada de dizer porque eu não entendo, tem uns que gosta, tem outros que ... já vai do ponto de vista de cada um, é o que eu acho, como tem uns que já combina com a patroa, já gosta... ah, o meu serviço eu já não troco por nada, né, tem uns que já vai porque arrumou outro melhor. Hoje em dia é difícil você ver uma pessoa falar assim, eu gosto do meu serviço".

Você acha que a profissão de Doméstica é a mesma que as outras profissões?

"Acho, acho sim, viu, isso eu acho, sim, sim o que eu acho que não é a mesma coisa é matar, roubar, né, isso eu acho que é....serviço de doméstica, digno, né".

Você acha que a Trabalhadora Doméstica é igual aos outros trabalhadores?

"Acho que sim, apesar que tem muita discriminação, né".

Discriminação como?

"Eu acho que tem discriminação sim, tem porque sei lá, nao sei como eu explico, mas que tem tem, há muito pouco tempo que saiu o direito às férias, INPS, muito pouco tempo mesmo .... Os próprios empregados que tornam a discriminação, né...".

Como?

Tem gente que principalmente, essas moças ah, pelo amor de Deus, "se meu namorado souber que eu trabalho em casa de familia, me ver varrer calçada..." gente ... um serviço normal como outro qualquer , porque.....".

Por que que na sociedade não é visto igual aos outros?

"Ah, mas é como eu disse, né, eu acho que a turma não sabe valorizar, né".

Os patrões , eles valorizam as domésticas?

"Depende, né, daquelas que merece valor , sim".

Para você o que que é a Empregada Doméstica merecer valor ?

"Ah! o patrão tem que gostar muito dela, viu, senão.... não tem jeito não, é o meu modo de pensar, né, tá pedindo minha opinião, né, eu acho que o empregado para ser valorizado, ela tem que fazer a obrigação e além disso o patrão tem que gostar, tem que gostar mesmo senão, não tem jogo...(ri)....".

Dos outros trabalhadores é a mesma coisa?

"Ah!...eu num sei, lá aonde eu trabalhava , na firma, eu era uma pessoa bem querida, então.... o meu ponto de

vista, acho que....valor, aonde eu chegar, eu tenho, que eu sou uma pessoa se eu falar: 7 horas, eu entro no serviço, 7 horas eu entro no serviço, eu não sou uma pessoa que ....porque eu sou nova, eu combino uma coisa e depois eu chego e faço outra, se eu chego um pouquinho mais tarde também pode ter certeza que motivo teve".

E o patrão quando ele combina, ele dá também o que ele combinou com a empregada?

"Isso vai do caráter do patrão,vai muito do caráter né?".

É já teve patrão que.....

"Ah! não, o combinado é combinado, pronto e acabou".

E você aceitaria que combinasse e não fizesse?

"Por exemplo assim, combinar um valor, um salário, chegasse na hora de pagar, outro?".

É ...

"Não, não aceitaria".

E, o que você faria?

"Ah! simplesmente..... não foi o que a gente combinou certo e....num volto mais, já deixo avisado, falo assim, näo volto mais, certo, porque a gente combinou uma coisa e você vem com outra, se você achava que o serviço ... eu tinha cobrado caro, falasse antes, então eu ia ver se dava pra mim vir ou não...".

Todos os trabalhadores pensam assim?

"Não, tem gente que não sabe se valorizar".

E por que precisa se valorizar na sociedade?

"Oh, porque tudo tem o seu valor, né, tudo tem o seu valor, ocê vai comprar uma calça jeans, cada uma tem a sua marca, né, ocê vê que uma é melhor que a outra, uma tem suas vantagens, suas desvantagens, né, a mesma coisa se vai comprar um eletrodoméstico, cada um tem o seu valor, é que a turma não sabe se valorizar. Hoje em dia eu não acho justo uma mulher falar que vai sair de casa pra fazer uma faxina prá ganhar 7 mil, eu num acho justo, a pessoa tem que se valorizar".

A fala de Ivete é mais elaborada no tocante à valorizaçåo por parte da T.D. Parece-nos que a capacidade de organizaçåo no trabalho, vindo a ser questionada, pode ser discutida com argumentos. Poderíamos inferir que o conceito

que ela tem de profissão abrange um valor de produção, um valor social. A discriminação se dá apenas em termos dos direitos que as próprias T.Ds. exercem. Parece-nos aqui que embora os patrões possam decidir "quem merece valor" a ação da T.D. para se valorizar é fundamental. Mas acreditamos que as resistências relatadas e as representações da discriminação existente dificilmente se sustentam na identificação como trabalhadora, pois o fato do patrão ter que gostar distorce todo tipo de relação trabalhista. Além disso, a sua visão do trabalhador ser valorizado como mercadoria reduz a capacidade de entendimento do trabalho como produção, que lhe confere seu valor. Resta apenas, como Ivete faz, a saída individual: "não volto mais, procuro outro", uma vez que o patamar da luta se dá apenas no plano material e não ideológico.

1.2. VISÃO DE INTERESSES ANTAGONICOS E SENTIMENTO DE OPOSIÇÃO

Embora haja casos de resistência individual, como o acima citado, encontramos neste grupo poucas falas que demonstrem a elaboração dos interesses de uma ou outra classe. Apenas Nilva, já citada, quando fala "que a patroa está na dela, puxa pro seu lado" e que ela, como trabalhadora deveria fazer o mesmo, "procurar o meu direito", parece reconhecer a existência desses interesses diferentes. Porém não define o tipo de oposição que deveria manifestar. Parece que a sua trajetória de vida não a leva a um posicionamento como bem ela coloca:

> **Quando você era pequena e que sua mãe te tirava da escola, como se sentia?**
>
> "Ah! ... sei lá, viu ... num sei nem o que sentia porque ... criança do sítio parece que não tem muito o que pensar, sei lá do que eu pensava ... sei que eu

vivia só de mão em mão, um dia ficava na casa de minha irmã, morava lá uns tempos com ela ... inclusive fui na Bahia, eu fiquei 2 ou 3 anos na Bahia, assim quando eu fiz 11 anos, né, eu fui pra Bahia morar com minha irmã lá também cuidar dos sobrinhos lá, eu fiquei lá 3 anos lá, quando eu vim eu tava com 13 anos, quando eu vim da Bahia ... e, aí, foi adiante ... só tava cuidando de casa, tomava conta de casa, sei lá, nem lembro o que eu pensava nessa época, nem sei ... (ri) ...".

Você sonhava alguma coisa?

"Ah! ... eu pensava muito, sabe, eu sonhava muito em sair, trabalhar, conhecer os lugares ... nunca tive essa oportunidade ... meus pais, sei lá, minha mãe nunca deu essa chance pra eu sair, trabalhar, sendo só quando saía, só pra cuidar dos sobrinhos das irmãs mais velhas, então ...".

E seu pai?

"Meu pai não, meu pai ... na época, lá quem falava, sei lá, quem falava as coisas só a minha mãe ... então meu pai num era ... não falava nada não, pra ele tanto fazia como não fazia, pra ele tudo é a mesma coisa ..."
... As vezes eu paro, penso assim, eu tenho vontade de voltar, de estudar, aprender muitas coisas, às vezes a gente escuta as pessoas conversar assim, nem, nem sabe como entrar no assunto, nem sabe te responder e nem sabe o que as pessoas tão conversando, a mesma coisa que tá conversando outra língua pra você, então, sei lá, a gente foi criada assim no sítio, né, nunca alembra, nunca ouvia nada, num tinha televisão, o pai da gente nunca conversava, nunca falava nada, então, sei lá, eu acho que eu cresci muito atrasada".

Entendemos aqui os conflitos pessoais vividos por tantas dessas mulheres. As aspirações legítimas que não encontram saída conduzem a uma apatia como forma de proteção da própria pessoa. Um outro sentimento que Nilva expressa quando se trata de interesse é o da T.D. se sentir devedora da patroa. Aliás, a ação paternalismo/dependência é muito comum nos depoimentos, e isto, sem dúvida, obscurece a relação trabalhista nesse ramo de atividades. As vantagens que a empregada tira, como chegar mais tarde e ter que sair durante o período de serviço por causa de filhos e de casa, são vistas como favores grandes, pois, segundo a expressão

dela (e de muitas) não são percebidas como existentes na fábrica ou em qualquer outra ocupação.

As mulheres que trabalham nas firmas, elas têm filhos?

"Têm ... e como!".

E não acontece que elas têm que sair, têm que ...

"É, elas têm que chegar naquele horário certo, sair naquele horário, têm que picar ... em muitas firmas têm que picar cartão, chegar e sair no mesmo horário, então, a E.D. tem essa vantagem ... Então, a ED tem essa vantagem, por isso se você precisa, precisa, tem que chegar um pouquinho mais tarde, chega e nem tem cartão pra picar, num tem, né, as vezes a patroa ... a minha mesmo num liga se eu chego 9 e meia, 10 horas tem dia, mas o meu horário mesmo de entrar é às 8 e sair às 4 mas, nunca tem ... nunca saio às 4 de lá, sempre 15 pras 5, 5 horas".

Quer dizer que você vai ... quer dizer que você faz as 8 horas sempre da mesma forma?

"Da mesma forma".

Então, você acha que ela é boa porque permite a você entrar mais tarde?

"Então, sei lá, eu acho assim, que nem muitas meninas que fala assim: "Ah, eu cheguei mais tarde no meu serviço a minha patroa vem de cara ruim, xingando, falando que num posso chegar, isso, aquilo" ..... sei que a minha nunca eu dei satisfação pra ela, porque ela nunca chegou pra mim e perguntou: Nilva, por que você chegou mais tarde hoje?".

Por que ela num precisa, né?

"Porque ela não precisa, porque ela veve dentro de casa, né ...".

Então, é favor que ela te faz ou simplesmente porque ... a tarde você sai qando você termina o serviço? ....

"Então, eu acho assim, ela num liga porque ela sabe que eu num saio e num deixo serviço pra traz sem fazer, porque ela sabe que eu saio só quando eu termino o serviço, então eu acho que ela num precisa, ela num tem satisfação por causa disso".

Então, quer dizer que ela num te deve favor, você não deve favor pra ela ....

"Eu acho que ... sei lá, eu acho que não ... (ri) ...".

Mas você acha que sim?

"Sei lá, às vezes a gente sempre acha que deve ...".

Por que a ED acha sempre que deve favor para o patrão?

"Sei lá, viu ... (ri) ... eu nem sei ...".

O que a patroa fala das domésticas?

"Ah, sei lá, elas sempre só fala mal, né, porque elas nunca fala bem das .... é porque ... porque essas empregadas domésticas, umas só quer ganhar o dinheiro delas, num faz o serviço bem feito, num sei o que ... nunca trabalham, só querem ganhar o salário delas como corre, num quer fazer nada, nem quer cozinhar .....".

Ela fala mal das empregadas da confecção dela também?

"Não, essa aí, já faz tempo já que eu trabalho para ela, a gente quase não conversa sobre isso, mas sempre as patroas falam, né, há uma funcionária minha que me deu dor de cabeça, porque num sei o que, sempre elas comentam assim ...".

Por que são dois grupos diferentes, né, o grupo dos patrões e o grupo dos empregados?

"Porque ...".

Por que que acontece isso?

"Diferente assim como?".

É ...

"Ah, sei lá porque eu acho que o patrão tem o grupo deles, o empregado é ... o patrão tem o lado deles e o empregado de outro, né, sei lá, eu acho que ...".

E você acha que os interesses dos patrões são os mesmos interesses dos empregados?

"Eu acho que não, né ... é sempre é ....".

Quais são os interesses dos patrões?

"Ah, eu num sei, viu ... eu num sei ...".

Quais são os interesses dos empregados?

"Ah, sei lá ... muitos é ... os empregado, cada qual pensa de si, pensa de um jeito, né, eu acho é isso, sei lá, um fala assim: eu vou trabalhar bastante, gosta de cumprir o horário certinho, trabalhar certinho, vou fazer de tudo pra subir, ser alguém, sei lá, pro patrão reconhecer o meu serviço ... e ... dá um cargo melhor, não sei o quê. Outros já não ... fala assim: é puxa saca, não vou fazer serviço pro patrão, fazer isso, fazer aquilo, que nada, vou é fazer que tô trabalhando e ficar vagabundando, fazer isso, fazer aquilo, eu acho, sei lá, cada qual pensa de uma maneira, né? ...".

Esta última reflexão, parecida com certas falas anteriormente citadas, retoma a idéia da ascensão social ligada ao esforço individual que esta se torna o principal interesse do trabalhador como classe. A dicotomia que Nilva expressa quanto à elaboração dos interesses de um e outro grupo que estão em presença no caso da relação trabalhista se deve à sua dificuldade de identificação. Também o fato da entrevistada usar a fala de outro - "um fala assim" - para opinar sobre os interesses próprios demonstra esta dicotomia.

Um outro aspecto que contribui para esse posicionamento é que a comunicação entre T.Ds., quando existe, não ultrapassa o nível das questões imediatas do trabalho.

> **Me diga, você falou das EDs, você conversa muito com as EDs como colegas?**
>
> "Converso".
>
> **E o que vocês conversam?**
>
> "Ah, a gente sempre fala sobre ... o ambiente de trabalho ..... e minha cunhada sempre, quando a gente se encontra, a gente fala direto sobre o ambiente de trabalho e a gente fala das condições de trabalho..." (Rute).

Enfim, constatamos que nesse grupo o sentimento de oposição é pouquíssimo elaborado, que as experiências familiares ou sociais não trazem elementos que consolidem a reflexão ideológica. O individualismo, como no caso de Ivete, no trato dessas questões, contribui apenas para "sair do sufoco" e não leva a generalizações sobre a situação. Enfim, não encontrando nenhuma tentativa de resistência nas demais falas, concluimos que a passividade

leva ao conformismo, quando não justificado pelo fatalismo da condição de classe, como poderemos exemplificar mais adiante.

1.3. VISÃO DE TOTALIDADE

Com relação à visão de totalidade, procuramos entender as representações das T.Ds. sobre seu relacionamento com as demais trabalhadoras de sua categoria, os trabalhadores em geral, suas organizações, a família, o bairro e a política.

As entrevistadas pouco se relacionam com as T.Ds., e seus movimentos. O entrosamento, pouco expresso nas falas, se dá em termos de comparação salarial e somente quando surge espontaneamente.

> "... se a pessoa pede a minha opinião, tudo bem, eu dou" (Ivete).

Do movimento: "Eu não conheço ... Eu já fui lá com a Dona E. "Ah! conversa, elas explicam lá, mas não entende nada ... eu saí de lá em vão, quando eu cheguei eu falei: Ah!, não entendo nada o que foi explicado, que que falou, que que é o empregado, eu não entendi nada, saí de lá em vão ..." (Maura).
"Sempre tem, tinha reunião ... na Igreja a gente ia ... era sobre os direitos das domésticas ... Ele (o advogado) vinha só explicar ...." **A associação? ...** "Apesar que eu não fui ainda, não posso saber, não precisei de ir lá ainda, né, quer dizer que tem, às vezes, que tá trabalhando, quer sair, então vai lá conversar com ele (advogado) pra ver como tem que fazer com ... fazer algum acordo com a patroa, né, mas eu nem ... depois que tem a Associação eu trabalho assim, poucos dias, né, tem semana que eu trabalho, tem semana que eu não trabalho ..." (Josi).

A incompreensão da Maura sobre o movimento pode estar relacionada tanto com sua não identificação, quanto com a não compreensão da linguagem utilizada no mesmo. Josi reconhece que o movimento pode contribuir, porém o vê apenas como

assistencialista "quando precisa" e não reconhece como potencial reivindicatório, de organizaçåo e crescimento. Rute, no que segue, expressa melhor o pensamento:

O movimento da gente qual é?

"É sobre a ..... ter os direitos da .....não, quer dizer, todos ter o direito, né, ter os direitos, fazer valer os direitos ...".

E você já foi? ... As domésticas são organizadas?

"Ah, num são não, viu, porque faz uma reuniåo ... eu acredito que no Es. (bairro), nunca participei, né, de reuniåo aqui, mas eu já vi falar que vai meia dúzia de pessoa e eu acredito que nesse bairro num tem só meia dúzia de pessoa que trabalha em casa de família não, né, às vezes a gente tem que renunciar alguma coisinha, deixar pra fazer depois pra ir se orientar, né?".

Você, tem a Associaçåo das Domésticas que atualmente é Sindicato, você já participou?

"Do Sindicato não, né, mas da Associaçåo fui, participei por pouco tempo das reuniöes, né".

E o que se falava?

"Ah, quando eu fui, né, na época da Associaçåo, se falava muito sobre projeto ... pro ... projeto de leis, né...".

E ele passou?

"Passou, passou um pouco, né, passou um pouco".

Você atribui isso a quê?

Ah, acho ao trabalho, né, a força de vontade de poucos, num vou falar nem de muitos, porque nem sei, isso tem em várias cidades, né, em vários estados tem, e... então eu acredito que num atribuo assim, o trabalho de todas as empregadas, mas de algumas poucas interessadas ...".

E não teve ganho?

"Ah, foi válido, nossa ... Pelo jeito ... (ri) ... as pessoas que dá trabalho pra conseguir isso daí num trabalha muito de casa de família não, no caso de você, a Lé. trabalha lá, né, então, as próprias E.D. elas não procuram isso daí...".

E por que será que elas não procuram?

"São desiludidas, viu, são desiludidas ou se contentam com pouco, acham que do jeito que tá tá muito bão, num dá valor no seu trabalho ...".

Este depoimento nos demonstra uma representaçâo fragmentada do movimento: ao mesmo tempo que ela relaciona e dimensiona o espaço de organizaçâo - "nâo existe só aqui, mas em outras cidades" - ela o limita à luta pelas leis e à açâo de pessoas, até alheias ao movimento **(4)**. Este movimento, do qual diz ter participado, torna-se distante de suas preocupaçöes.

A realidade dos demais trabalhadores é vista, de um lado, como dura: "salário baixo". De outro lado, alguns sâo considerados diferentes pelo salário e a profissâo. Considerando as falas citadas nesta análise, inferimos que, por nâo terem clareza nem de sua identificaçâo como trabalhadoras nem dos interesses antagônicos existentes na sociedade, é difícil às T.Ds. entenderem a articulaçâo entre trabalhadores. A necessidade de uniâo é percebida em poucas falas. A organizaçâo sindical é vista para defender os direitos, como assistência ao trabalhador.

O sindicato: "... É para olhar os direitos que o trabalhador tem ..." (Josi).

Chega na época de ... começo de aula né, o sindicato manda o material escolar, tem os médicos lá, os dentistas, tem barbeiro, tudo que ajuda ... tem a farmácia que cede remédio mais em conta pra gente ..." (Ivete).

"O sindicato dos trabalhadores está a favor dos trabalhadores ... está a favor dos trabalhadores ... a turma do sindicato vai lá (na fábrica), conversa com os trabalhadores pra eles pedir aumento ..." (Maura).

Os trabalhadores:
"Ah, juntos, mas num tâo nâo, tâo divididos, viu ..."
Lutando juntos? "Ah, eles .... seria .... um assim, seria, facilmente eles iam adquirir o que eles desejam,

---

(4) Interessante notar aqui que Rute, ao se referir aos ganhos, nâo os atribui à categoria mas a "você e Lé." Na época, a autora desta dissertaçâo acompanhava o movimento nacional na sistematizaçâo das suas discussöes, porém, Lé., citada, era doméstica cozinheira. Isto nos leva a questionar a metodologia e a linguagem do movimento que podem aproximar como também distanciar os próprios trabalhadores da categoria.

> que eles almejam ... Daria uma guerra geral... Essa guerra, eu penso que daria uma ... uma verdadeira ... como se chama essa .... guerra civil, que você vê, o país inteiro parado, né ... Eu vi falar de umas certas greves aí que eu fiquei com medo ... Tenho, porque uma greve geralmente a ... aquilo que serve pra defender a gente, eles cai de pau em cima da gente, eles num tão ali pra ... prá organizar o movimento. Ocê vê ..., vê, uma coisa eu tenho ... eu tô traumatizada com violência, eu num sei, vi que tem greve que eles saem batendo, de .... eu num sei .... num aconteceu ... vê como dá um movimento, vê o que aconteceu na China, né? China, né, o que aconteceu ali por causa que se uniram por um objetivo" (Rute).

Josi e Rute explicitam a proposta dos trabalhadores na greve e suas conseqüências até perigosas. De um lado, a repressão aos movimentos de trabalhadores é percebida com muita clareza e de outro, a ameaça de desemprego. Josi, ao estabelecer a comparação entre as greves de "antigamente" e as de hoje, individualiza a ação. Tanto ela como Rute não conseguem relacionar interesses diferenciados. Josi se coloca assim:

> **A senhora disse que os outros empregados, eles fazem greve. O que é pra senhora greve?**
>
> "Pra melhorar o salário né, pra ganhar mais, por causa que tá ganhando pouco, né, nem dá prá eles sobreviver, daí eles faz a greve".
>
> **Pra senhora, a senhora faria greve?**
>
> "Não, num gosto muito de greve não".
>
> **Por que?**
>
> "Porque deixa muita gente desempregado, depois fica pior né, às vezes um grevista num arruma serviço depois quando saiu duma fábrica, né. Vai num tantos lugar, se é grevista eles num dão serviço".
>
> **Não dão serviço?**
>
> "É, porque sabem que é grevista".
>
> **E por que que fazem greve?**
>
> "Porque ganha pouco".
>
> **E a greve resolve?**
>
> "Olha, pra pessoa que gosta de fazer acha que resolve, né ...".

É só pras pessoas que gostam de fazer ...

É, porque aquelas pessoas que não fazem num ... fica quietinho lá num canto, porque têm medo de perder o emprego, né, às vezes não dão força pros outros. Eu num gosto muito ... Antigamente faziam greve, tudo bem, mas hoje o pessoas que faz greve fica tudo quase todo mundo desempregado, né ..." (Josi).

Rute completa falando de greve:

"Que tem ... eu sempre vejo ..... de petróleo, tem negócio que monta peça de carro, né, que se fica parado, 2 dias que ficam parado o patrão perde milhões, é muito dinheiro, então eles perdem sim".

Quer dizer que os patröes perdem dinheiro?

"Nossa, muito prejuízo...".

E o que eles acabam cedendo para o empregado?

"Cedem, né, mas vão cedendo assim, aos pouquinhos, com muita má vontade que geralmente, quando eu vejo falar em movimento assim logo a gente vê falar que eles falam que dão, que vai fazer tudo certinho, já quando chega o outro mês já desconversaram, né ..... pé frio".

Pé frio ... (ri) .....

"Pé frio".

Muito pessimista, né?

"Nessa parte aí eu sou péssima".

Mas você disse que os trabalhadores, que eles param para que o patrão possa dar aumento, né?

"É".

E você disse que o patrão dá aumento, então isso significa que a parada deles ...

"Resultou alguma coisa ...".

Resultou alguma coisa?

"Mas, também, se resulta em muitas pessoas serem despedidas, né, que nem eles despedem ....".

Jessy toma posição perante o marido sobre o assunto de greve:

"Ah!, às vezes ele (o marido) esquenta, às vezes pra sair (de greve) ...".

Como?

"... Ah!, mas eu vou sair porque o meu patrão não dá" - "Pode ficar lá mesmo, fica lá vida, porque eu ajudo, eu

ajudo em casa ... Fica lá mesmo que eu tô te ajudando" Um pouco com Deus é muito. Então a gente ..." .

Esta fala nos levou a analisar as relaçöes familiares no que diz respeito ao trabalho. O marido e os filhos aparecem como as figuras que realizam a mediação entre o seu mundo e o seu trabalho. As entrevistadas condicionam o seu trabalho externo às suas responsabilidades para com eles. O trabalho caseiro é pouco partilhado pelos demais membros da família. Nas suas negociaçöes de trabalho Rute expressa claramente o componente família:

"... olha, eu só posso fazer assim, né, é tentar montar meu esquema de trabalho sem afetar a minha vida ...
... Ah!, eu procuro assim ... em primeiro lugar não afetar em casa ...".

As falas revelam que a comunicação com os cônjuges (trabalhadores não especializados) sobre estes assuntos pouco existe a não ser nos casos de Jessy, acima citada, e de Maura que diz ser estimulada pelo marido que participa das lutas no bairro, mas ela não atende aos convites "por não gostar de sair".

A vivência no bairro é reduzida à utilização dos serviços para a sobrevivência. O Estado (governo) é apontado em muitas falas como "quem decide pela gente" e é responsável pela situação em que a população vive. Sendo confundido com os patröes, às vezes a política que ele representa não corresponde às necessidades de sobrevivência do povo. A descrença na mudança por parte do Estado é notável.

"Imagina, depois que tá lá (o governo) não tá nem aí com os pobres ... devia ... não pensar só nele ... pensar nos pobres ..." (Maura).

"É uma baixaria" (Ivete).

"Eu gostaria que o Brasil fosse diferente ... tinha que ter muita coisa melhor, mas eu nâo sei nem te dizer como assim" (Nilva).

"Quem faz as leis ... sâo os presidentes, sâo as pessoas assim que tá no poder, né ... O poder é ... acho que é aquela pessoa ganha que vai ... que fica lá mandando, né, fazendo a ... só aquilo que ele gosta de fazer, o que que ele quer fazer ... Ah!, se o pessoal, se a naçâo ... se nâo quisesse, mudaria, mas acontece ... acontece que uma parte quer e outra nâo quer ... E como que fica? Ah!, nâo sei ..." (Josi).

Política ... "Nâo sei o que é isso ... eu vejo às vezes na televisâo, mas nâo entendo nada disso ... Podem fazer alguma coisa ... pra ajudar a gente, mas só fala, fala ..." (Jessy).

E a respeito das perspectivas de mudança? O grupo, voltado para o seu mundo particular, nâo chega a elaborar essa possibilidade. As perspectivas de mudança nâo existem:

"... Ah!, eu vou falar uma coisa para você, pra mudar este país mesmo, esse mundâo de Deus, só Jesus Cristo voltando nessa terra pra dar um jeito, pelo contrário num tem ... tá perdido ... esse mundo aqui é dos espertos, aqui é quem pode mais chora mesmo, aqui nesse mundo aqui só botando fogo em tudo mesmo ... pra dar certo alguma coisa, senâo eu acho que esse mundo aqui ... tem gente que quer ser muito mais esperto do que o outro ..." (Ivete).

Ivete aponta apenas a intervençâo de Deus para mudar a situaçâo. Rute percebe a necessidade de mudança, e expressa assim suas preocupaçöes:

"Ah, mudar, eu acredito que num tem como mudar, eu num acredito numa mudança que vá melhorar ...".

Você nunca pensou numa mudança?

"Nâo, eu sempre penso que a gente tem que a gente mesmo se agarrar, sabe, a força de vontade da gente, num ficar só esperando, né, porque é ... achar que ... Sarney pra fazer alguma coisa, nesse caso ... tem que entrar numa escola, fazer um curso, procurar dar mais assim no trabalho pra ver se é reconhecido, se tem como melhorar um pouquinho, né, se esforçar ...".

Depende de cada um ou depende de todos nós pra mudar?

"Depende no caso, de pessoas, né, dependeria de cada um e no caso de patrão dependeria de todos ...".

O Brasil vai mudar como?

"Mudar .... eu tenho minhas dúvidas! ...".

Você acha .....

"Ah, de mudar, eu penso que vai mudar pra ,melhor, pelo menos nesse tema aí eu sou desiludida, eu não acredito, porque né, cada um que entra, por mais bonzinho que seja, ah, sempre acaba sendo corrompido pelo poder e sempre acaba do mesmo jeito".

Para acabar com a corrupção

"Difícil, tem um .....(ri) ...".

Você acha que não tem condição?

"Não, não porque cada um que entra lá, o poder, eu acho que o poder corrompe as pessoas, eles entram tão bonzinhos ... vai ficando tão difícil ... pra senhora ver, o salário, né, que tá aí ..... e o preço do ... do leite que tem que comprar todo dia, quem tem criança, isso é um absurdo e achar que vai mudar, muda nada, vai mudar sim, vai aumentando cada vez mais".

E para quebrar isso?

"Ah, eu acho difícil ... Alguém teria que renunciar alguma coisa e eu acredito que ninguém vai renunciar nada ... Ah! ... a mudança que teria, eu acredito que não chegaria a tanto numa mudança não, porque uns têm medo do que possa acontecer, outras pessoas já partem direto para a violência né, aí seria um massacre geral".

Ao mesmo tempo que Rute afirma que não há condição de mudança ela aponta a necessidade de ações individuais para a ascensão social. Ela afirma que a mudança depende do esforço das pessoas individualmente enquanto trabalhadoras e do conjunto da sociedade: "no caso dos patrões dependeria de todos ..." Parece-nos que, no seu entender, as obrigações para a mudança são diferentes para trabalhadores e patrões. Essa ambigüidade sugere a relação de poder que possuem os patrões e o governo. Em fala anterior ela chega a vislumbrar uma guerra. Em outro momento da entrevista ela levanta uma alternativa:

> "O Brasil exporta muita coisa, só que antes deles exportar eles deveriam matar a fome do povo brasileiro, não eles pegar aí e já empacotar e mandar e pra gente ficar sobra ainda com custo absurdo".

Talvez a desilusão que transparece possa ser interpretada como dificuldade de entender o coletivo ou fuga da realidade concreta. Estes dois elementos são presentes na fala de Ivete e das demais. Essas falas revelam maior imprecisão que se explica pelo cotidiano dessas mulheres que não encontraram formas de expressão na família, "na rua" e no trabalho. Sua sujeição à realidade se torna como "natural" nas suas vidas.

A noção da realidade sob o prisma da religião que aparece nos depoimentos complementa nossa argumentação. Deus "destino", "fatalidade" está presente nas falas e nos sugere uma influência muito grande nas ações. A Igreja ajuda "para ter fé", "rezar". As dificuldades vêm da "falta de Deus, de religião", como diz Ivete:

> "... religião ... tendo uma religião você consegue as coisas com mais facilidade, né ...".
>
> "O pastor né, ele fala né, porque a carestia, assim a situação né, ele fala que governo nenhum vai dar jeito não ... porque é a palavra de Deus. O que Deus deixou escrito tá se cumprindo né, e que Deus falou tá se cumprindo, então não vai mudar né, se eles acham assim né, que Deus falou tá se cumprindo a carestia ... entra governo, sai governo, entra governo, sai governo ... então eles acham que isso aí né, o que Deus falou tá se cumprindo. Então tem que conformar ...né, então tem que pegar firme né ... com Deus. Porque só ele mesmo para ajudar a gente ... né ... só ele ..." (Maura).

Os depoimentos da vida cotidiana expressam uma visão individualizada do trabalho, da família, do bairro, da sociedade e de Deus. O cotidiano destas mulheres é marcado

pela sua condição de sexo, ainda que pouco explicitada. A passividade/fatalidade é justificada assim:

> "Ah! ... me sinto bem ... eu não tenho me queixado ... eu nasci mulher né, porque que queixar" (Maura).
>
> **Ao se referir às tarefas domésticas:** "A mulher já nasceu prá isso ..." (Maura).
>
> "Com 5, 6 anos, a mãe já punha a gente a lavar louça, barrer o chão, fazer esses serviços assim, com isso a gente vai aprendendo" (Nilva).

Indagadas sobre a desunião, o não reconhecimento do valor no trabalho, (**em que medida isto acontece só com as mulheres trabalhadoras?**), apenas Rute se posiciona:

> "Acho mais problema da ... da mulher, ela num ... num dá valor não ...".
>
> **A mulher não se dá valor?**
>
> Não, porque você vê, se elas dessem valor, imagina a quantidade de empregada que num tem aqui em Campinas, né, seria todo mundo num só objetivo, vamos batalhar pra conseguir isso, vamos participar de reuniões .....Eu tenho exemplo disso, eu vou falar, porque na minha casa, né, é só eu que participei de um curso, né, eu que participei, tem a M.R. que faz, acho 2 vezes, 2 reuniões lá, mas eu chegava em casa, falava: "Ah, minha gente, agora vamos trabalhar, a gente tem que pedir o registo na carteira e um monte de coisas". Minhas próprias irmãs virava pra mim e falava: mas pra que sujar carteira com isso daí". Isso porque a gente é muito manjada, tem uns apelidos tão desagradáveis, assim, sabe, falar ...".

Quanto à dupla jornada Ivete comenta:

> "... (Ri) ... uma escravatura, né ... eu acho, igual, você chega em casa, trabalha fora, ocê chega em casa, ocê tem janta pra fazer, criança pra dar banho, arrumar uma cozinha, pôr uma roupa no lugar e você tem que fazer. Isso é coisa que ocê tem que fazer, todo o dia e não pode deixar e se deixar fica feia a coisa ...
> Ocê tem que ir sempre num bar, comprar leite, um pão, passar no supermercado, comprar uma fruta pras crianças. É coisa de rotina isso, num tem jeito de você deixar, então é uma coisa ... por isso eu falo que a mulher tem que se valorizar, porque elas trabalham fora, trabalham em casa, têm que dar atenção ao marido, tudo, tudo é coisa que tem que contar, não adianta ocê viver ... isso é coisa de rotina, todo dia ocê tem que fazer isso, num tem jeito de ocê querer sair fora. Por exemplo, eu

chego, arrumo a janta, ah, eu tô cansada, eu vou deitar, vou deixar a cozinha aí ... a cozinha... amanhã eu chego, essa pia tá ... de chegar perto dela . Eu vou trabalhar e deixo a cozinha arrumadinha, quando eu volto de tarde, meu filho tomou leite, tem uma mamadeira na pia ali ... Vou arrumar o almoço ... almoçou ... os pratinhos e as panelinhas do almoço estão ali ... come alguma coisa, tem a faquinha ali ... quer dizer, quando você for, chega de tarde, vai fazer janta, se deixa aquela cozinha lá, não tem condição ... agora, há uma semana eu fiquei toda atrapalhada, aqui na cozinha e no quarto, porque preferi mexer com a roupa porque eu vi que o tempo num tava católico, né, preferi mexer com a roupa e deixar ... Até agora eu não consegui pôr ordem ... tô perdida aqui, a roupa tá em dia, agora olha a minha cozinha é como que tá ...".
Então, é uma coisa ... é rotina, tem todo dia, chegando ocê tem que lavar uma roupa no meio da semana, passar, que eu, pelo menos, não tenho tanta roupa assim ...

E que que as mulheres fazem para se organizar? Seu marido ajuda?

"Bom, meu marido, o dia que ele tá com coragem ele pega, faz arroz, lava uma louça, dá uma varrida na casa, estende uma cama, mas isso é o dia que ele tá com coragem, não é rotina, não, rotina ...".

Por que a mulher é feita para ter duas jornadas e o homem só uma?

"E isso já é ... vai do casal né, isso vai do casal, não adianta querer ... tem marido que chega em casa, os 2 trabalha, vai, chega ..... ele considera aquilo uma rotina dele, né, como Seu Os. mesmo com D.Lui.... Seu Oscar, eu morei um ano e pouco no fundo do quintal da D.Lui., seu Os., eu vi Seu Os. chegar, começar a lavar roupa, arrumava, arrumava cozinha, arrumava comida ... lavava o quintal, até a roupa Seu Os. lavava, quer dizer, quer dizer né, o dia que ele ficava em casa ele já limpava tudo, quer dizer ... é a rotina dele, num é porque ele trabalha fora ele num pode fazer em casa, ele faz de tudo e bem feitinho, num é lambança não, ele faz bem feitinho ... então eu acho que vai do homem, vai do casal, né ..... então eu acho, em casa não .....".

Não encontramos outros questionamentos sobre a dupla jornada que é vista como normal. A partilha das tarefas de casa é uma bondade do marido. Em nenhum momento é relacionada com a educação diferenciada. Este cotidiano é marcado sobretudo pela responsabilidade da sobrevivência que dificulta representações mais abrangentes.

Numa visão particularista da história, a perspectiva de pertença a uma classe que tem interesses próprios encontra-se como submersa. A fragmentação da vida, do trabalho e da família assumindo apenas os papéis tradicionais da mulher fazem que o cotidiano acontece sendo tecido de elementos externos às suas vidas. **A identidade** como trabalhador, que vende sua força de trabalho, é diluída de forma tão sútil que os referenciais, mesmo que construídos por outros, não são assimilados. Por não se reconhecerem como trabalhadoras e profissionais torna-se difícil a identificação com uma classe. O **sentimento de oposição**, que torna viável a tomada de posição para a elaboração de projeto pessoal e coletivo é inexistente. Este projeto, no caso deste grupo, voltado tão somente para as questões imediatas de sobrevivência, inibe qualquer articulação com **a totalidade** dos interesses do universo dos trabalhadores. Não parece existir na vida dessas trabalhadoras experiências coletivas gratificantes. Restariam então a passividade e o conformismo, expressos na repetição de ações guiadas tão somente pelo senso comum, e a noção de naturalidade que é fortemente introjetada. Ao mesmo tempo, a fragilidade das representações expressa ora nas falas, ora nos longos silêncios diante alguma referência que poderia provocar a fala, ora nas risadas nervosas pode sugerir uma profunda inquietação diante da vida que não é assumida, mas sofrida.

2. VISÃO HUMANO GENÉRICA DE CLASSE

"Tem várias classes porque eu acho, conforme o nível e a profissão da pessoa é uma classe. Por isso que eu falo que a classe sofredora é a doméstica e a construção

civil no momento, depois vêm os professores, (5) vêm os bancários que são uma classe que também sofre muito ... ... médico! Não é classe alta, é uma profissão alta ... é ... dentista, muita gente quer estudar pra ser dentista, médico também que acho que também não fica muito atrás porque o médico também é uma profissão bem rendosa ... classe média! São essas pessoas que têm mais, também têm , mas que têm que trabalhar para viver. Se eles não trabalham também não vivem!
... depois tem a classe alta, são os que estão bem estabelecidos na vida ... industrial ... donos das firmas, dessas fábricas grandes ... são da classe alta, sem dúvida ... eles? Eles têm poder. Profissão pode ser que eles não têm ... Poder ... que eles têm os lucros deles né, enquanto mais eles vão produzindo, mais lucros eles vão tendo, mais eles vão subindo na vida ... (Eni).

"... A diferença de classe? Tem o rico, já tem o dinheiro dele pra comprar, o quanto mais ele puder apertar o pobre ele vai apertar, né. As indústrias faz tudo pra ter lucro pra ela, não pra ter lucro pro pobre. Só é pra fazer, dá lucro pra ela, quanto mais produzir pra eles é melhor, né!" (Lia).

Estes depoimentos se referem à representação da divisão da sociedade em classes distintas, presente neste grupo que consideramos como tendo uma visão humano genérica: isto é, com representações que abrangem as suas vidas, o trabalho, o universo doméstico - o mundo com maior possibilidade de totalidade. A definição de classe apresentada fundamenta-se, com maior clareza, não a partir da profissão e do estudo (como é o caso no primeiro grupo), mas sim do poder do lucro, extraído do salário dos trabalhadores, como exemplificarão as falas mais adiante. A riqueza da classe alta provém do lucro que lhe proporciona o poder aquisitivo. A exploração está diretamente ligada a esse poder. Aparece também a camada intermediária entre os ricos e os pobres, classe média que é definida em termos de "profissão mais rendosa" e está ligada ao valor do seu

---

(5) A mesma entrevistada comenta em outro momento da conversa que o sonho dela, de pequena, era ser professora. O depoimento que segue demonstra o juízo atual sobre a profissão: "professora, apesar que hoje em dia também não sei se ia compensar porque professora também tá uma classe tão judiada" (Eni).

trabalho. O seu poder aquisitivo provém do seu trabalho. "Se não trabalham não vivem..."

A articulação entre o rico e pobre, entre a "classe alta" e as "classes baixas", se dá através da exploração. A própria dependência de uns para com os outros parece determinar o seu distanciamento:

> "... Ah!, porque eles são ... só vivem de exploração, exploram as classes mais fracas pra poder subir na vida, né, ter os lucros deles, né, é isto que eu acho ... Principalmente numa fábrica, vamos supor: o que estes coitados não são explorados, esses operários que estão lá dentro, né? Enquanto eles são explorados, os patrões estão subindo ... que lucro que eles não dão pro seu patrão ... Trabalho direto ..." (Eni).

> "... as indústrias fazem prá vender, mas não dá o poder de comprar, né, porque a gente mesmo faz e não tem o poder de comprar o que a gente faz ... a gente produz e não tem o direito de ter aquilo, né?" (Lia).

Eni entende sua inclusão como T.D. na classe trabalhadora, que dá produção e "não tem lucro" da seguinte forma:

> "... Porque, se eu fico o dia inteiro, me responsabilizo pela minha parte, ela sai pra trabalhar, pra ter o lucro dela, confiando na pessoa, tá dentro da casa dela, é porque a gente tá dando lucro, né, porque, se a gente fosse dar prejuízo elas não ia querer ... (ri) ... que ela, saindo contando com uma boa empregada dentro de casa, ela sabe que ela sai sossegada! Então eu acho que uma doméstica também dá lucro pro patrão ... dá porque se ela não tiver uma pessoa da confiança pra deixar na casa dela, nem ela pode ter o lucro. Só que ela tem pouco lucro. Essa que é a revolta de muita doméstica, porque ela tem pouco lucro ..." (Eni). **(6)**

Entendemos que, neste grupo, as representações da sociedade são diferentes: a noção de lucro aparece bastante clara e é proveniente da exploração; uma classe não

---

(6) Este depoimento, em toda sua singeleza, exemplifica a reflexão feita em capítulo primeiro sobre o específico desta ocupação que é submetida à administração do trabalho no sistema capitalista. Toda venda da força de trabalho gera um benefício lucrativo.

aparece desvinculada da outra. Acompanhando a trajetória individual, constatamos que suas vivências anteriores contribuíram para a visão que estas duas entrevistadas têm do trabalho e das açöes dos trabalhadores. Isto tanto quanto à sua responsabilidade para a sobrevivência como para gerar suas resistências. Eni fala assim da sua vivência familiar, de sua educaçåo e do trabalho na roça:

Que orientaçåo os pais davam para vocês?

"Ah!, eles sempre falavam pra gente se esforçar, que as coisas tavam muito difícil porque esse governador nåo queria saber de nada, cada vez as coisas ia ficando pior ... Ele (o pai) sempre falava que a gente se preparasse porque as coisas nåo iam ser fácil! Tinha que lutar enquanto era novo ...
... Aí eu comentava assim quando o patrão chegava na roça, nos dava bronca ...
Ah! ... ele vinha falar qualquer coisa eu nunca deixei barato pro patrão nenhum ... O meu pai foi sempre uma pessoa que orientou bem os filhos, graças a Deus! ...
... Ah!, a respeito de tudo, tanto na educaçåo como no trabalho, sempre ... mas quando a pessoa vinha pra pisar em cima, ele nåo admitia que a gente fosse pisada, pro patrão. A gente podia fazer a descarga que ele merecia, depois o meu pai nåo falava nada, quer dizer que ele já dava educaçåo pra gente certa, mas também nåo queria que a gente fosse humilhada pelos outros nåo ... Trabalhava tudo certinho, fazia a obrigaçåo dele, mas se viesse ...
... Ah!, eu enfezei com a colheita de café mesmo! Chovendo, o café brotava mesmo, e a gente debaixo da chuva choqualhando o café ... o café brotando e o patrão achava que era culpa da gente, sendo que a chuva nåo parava e foi aonde me queimei ... foi que falei que se ele mandasse sol eu garantia pra ele que a colheita saía num prazo de um mês ... (Eni tinha 18 anos, "nåo era muito criancinha nåo").

Trabalho hoje:
"... Trabalho é o que elas lutam pela vida, luta muito e muitas tá lutando pra poder, um dia mais tarde, os filhos da gente nåo sofrer o que a gente sofre, quem garante que um filho da gente nåo vai ser doméstica, mas, pelo menos, se for uma doméstica sempre com os direitos ... É isso que eu penso, porque eu tenho uma filha mulher, tenho uma filha e nåo sei se um dia mais tarde ela vai ser uma doméstica, mas eu pretendo, se ela for pra ser uma doméstica, pelo menos ser com os direitos dela ...".

Lia teve uma vivência infantil bem diferente:

> "... Seu Jo. e dona Ju. (pais de criação) sempre achavam que tinha que aprender a trabalhar, trabalho tava acima de qualquer coisa, a mulher principalmente tem que trabalhar muito, que ela vai ser o esteio da casa ... um tanto de coisa ... isso aí ...
> Oh!, a minha professora, inclusive era professora da L. (duas irmãs negras, criadas cada uma em famílias diferentes), era uma pessoa humilde também, sabe ... Era uma mulher maravilhosa e isto que ela passava pra gente, a gente podia acreditar, no que falava, ela dava esperança pra gente ... ela me conhecia e conhecia a L. como ... a gente, uma escrava ... então ela dava esperança pra gente conseguir se libertar ... que a gente devia ter muita fé em Deus e lutar para conseguir o que a gente queria, que não esperar que Deus desse na mão da gente, que a gente tinha que lutar, e o meio de luta seria conversando, mas sem agredir ninguém ...".

Esta mesma entrevistada teve ainda outras experiências. Trabalhou um tempo em hospital quando ainda jovem, sendo a única responsável por três filhos. Diante da deflagração de uma greve ela optou por não participar com medo de ser despedida. Esta experiência parece ter sido marcante para ela:

> "Ah! ... vamos ... "não, eu não vou", não participei, fiquei de fora ... pouco adiantou porque eles me mandaram embora do mesmo jeito ... Na época eu tava até aqui de conta, né, eu não sei porque me mandaram embora, até hoje não sei ... sem motivo nenhum. Daí eu comecei a me ligar nas coisas, sabe ... não, o negócio tem que ser com briga pra conseguir o que a gente quer e fui ser T.D., mas comecei a exigir o que eu queria ...".

2.1. VISÃO DE IDENTIDADE

A identidade como trabalhadora é manifestada no valor e reconhecimento que é dado à profissão, embora não escolhida, mas "sendo o que sobrou porque não tinha estudo". Apesar das condições de trabalho serem ambíguas, a determinação e objetividade aparecem mais claramente nas representações tanto de Eni como de Lia:

A profissão de doméstica:

"Olha, sei lá, doméstica é a continuação de casa mesmo... Você sai de lá, você tá aqui ... você tá aqui, você tá lá, é a mesma coisa. Hoje eu dou mais valor na nossa categoria de doméstica. Antigamente a gente era praticamente uma escrava mesmo ... A gente não tinha hora para entrar, não tinha hora pra sair, ocê tinha que fazer o que a patroa queria, o que ela não queria ... Hoje, não, você estabelece o teu horário, o teu dia, o teu salário ... se você quer, quer, se não quer, paciência ...
... De doméstica, tenho mais de 30 anos que tô nessa caminhada, nunca gostei de ser doméstica, sinceramente, nunca gostei, gostaria ter estudado, ser professora, sei lá ... alguma coisa mais importante, mas lá ... nesse trabalho, foi aí que criei meus filhos, comprei minha casa, fiz tudo com esse trabalho de doméstica, então isso dou muito valor a esse trabalho ..." (Lia).

"... É uma profissão ... é um ponto que gostaria de falar, mas não é reconhecida na sociedade ... Porque eu acho que a doméstica tinha que ter o mesmo direito que os outros têm, como se fosse uma firma ... Acho que elas devia ter o Fundo de Garantia, porque ela tem o direito do INPS. Vamos supor, quando ela for encostada por alguma doença, qualquer coisa assim desse tipo, mas ela não tem o Fundo de Garantia, essas férias de 20 dias. Mas acho que deveria ser um emprego igual os outros. Ter um horário fixo pra entrar, pra sair ... ... Ah!, eu acho que ela deveria ter mais consideração no serviço, ser mais respeitada. Tem muita patroa que humilha as empregadas. Quando ela vai falar sobre aumento ou qualquer coisa, ela taca mil e uma coisa na cara da pobre empregada ..."(Eni).

Como o que?

"... Que nem no caso do salário. Se ela vai pedir aumento de salário elas falam: "Ah!, vai numa firma, a firma tá pagando bem menos, que tive empregada que saiu pra ir em firma, voltou, pediu emprego tra vez, ela voltou, pediu emprego de volta, porque firma paga pouco, porque tem que tirar ônibus, tirar comida ..." Isto é os lances que elas sempre pegam! Comida sempre tá no meio, como coisa que doméstica dá tanto gasto ... A maior parte fala isto. É porque dou condução ... dá condução, mas abaixa no salário. todo jeito sai do bolso da doméstica mesmo..." (Eni).

".... cada uma que merecia ganhar mais tinha que ter aumento ... eu acho que não deveria ser assim, porque conforme a empregada, o cargo que a empregada tem, o que ela faz, eu acho que ela deveria ir subindo o salário dela, né, porque eu não sei, porque eu esforço, eu sempre tenho aumento, mas meus emprego, eu nunca precisei pedir ..." (Eni).

"... Ah!, quando a gente sai na rua, se encontra, uma comenta o que tá fazendo, o que não tá fazendo, quanto

ganha, quanto não ganha, uma fica revoltada porque tá ganhando menos, a outra tá ganhando mais, então, tem tudo isso daí. Acho que principamente na saída da creche isso a gente se comenta pra ver o que uma tá fazendo, outra tá fazendo ..." (Eni).

Três pontos nos chamam atenção quanto ao valor profissional expresso nas falas deste grupo. Enquanto que na visão particularista de classe seu valor de T.D. deveria ser atribuído pelos patrões, no presente quadro a situação é invertida. O não reconhecimento, que é percebido, é justificado pela ausência de leis que caracteriza a desigualdade em relação com os demais trabalhadores; pelas condições e relações de trabalho; (ambigüidade explicitada com clareza) pela passividade como as próprias trabalhadoras tratam a questão. A visão das mudanças ocorridas neste setor é presente.

Quanto aos direitos trabalhistas:

"... Eu pretendo (continuar como doméstica), mas dentro dos meus direitos ... Tenho um direito pra ser reconhecido ... como se fosse uma firma ... ter aviso, ter tudo ... ter aviso prévio, ter férias, ter 13o., ter Fundo de Garantia principalmente, porque eu acho que o Fundo de Garantia ajuda muito a empregada doméstica ... eu acho que ia ajudar muito, porque tem quantas domésticas ..." (Eni).

"Eu acho que deveria se organizar melhor ... é como eu tô falando, se ... que a doméstica fosse como se fosse uma firma, daí a patroa ia saber mais pra ela mandar empregada doméstica embora ela ia ter também que pagar os direitos da doméstica e a doméstica também, antes de sair do emprego ela ia ter que também fazer o aviso dela, todo jeito ia ser bem melhor, ia ajudar tanto a doméstica como a patroa, nesse caso, porque a patroa também não ia sair prejudicada. Não é porque vai dar o direito das domésticas que vai prejudicar as patroas ... é o que eu penso, tem que ser ..." (Eni).

"... a doméstica nunca vai acabar, eu acho que não acaba não ... porque nunca essas patroas não têm coragem de chegar na cozinha e sujar as mãos... Então, emprego de doméstica nunca vai acabar e sempre vai ter aquelas que vai precisar do emprego de doméstica ... por isso que tem que lutar pra elas ter o direito ... Já tentaram mudar o nome de empregada doméstica, mas mudar o nome

não vai adiantar, adianta é mudar mesmo as leis das domésticas" (Eni).

Quanto à necessidade de reagir:

"... Empregada doméstica também tem essa, se ela continuar calada ... jamais as patroas algumas chegou dá o aumento, mas tem muitas dela fica de ano com a empregada sem aumentar. E ainda tem, ainda tem muitas assim. Mas quem é culpada é a própria empregada, não sabe agir ... Então ..." (Eni).

Quanto às condiçöes e relaçöes de trabalho:

"... não sei se é porque elas acham que não tem valor ... acho que é falta de união mesmo. A gente trabalha muito sozinha, cada uma numa casa, cada uma por um lado, então não tem aquele papo ... é mais fácil manipular, né ... se é um grupo numa fábrica, todo mundo junto ... não vão fazer a cabeça de 10 ... E a empregada é mais fácil da patroa manipular, ela tá sozinha ... que ela vem falar: é isso assim, e aí vem a patrão, vem a sogra, vem a mãe e pronto. Ela fala que acha que a patroa tá certa, que a patroa sabe, que a patroa estudou, que a lei tá do lado da patroa ... sempre que eu posso eu converso (com as T.Ds) ... ah!, eu nunca senti que alguma tivesse interesse de fazer alguma coisa, elas sempre ficam esperando que tá acontecendo , que algumas tão fazendo, sabe, nunca, ah!, ... se sair tudo bem, isso não vai dar em nada, imagina que o governo vai escutar o que vocês vão falar ... a gente não consegue levar ..." (Lia).
" ... E a falta de contato com todo mundo, trabalhar sozinha, as patroas manipulam, são muito fácil de manipular. Porque a maioria das domésticas não tem estudo assim ... né, num ... a cabeça não tá alcançando ainda, o que a gente quer, o nível de escola ainda não chegou lá, as mocinhas têm vergonha de ser doméstica, sempre outras, às vezes que nem é doméstica tá lá ajudando, né, mas as moças têm vergonha de serem domésticas ..." (Lia).

A clareza dos direitos trabalhistas, e não somente direito individual, parece nortear as açöes de Eni, tendo em vista a sua percepção de que a profissão não está em vias de extinção. A representação de Lia quanto ao isolamento vivido pela T.D. acima citado é bastante esclarecedora e justifica por si as dificuldades enfrentadas na elaboração de açöes de interesse próprios à categoria.

A necessidade de relaçöes positivas no trabalho parece imprescindível ao bom desempenho e é sugerida como confiança mútua, mas essas relaçöes devem ser dimensionadas a partir dos interesses das trabalhadoras.

> "Como esses dias ... esta semana tenho conversado com pessoa que ainda tá ganhando 3.500 cruzados pra fazer tudo, ainda pra tirar o INPS do bolso dela ... Eu falei: o que você está fazendo? "Ah!, mas faz 11 anos que eu tô nesta casa, a amizade". Aí eu falei: "Então você leva a amizade pra sua casa e vai distribuir pra seus filhos ..... Eu quero amizade, mas eu quero ganhar" (Eni) **(7)**.

O salário é visto como parte do salário que provém da profissão do patrão e que lhe é repassado, enquanto que, para os demais trabalhadores, ele provém das vendas dos produtos fabricados. Eni identifica esta diferença com muita justeza:

> "... Ele vende e com os lucros ele paga o empregado, mas não com os lucros, mas com uma parcela muito baixa dos lucros dele que é que vai pagar os empregados. Acho que ele mexe mas, com muito pouco nos lucros dele". E o salário que a patroa te dá, ela tira de onde? ... O dele, o que ele passa pra mim? da profissão dele ...".

Parece-nos que este grupo constrói sua identidade como trabalhadora no seu cotidiano assumido desde a juventude. Sua visão é mais abrangente. A identificação do trabalho doméstico remunerado é: decorrente da concepção do trabalho como produção social; do reconhecimento da sua profissão; sua dignidade; do salário indireto que recebe como alimentação, transporte (não visto como benefício, nem bondade); das leis trabalhistas que têm que ser ampliadas; da necessidade de

---

(7) O salário mínimo na época em que foi realizada esta pesquisa (30-01-80) era de Cz$ 4.500,00, sendo já anunciado o S.M. de fevereiro, passando para Cz$ 5.280,00.

objetividade nas relaçöes patrão e empregado. Suas açöes são coerentes com suas representaçöes.

2.2. VISÃO DE INTERESSES ANTAGONICOS

O entendimento de que há interesses diferenciados e até antagônicos entre as classes se manifesta em termos de organizaçáo diferenciada na luta pelos direitos. Nos depoimentos, constatamos que neste aspecto essa visão é proveniente de açöes e vivências diversificadas na sua história de vida e no cotidiano atual. A percepçáo de que os patröes têm seus interesses está expressa assim quanto aos direitos descritos por Eni.

> "...Porque tem tantas domésticas que ficam 3 ou 4 anos no emprego, quando ela sai, coitada, o que ela leva? ... Se elas tivessem o Fundo de Garantia elas pegaria esse fundo dela, vamos supor, colocasse num banco pra render um pouco de juros, já dava pra quebrar um pouco os gastos dela, principalmente ..... tem empregada que fica 10 e 15 anos no emprego e quando sai o que que leva? ... Francamente nada, porque se ela pega o 13o. ela acabou de pegar na mão ela tem que gastar ele, porque a necessidade obriga ... Quer dizer que ela nunca consegue guardar ... Agora, no caso do fundo de garantia era uma coisa que tava ... vamos supor, era um dinheiro que ela tava guardando para um dia, mais tarde ... É isso que eu acho que falta prá doméstica ... ter o fundo de garantia ... eu gostaria de ter e não tenho ...".
>
> **Você já ouviu algum patrão falar sobre isso?**
>
> "Não, eles preferem não tocar no assunto ...".
>
> **Por que?**
>
> "Ah!, porque se eles vão tocar no assunto a doméstica vai falar ... "Ah! ... porque o senhor não faz isso então" ... e muitos deles não pretende que a doméstica seja assim, um tipo de uma firma ... que eles preferem mais que elas sejam uma doméstica mesmo e fica aí só com o INPS ..." (Eni).
> "... porque você sabe que umas patroas controlam muito bem uma casa com a outra, né! Tem caso de prédio que elas controlam pra dar aumento igual ... Eu já vi isto ... Quer dizer que as patroas se organizam? Se organizam ... principalmente em prédio ... no prédio tem muita empregada doméstica, tem prédio que tem uns 50 a 60

patroas e elas descem, ficam batendo um papinho, acho ... e trocam de idéias, comentando sobre as empregadas ... é o que a gente não cansa de ouvir ...".

E as empregadas, no prédio, o que elas fazem?

"Ah! ... elas nem podem conversar na portaria essas coisas com as outras ... elas conversam na rua, em outro lugar, mas ali na frente talvez tá falando ... de repente tem alguém delas ouvindo pra depois entregar ... arriscado até perder o serviço depois, porque se falar qualquer coisa contra, você já viu, né ... Mas elas se organizam também pra ver o que uma tá pagando, outra tá pagando ... mas não vê o que uma faz e que outra faz ... e talvez tem uma empregada que ela trabalha no emprego, mas talvez não lava roupa, não cozinha, é muito diferente de uma que lava e cozinha, então tem esses nível de salário também, não tão tudo igual, porque arrumadeira é um salário, cozinheira é outro salário e a faxineira também é outro ...".

Mas, as patroas se organizam ...

"Não ... se organizam assim, batendo papinho embaixo, vamos supor, levar as crianças pra tomar um sol no parquinho e lá elas fazem rodinha e conversam pra ver o quanto tá pagando ... o que não tá ... porque, pode ver, num prédio faz pouca diferença o salário de uma empregada pra outra ... essa parte eu tô falando ...".

O pessoal comenta?

"Comenta, porque se uma patroa pagar bem pra uma empregada ela vai comentar com as outras, porque, num subir do elevador, num descer do elevador se encontra, nesse intervalo elas aproveitam pra saber o que uma faz, mas sem conhecer ..." (Eni).

Lia comenta assim:

"Ah!, lá no meio lá ... agora fica difícil, não tem papo assim sozinhas, né, elas são muito ligadas uma na outra, mas umas conversas ..... tem uma ex-patroa que eu fazia faxina, que falava assim: um dia eu cheguei elas tavam falando de doméstica ... Ah! ... fulana quer ganhar tanto, mas eu não vou pagar, imagina que eu vou pagar isso tudo ...
Ah! ... falou, mas eu pago porque eu acho que ela merece ... Aí depois que ela começou a sair ela falou: imagina, cê acha, pagar tanto ... elas querem andar bonitas ... às minhas custas não ... quer dizer, se uma faz a outra não faz, são individual, né?".

Como que você analisa isso: a patroa que diz que a empregada quer andar bonita às minhas custas ...

"Eu acho que ela acha assim, acha que a gente não deve andar bem arrumada, que a gente é pobre e deve andar como é, mostrar que é pobre, bonita é só pra elas, elas que podem ter roupa boa, ter sapato bom ... Como diz a filha, também T.D. briga ... (ri) ... quando ela vai na

loja ela fala, eu vou comprar aquele sapato lá ... Paula, mas aquele é caro ... Não quero saber, porque fulano pode comprar... eu trabalho e compro, também posso, sabe... Então eu acho que rico hoje vê a gente bem arrumado, pra ele é tá subindo muito, tá ganhando muito...".

Isso significa o que, que ele explica ...

"Eu acho que eles têm medo de tomar o poder deles, tomar a riqueza deles ... Isso significa, não sei se é isso, mas eu acho que é ... Cada vez que o pobre sobe um pouquinho tá tomando um pouquinho o poder deles, né ..."

Parece-nos aqui que as representaçöes de interesses antagônicos se dão em dois níveis: no nível dos interesses a defender, os quais são, de um lado, os direitos e, do outro, o poder; no nível também da organização para a defesa desses interesses. Isso provém das inúmeras açöes que tecem o cotidiano e estimulam para a resistência e a luta, uma caminhada longa de dez a quinze anos, sedimentada tanto nas experiências partilhadas na família e vivenciadas na comunidade, como nos poucos contatos com domésticas politizadas no movimento da categoria. (Voltaremos sobre essas contribuiçöes mais adiante).

A prática da "conversa", que permeia o cotidiano explicitada nos depoimentos, aparece como um dos elementos desencadeadores do sentimento de "revolta", "não conformismo" (subententido em certos momentos) que permeia o cotidiano.

2.3. VISÃO DE TOTALIDADE

As representaçöes e açöes que visam a mobilização das T.Ds. para a participação (ainda que principiante) se dão nos mais diversificados espaços e não

especificamente no espaço privilegiado da organizaçåo dos trabalhadores ou seja, o sindicato, como poderíamos supor **a priori**. Lia "descobriu com o movimento negro", aprendeu a ler o jornal com o patrão. "Hoje trago o jornal e eles (os filhos) lê". Aprendeu a negociar de forma diferente a partir de várias experiências, como a do hospital, já citada. Ela continua dizendo:

> "... Depois do sindicato. A gente começou a participar da associaçåo ... Começou a ver o outro lado das coisas ... Eu praticamente ajudei a fundar a nova associaçåo, né ... Nós começamos juntas, a Lo. foi com a Ma. e eu tava sempre juntas ali, depois ... eu ia pouco ..." **(8)**. É ... então, através disso a gente começou a entender ... eu tinha até raiva de sindicato, sabe ... Ah! eu vou fazer lá o que, conversando fiado lá, fazer o que? Mas aí a gente começa acordar que ... que todo trabalhador é igual, e que tem direito como homem, como mulher, como qualquer ...
> "... Então tá faltando eu acho que é mais é orientaçåo, mais pessoas pra orientar ... Orientar o que? ... orientar as domésticas o que deve ser feito, o que não deve ser feito,acho que tá faltanto mais orientaçåo ...".

A necessidade de orientaçåo, não bem explicitada, a que Lia se refere, pode se explicar pelos poucos espaços de discussåo e participaçåo que a T.D. tem no seu trabalho, isto é, o isolamento. Eni, que também tem pouco contato com o movimento, comenta assim:

> **E as domésticas têm organizaçåo?**
>
> "É, então, daí que tá, a culpa é delas mesmo, quando tem uma reuniåo, qualquer coisa, se convida 100, vai 10. A culpa é delas mesmo porque muitas ainda acham que a patroa é boa demais pra elas".
>
> **As domésticas têm sindicato?**

(8) Não pudemos definir concretamente o tipo de participaçåo que a entrevistada tinha na associaçåo da época e posteriormente no sindicato da categoria. Pelos testemunhos das lideranças do movimento essa participaçåo teria sido mínima. Residindo em outra cidade, seus contatos eram muito esporádicos com a irmã que era do quadro de direçåo do movimento. Este fato nos leva a questionar nos critérios de militância, não tanto a quantidade como a qualidade. Falando de política, ela se denomina "militante (no partido dela) de fora ..." "Sabe, só quero ficar de lá, na lateral ... Como no sindicato? É ... na lateral! ...".

"Tem o sindicato, não tem ainda bem o sindicato, mas tem associação, tá faltando um sindicato das domésticas não tá?".

E o que faz a Associação?

"A Associação orienta, dá as orientação, que como tem empregada que fica 10 a 15 anos no serviço, sai, a patroa talvez tenta enrolar pra não pagar férias, que é uma coisa que ela tem, ou talvez algum 13o. que talvez ela queria receber que, eu acho que desde que trabalha 1 ano acho que tem o direito, mesmo que se ainda num foi vigorado esse projeto, eu acho que tem o direito, que, como se sacrificou o ano inteiro, e no fim do ano vai, sai só com o pagamentinho na mão ... Acho que não, tem o direito de dar uma passeada, qualquer coisa ... Tem um dinheiro a mais pra comprar pelo menos alguma coisa pro Natal pros filhos. E muitas delas já vieram reclamar: "E porque a gente não tem onde ir ... fui no sindicato da Construção Civil e não resolveu o meu problema"... Eu falo: "não resolveu e nunca vai resolver porque você tem que se organizar junto com as domésticas pra poder, um dia, seus filhos não sejam o que a gente é hoje, pelo menos, disse eu, se eles têm um futuro melhor, mesmo que eles fosse uma doméstica, mas que já tenham mais direito e dá pra melhorar. Mas melhorar como? Através, se elas se organizarem, né?".

Você discute isso com quem?

"Com as domésticas mesmo da creche, porque a gente são mais de 100 mães, mas umas aceita a idéia, outra vem contra isso que é duro, que nem eu disse. Essa semana eu tive conversando com uma empregada que tá 11 anos num serviço só, ganhando um salário de 3.500 cruzados, entra no serviço às 7 da manhã, às 8 e sai às 5, 5 e 1/2 prá ganhar 3.500 e ainda tirar o INPS do bolso dela ...". **(9).**

Continua mais adiante, comentando sobre o movimento e as greves:

Você tinha medo?

"Tinha medo de participar de qualquer coisa na minha vida ... tinha medo e não queria participar".

E você começou a participar como?

"Através de doméstica mesmo, começaram a me mandar convite lá em casa ... a Enc. foi uma ...".

E você participava das reuniões?

"Das domésticas? ... Bom, eu participava, depois que eu tive as crianças e ele (o marido)entrou no sindicato, aí complicou ... porque ele ficava com as crianças para mim

(9) Cf. nota 7.

poder ir ... lá no bairro mesmo, no Centro Comunitário ou quando não no grupo ... Sempre tinha duas ou três que vinha dar palestra pra gente, distribuía os grupos, trocava idéia ... era gostoso ... mas depois que eu tive o menino não tinha com quem deixar, porque ele saía pra trás das reuniões dele, talvez não dava certo porque era o mesmo horário meu e trabalhando fora com criança pequena ... uma luta que a gente fazia ...".

E você achava que era melhor ele sair que você?

"Não, eu achava ...".

Por que?

"Porque o serviço de casa era eu mesma que ia de fazer, então, se eu saísse o serviço ficaria e no outro dia tinha que sair pra trabalhar e não tinha jeito, tinha de ser eu mesma, foi aonde que eu fui ... a maior parte afastando ... participava assim de alguma reunião ...".

Esta última fala nos reporta à questão da dupla jornada vivida pela mulher. Sem dúvida, em nome de sua tarefa "natural", Eni contribui para o crescimento do marido em detrimento do seu próprio. Apesar disto, no contexto de suas trajetórias, constatamos que a família, de mediadora das relações externas no primeiro grupo que analisamos, passa a ser "a mediada", quando não a fortalecedora de ações políticas para estas trabalhadoras. Eni conversa o seguinte com o marido:

"...A respeito das domésticas ele fala: "é lógico, não se organiza, se não se organiza não vai conseguir, porque um só não vai conseguir essa força toda". Ele fala: "uma andorinha não faz verão".

Seu marido, ele faz parte da diretoria. Como que ele chegou a decidir isso?

"Ah! ... através de amigo que orientou ... foi aonde que, quando teve a primeira greve ele falou: "eu vou entrar" e entrou mesmo e a partir daí ele não parou mais, surgiu greve ele tá ali no meio ...".

E o que você pensava disso?

"Ah! ... eu tinha medo da greve por causa da .... tinha medo da greve, não por medo de perder o emprego, perder o emprego arruma outro, isso não tem problema, a pessoa que sempre trabalhou tem a carteira limpa e isto não vai complicar nada e outras ... se ele perder o emprego por

ele ser grevista, a firma vai ter que pagar outro grevista a mesma coisa, porque todo mundo vai lutar pelos direitos, se é que eles mandasse um embora por castigo, de punição...".

Você tinha medo de que?

"Medo de rua, perigo que corria ...".

E você mudou de idéia como?

"... Assim ... não, daí eu vi que não era o que eu pensava ... daí eu comecei a ver as coisas mais de perto, também as pessoas me amedrontavam, acontece isso, aquilo, outro vai e acontece ... e eu nunca vi, nunca fui perto pra ver, nunca fui de perto de uma greve, assim, vamos supor ..." (Eni).

A sua dupla jornada é vista assim:

"É difícil, apesar de que o meu marido colabora ...".

Como?

"Não é tão difícil porque ele me ajuda muito dentro de casa ... mas em casa as tarefas são todas divididas, como eu fui criada, eu também passo pra eles ... as responsabilidades são todas divididas no meio também ... Não tem essa história porque ele é homem e eu sou mulher não ... porque lá em casa é assim ... se tiver de enfrentar ferro ele enfrenta ... se tiver de enfrentar tanque ele enfrenta ... enfrentar fogão ele enfrenta ... quem chegar primeiro em casa vai pegando ... Não tem essa história porque é homem e eu sou mulher não ... porque pra mim é tudo num nível só .... E se ele vai enfrentar vida fora, eu também saio ... então, dentro de casa é assim ... e nessa parte a gente combina bem, porque ele aceitou as idéias ...".

Acreditamos que as mulheres deste grupo expressam claramente a questão das "tarefas naturais" da mulher. Suas ações são determinadas e fundamentadas. Quanto à relação marido-mulher e à submissão subseqüente por parte da mulher. Lia, no que segue, parece apontar a ruptura que se inicia. A sua relação afetiva tem que se articular com seus interesses, os de sua família dos outros e do país:

"... eu consegui dobrar a cabeça do meu marido ... ele não gostava que eu saísse. Quando trabalhava na comunidade ele falava que eu ia sair atrás de padre. Quando eu vim trabalhar no sindicato, aí ele não tinha o que falar, porque saía eu e a Lu (irmã dela) então ele não tinha o que falar, né. Aí ele começou a soltar, ele

viu que ... Acha que eu tô fazendo coisa errada, acha, vai atrás e vê o que eu tô fazendo, né ... Então, eu acho que a gente tem que começar dobrar o marido, se ele pode pode participar desses encontros .... de sindicato, das coisas dele, a gente também pode participar .....".

Ele participa de alguma coisa ?...

"Nada, nada, nada ..."

E você conseguiu dobrar ele como?

"Deixando ele falar. Ele tava falando eu tô saindo, tem que fazer, eu tô fazendo não é só de meu interesse, pelo bem de minha família, para bem do meu país, para o bem de outras, quer dizer que ele tava tendo que escutar, falar sozinho até ele aprender que eu não tava fazendo coisa errada, eu ia mesmo, parou de falar, hoje eu tô saindo ele não fala nada, falo: Eu tô indo pra tal lugar... que hora você chega? ... Não sei. Pronto. E se eu falar tal hora e não chego pode pensar mal, né, então não sei a hora que chego. Eu deixo telefone ..... que, às vezes ele falava: "não pára em casa ...". Oh! ... trabalhar eu posso ir, não posso .... então eu posso participar das coisas que eu preciso também. Não é só trabalho que eu preciso, preciso ... isso é um lazer que eu tenho, vai lá, fica horas ... conversa com as pessoas, escuta coisas boas" (Lia).

Poderíamos inferir aqui que estas entrevistadas vivem o que milhares de mulheres enfrentam no dia a dia, entre as quais se incluem as T.Ds. do primeiro grupo. O que nos parece novo é a forma encontrada para tratar a questão. Não há dúvida de que esta nova visão é fruto de discussões, como sugere a fala da Lia. Esta nova visão sugere também que as iniciativas para tal empreendimento acontecem quando se encontram algumas condições objetivas na vontade de mudar. Acreditamos que estas condições surgiram das experiências "fora do lar", no trabalho e em outras circunstâncias (comunidade), e contribuem para o enfrentamento da questão.

A Comunidade Eclesial de Base (CEB), estrutura popular de vivência de fé na Igreja Católica, parece ter tido uma influência significativa nos bairros de moradia das T.Ds. deste grupo que dela participaram em níveis diferentes,

ao longo desses últimos anos. Eni tem a seguinte representaçåo da Igreja:

Você participa de que?

"Ah!, ... das missas ....".

E como você vê a religião na vida da gente?

"Olha, eu acho que agora, no momento, tá bom. Porque, de primeiro, nåo se falava de outra coisa dentro da igreja, agora, ultimamente já os padres tåo dando força ...".

Como?

"Assim ... vamos supor ... pra orientar o povo ... os padres dá muita orientaçåo ...".

Em que sentido?

"Ah! ... no sentido de tudo ... dele mesmo, do povo mesmo ... como tem que agir, eles passam muito isso também pros povos .... e antigamente nåo e tem gente que nåo aceita esta idéia de discutir, discutir ... vamos supor, outras coisas dentro da religião ... Tem gente que nåo aceita essa idéia ...".

Parece-nos que a CEB contribuiu particularmente para a construçåo da vida de Lia:

"Olha, nåo sei se me ajudaram ou se eu ajudei, se ... porque acho que aprendi muito, muita coisa boa ...".

Como o que, por exemplo?

"A ver o outro lado do ser humano, porque eu me sentia só eu. Hoje nåo, se tem uma pessoa precisando de ..... uma palavra amiga, eu sei chegar e falar, certo, e eu aceito os outros me falar o que eu preciso sem me magoar ... porque as pessoas vinham falar comigo eu achava que tava me enchendo a paciência e hoje nåo, hoje como eu falo, eu escuto ... Aqui dentro de casa, principalmente eu e a Lu (irmå), a gente conversa assim muito abertamente ... a Paula (filha) nåo tem assim ... de falar aquilo que ela sente, ela trabalha comigo lá, entåo ela fala o que ela sente, o que ela vê, o que está certo, se achar que está errado ela vem e fala ... e eu aprendi a ver esse lado das coisas ... nåo ficar só eu, só meus filhos, só minha irmå nåo, acho que todo mundo tem que ser gente ...".

Em depoimento posterior, ela traça uma comparação entre esta vivência de Igreja com a que está presente em outros lugares. Ela identifica a divisão de classes também na Igreja.

O sentimento de pertença à classe trabalhadora se dá a partir da proximidade dos interesses e das dificuldades vividas em comum, como os depoimentos acima citados demonstram. O sindicato é considerado o espaço de organização. Os movimentos de trabalhadores, como as greves por exemplo são vistos como resposta aos interesses antagônicos:

> "... que já viu muitas greves aqui em Campinas, não é aceita pelos patrões. Eu sei que jamais eles vão aceitar porque tá pisando no calo deles, mas é o único meio deles ter, principalmente na construção civil" (Eni).

A política atual (governo) é vista como a causa das dificuldades que o povo enfrenta, como no primeiro grupo, porém o discurso é sensivelmente diferente. As representações se referem à utilização que o governo faz de "nossos impostos". Deveria se fazer através de projeto, "plano". Que os interesses são particulares e a eleição é um dos mecanismos muito utilizados para tal. Tanto a Lia quanto a Eni se expressam assim.

> "Não participo". "Entendo pouco e o pouco que eu entendo eu detesto, eles nunca faz nada que ajudasse o povo" (Eni).
>
> "... Só pensando nele ... enxergar um pouco mais pra baixo, só pensa nele ... Ele fica lá em cima acumulando nossa riqueza à custa de nossos impostos ... Sabe, eu acho que devia pensar um pouco mais porque amanhã pode ficar pobre, a riqueza não é eterna..." (Lia).
>
> **Quem é o governo?**
>
> "Ah! Aquela turma de colarinho branco que tá lá em cima, meu Deus ..." (Lia).
>
> "Ah!, em umas parte até que eu acho que ajuda ... que nem quando eles tão com interesse deles ... (ri) .... se

.... aí resolve alguma coisa ..." (Lia, ao se referir aos benefícios que os bairros recebem em período eleitoral).

Os interesses deles como?

"Assim, como na época de uma eleição, que eles quer ser candidato pra alguma coisa, aí eles procuram o povo do bairro, faz promessas e mais promessas e talvez ... nessas promessas algumas se resolve, no caso de luz na rua, da rede de esgoto, através de eleição e quando passa a eleição, se os proprietários dos terrenos coisa .... não ficar em cima, aí a bomba estora ...".

Quer dizer que eles resolvem por causa de ...

"Dos interesses ... interesses próprios deles ...".

Você participa de política?

"Francamente não ... eu não tenho tempo ... sei lá ... por enquanto não passou pela minha cabeça de participar ..." (Eni).

"... A gente não conhece o que é o governo. Acho que o povo teria que ter a satisfação do que ele vai fazer, porque ele vai fazer, em troca de que, o que que ele foi buscar (viajando fora do país), o que que ele vai trazer, o que que ele vai levar, né? Então eu sou contra muita coisa na política, eu discuto isto com a Lo. isso, eu não concordo com as coisas, né, tem muitas coisas..." (Lia).

Você acha que é importante a política ... apesar disso?

"É importante".

Por que?

"Olha, eu só não concordo, eu vejo a política lá antes de Cristo. Cristo fazia política, né. Ele ia lá nos castelos dos reis, lá nos ..... brigava com os reis, discutia com o povo, tentava fazer revoluções com o povo, que o povo chegava nos reis e exigia o que eles queria, né. Então a política é um plano que vem, né, se a gente não fazer não vai ter nunca, mas tem que ser uma política limpa,a nossa política é muito suja mesmo ...".

Você disse que tem necessidade de mudar, como que a gente pode se organizar pra mudar?

"Pela minha cabeça eu ... a maioria do povo hoje tá virando crente, né, e onde se encontra mais gente à noite, por exemplo, são nas igrejas. Agora, pra manipular um pastor é a coisa mais difícil do mundo, então teria que começar pelo povo dentro das igrejas, um acordar, porque os pastores pregam uma religião .... você não é crente não, né ... os pastores pregam uma religião do jeito que o governo quer ... não pode ler, não pode ver televisão, não pode ver rádio, não pode ver nada, tem que ficar alheio o que acontece no mundo, né, então a gente teria que começar a ensinar o povo lá, o

povo acordar que precisa brigar pelas coisas aqui ..... que nós fazemos"(Lia).

Esta última fala da Lia revela que há necessidade de mudança que ela expressa de forma bastante insegura:

Mudança: "Pelo governo não vai ser ... Vai ter que ser pelo povo mesmo e o Brasil tá difícil ...".

"Se eu falar isso, muita gente vai me criticar, sabe, mudar de política ... uma revolução nacional ... do povo ... Eu teria mais fé nisso aí que com política" (Lia).

Sua inconformidade com a situação faz com que ela se denomine de não "naturalizada" neste país. Ela expressa sua exclusão desta sociedade que ela desejaria fosse diferente. Assim se vê como cidadã e brasileira:

"Ah!... Como cidadão, me considero nada ... (ri) ... não faço muito por ser alguma coisa, eu não me sinto cidadão completo porque primeiro nem conhecer a minha cidade eu não conheço, não sei, não sou muito naturalizada ...(ri) ... primeiro que não gosto muito de conversa, vivo aqui, hoje por causa de meus filhos, senão tinha saído ...".

"Como brasileira, eu amo o meu país, não tenho vontade de sair daqui de jeito nenhum.

E o que que você quer pra ele?

"Ah! ... tudo de melhor ... começando da política até um salário justo para os assalariados ...".

E como que vai acontecer isso?

"Através dessa revolução ... (ri) ... não tem saída ... tem que ser a revolução mesmo...".

Topa entrar na jogada?

"Eu topo, sei lá o que vai acontecer, que eu topo eu topo" (Lia).

Concluindo, consideramos que o cotidiano vivido na sua diversidade contribui para a elaboração da visão de classe. As duas T.Ds. que consideramos que têm uma

visão totalizante em construção **identificam-se como trabalhadoras** a partir de sua ocupação como doméstica, tendo clareza da abrangência e dos limites da atividade. Suas resistências não são espontaneístas porque fundamentadas em informações e discussões que acreditamos serem provenientes de várias experiências. Seu espaço social é amplamente explorado e aproveitado. As famílias de procriação e/ou de criação contribuíram para iniciar este processo. A escolarização, ainda que precária, alicerçou o potencial de luta. A convivência na comunidade trouxe elementos complementares. O **sentimento de oposição** está presente nas suas representações de classe, quando são identificados os interesses antagônicos, embora as rupturas apareçam ainda de forma individualizada. As influências do movimento de sua categoria, bem como dos trabalhadores em geral, mais próximos de seu universo, permitem-lhes romper o isolamento inerente à sua profissão. Assim, a visão de **totalidade** está se elaborando. Todavia poderíamos inferir que a sua visão do funcionamento da sociedade está ainda desarticulada de suas vidas, pois os saltos sugeridos como, por exemplo as perspectivas de mudanças são colocadas como pouco viáveis por elas mesmas.

Na sua fala despretensiosa Lia nos deixa este sonho:

> **Eu acho que Deus deixou o mundo**
> **assim, bem dividido pra todo mundo ...**
> **Ele não deixou assim pra uns, eu acho**
> **que Ele não queria ninguém**
> **passando fome**
> **ou**
> **passando necessidades**
> **enquanto outros estão disperdiçando ...**
> **Então eu acho,**
> **se tivesse uma divisão igual**

pra todo mundo,
terra pra todo mundo trabalhar
as coisas melhorariam ...

Hoje não vai ter nada sem briga,
coisa que poderia ser diferente ...
eu acho que me incluo na briga
porque eu tenho três filhos
que não sei o dia de amanhã,
o que eu posso estar
batalhando por eles também!

CONCLUSÃO

EM BUSCA DA PARTICIPAÇÃO COMO EXERCICIO DA CIDADANIA

Finalizando este trabalho, uma questão colocada no movimento de T.Ds., logo no início do estudo, permanece: as motivações capazes de mobilizar as T.Ds. em torno de seus interesses de trabalhadoras. Optamos por não trabalhar esta questão sem antes identificar as representações de classe existentes no seio desta categoria. Isto deixamos claro na introdução desta dissertação. Também não pretendemos aprofundar esta discussão neste momento. Todavia, à luz das representações que significam comportamentos diferenciados - uns se mantendo no particular e individualizado, outros alcançando um pensamento genérico podendo levar ao exercício da cidadania - acreditamos que a visão de classe se constrói no interior de ações participativas e que estas dialeticamente fortalecem o posicionamento ideológico. Por isso, à guisa de conclusão, tentaremos levantar elementos que expressam rupturas com o tradicional/conservador na vida da mulher trabalhadora e especificamente no trabalho doméstico contratado.

A reflexão analítica que precede nos ajuda a identificar melhor o pensamento e as ações desta trabalhadora. Dois pontos nos chamam atenção: primeiro, as

representaçöes que, com determinaçåo, abrangem a totalidade da vida e rompem com comportamentos socialmente desejados, surgem em contraposiçåo ao natural, conservador e particular que subsiste no cotidiano - embora problematizado em certos momentos; segundo, a ampliaçåo dos espaços que a mulher encontra para a vivência da cidadania.

1. Rupturas: Comportamentos novos na visåo de classe

Entendemos que as mudanças que ocorrem nas representaçöes de classe entre as mulheres, se localizam nas esferas da vida cujos comportamentos apreendidos nas socializaçöes primária e secundária såo profundamente conservadores. Essas mudanças dizem respeito aos papéis próprios da mulher e dos seus espaços na sociedade. Diríamos então, que såo dois enfrentamentos: ultrapassar as barreiras do natural doméstico e ocupar um espaço no universo dos homens. Parece-nos que se trata do questionamento de "idéias como justiça, igualdade, liberdade, conservaçåo, mudança, dominaçåo, autoridade, indivíduo, coletividade etc. que podem levar a disposiçöes gerais e que, nos indivíduos ou grupos sociais, se traduziriam em atitudes sociais e políticas" **(1)**.

É claro que aqui nåo pretendemos estender a todas as mulheres todos os aspectos que trataremos. De um lado o trabalho doméstico remunerado nåo se aproxima, pela natureza e condiçöes que apresenta, de nenhuma outra profissåo exercida pela mulher e nisto ele exige enfrentamentos específicos. Por outro lado, cremos que a

(1) AVELAR, Lúcia, ob.cit., p.43.

discussão da estrutura e organização de classe, dos papéis diferenciados, da participação sindical e/ou política, bem como as rupturas com o conservadorismo e o apolitismo extrapolam a T.D. e chegam a incomodar todas as mulheres. Nesta conclusão abordaremos uns e outros aspectos, levando em conta apenas a análise de nossa pesquisa.

Num exercício de sintetização, profundamente rico, que se encontra no anexo 11, apresentamos as duas visões de classe configuradas no universo pesquisado. Em presença das mesmas, pretendemos apenas atentar para seu significado e identificar as mudanças que ocorrem numa profissão exclusivamente feminina voltada para os serviços domésticos. Mantivemos as mesmas categorias como: conceitos de classe e princípios de identidade, oposição e totalidade, apontando alguns enfoques diferenciados.

Significado das mudanças

Em termos de visão de sociedade, podemos identificar a passagem do mundo individualizado, particular e de certa forma estático para uma visão totalizante e genérica que demonstra claramente o dinamismo da articulação existente entre uma classe e outra. O pensamento dialético está presente. Uma classe não vive sem a outra e essa dependência estruturalmente estabelecida se dá não mais em bases emocionais e arbitrárias, mas fundamentadas em condições objetivas. Os interesses antagônicos decorrentes se situam no plano econômico (lucro) e ideológico (poder).

Ser T.D. não significa mais somente trabalhar para "complementar o salário do marido". A representação de produção vista como "benefício para o eventual patrão" (benefício identificado em termos de realização pessoal e/ou econômica, sem a qual o serviço deixaria de existir) eleva o nível das ações. Esta nova visão parece-nos bastante segura na fala de Eny e sugere que a relação trabalhista nesse setor pode se estabelecer em bases mais realistas. Ao nosso ver, a identificação de situações conflitantes (que sempre existiram nessa ocupação mas nunca foram explicitadas) demonstra que as representações, no campo das condições de trabalho, estão mudando:

a) a indefinição das tarefas (enfatizadas e consideradas pelos dois grupos estudados como prejudiciais) tem uma explicação ideológica. As mudanças que ocorrem entre o combinado na contratação e o realmente exercido como funções, segundo as circunstâncias, dificultam, por um lado, o controle (poder na mão da T.D.) da organização do trabalho e da jornada e mantém o mesmo na mão do empregador(a) e, por outro, propiciam relações dependentes e cumplicidade que fortalecem posições condenáveis nas relações de igualdade;

b) o fato da ocupação se realizar isoladamente de outros trabalhadores dificulta a organização de classe. Lia alerta para o poder de manipulação que esse tipo de ocupação apresenta;

c) os benefícios como alimentação, transporte etc., que a T.D. recebe como favor, são vistos como salário

indireto. Ao explicitar as mudanças que poderiam se efetivar (levar a marmita de casa) Eny propöe uma aproximaçâo com os demais trabalhadores no enfrentamento desses direitos trabalhistas;

d) por fim, a visâo de que o nâo reconhecimento da profissâo nâo se deve tâo somente à nâo benevolência do patrâo, mas que outros fatores estruturais e sociais contribuem para tal, como a ausência de leis trabalhistas que propiciam a arbitrariedade e a dificuldade da própria T.D. se identificar como profissional, representa um avanço significativo na mudança de posturas.

Os interesses de classe se expressam no conjunto das rotinas e resistências diárias, por ambas as partes (patroa x empregada). A luta para a preservaçâo e/ou ampliaçâo desses interesses é entendida nos campos material (econômico) e ideológico (poder). Somente a visâo de interesses antagônicos, presente nas falas de algumas entrevistadas, contribui para entender o jogo do poder.

A organizaçâo dos trabalhadores se dâ em dois patamares: no plano reivindicatório e no da organizaçâo. A ênfase dada à necessidade da "orientaçâo" sobre direitos parece-nos significativa numa categoria que se percebe tâo discriminada. O resgate da dignidade profissional poderia eliminar ou reduzir essa dependência.

No plano das açöes, constatamos que o projeto de vida profissional está fundamentalmente centrado no direito nâo somente à sobrevivência, mas sobretudo à

cidadania. Identificamos o direito às leis trabalhistas. As novas relações com a família como promotoras do direito da cidadania são bastante esclarecedoras. Parece-nos que a dependência e a submissão estão sendo identificadas e enfrentadas como comportamentos a eliminar de suas vidas. A reflexão em torno da "tarefa natural" da mulher sugere também uma mudança: ela se dá no plano da organização do ambiente familiar. A partilha na execução é exigida não mais a partir de motivos óbvios como cansaço e sobrecarga, mas atacando diretamente os princípios da educação diferenciada, "não tem essa: ele é homem e eu sou mulher".

O trabalho fora do lar, fazendo parte da estrutura de vida dessas mulheres, contribui, sem dúvida, para a ampliação do exercício da cidadania. As falas conclusivas das entrevistadas revelam que a sua participação no mercado de trabalho é irreversível. A participação em outras instâncias da vida social é reivindicada e se fundamenta em motivações ideológicas.

2. Ampliação dos espaços de participação para a vivência da cidadania

A trajetória de vida, como já explicitamos, revela que o cotidiano insere um leque de possibilidades de participação das mais variadas, às quais a mulher hoje tem acesso, sobretudo quando sai de casa para trabalhar. No estudo que ora concluimos, constatamos que o posicionamento ideológico apresentado se originou não da escolarização, mas do enfrentamento de situações que o trabalho e as participações espontâneas em grupos, dos mais diversificados,

proporcionaram. As mudanças ocorreram paulatinamente a partir do cotidiano.

Retomando a história de Lia, identificamos oito momentos que consideramos - e as falas explicitam - de rupturas com a passividade e a acomodação (posturas atribuídas secularmente à mulher). Tanto as influências como as decisões tomadas no enfrentamento de situações adversas construíram a Lia de hoje. Suas participações nos diversos espaços sociais fortaleceram sua posição de classe.

a) Com relação à questão social:

- no curso supletivo rural aos treze anos, o fato da professora "incentivar para a luta" era fundamentalmente baseado na sua condição de escrava (adolescente negra criada em fazenda de propriedade de brancos no interior de um estado do Sul, nos anos 50). No depoimento de Lia, esta professora é lembrada em vários momentos;

- as opiniões de um patrão, professor de história aposentado, sobre a história dos negros no Brasil que fizeram ela começar a pensar;

- a participação num grupo de negros durante um certo tempo.

b) Com relação ao trabalho e à política:

- uma greve, no local de trabalho, não assumida de medo de perder o emprego e, logo em seguida, a sua dispensa de serviço;

- a aproximação do movimento das T.Ds. e de um partido político de esquerda. A sua identificação como "lateral" nestes movimentos sugere a representação da amplitude de tais participações;

- a aprendizagem de leitura do jornal que hoje "até os filhos lêem";

c) Com relação à vivência religiosa:

- a participação na CEB que propiciou espaço para "ver o outro lado do ser humano". Suas "brigas" com o padre daquela comunidade por causa das riquezas do Vaticano.

d) Com relação à vivência familiar:

- as discussões com o marido (do qual optou por afastar-se durante oito anos, quando os filhos eram pequenos) sobre seus direitos de mulher.

Em três momentos Lia se expressa de forma contundente: "Aí, eu acordei, comecei a ver o outro lado das coisas". Entendemos que essas novas visões se deram em situações concretas.

Parece-nos evidente que as vivências de Lia não esgotam o leque de participações que a mulher utiliza para se libertar do cotidiano doméstico e nem a profundidade das mesmas a classifica como modelo de emancipação. O que chama atenção é a capacidade de manipulação consciente desse cotidiano na perseguição de suas aspirações. A estrutura social, como geradora das desigualdades, é expressa pela mesma entrevistada de forma bastante clara: "Como cidadã sou

nada (...) não sou muito naturalizada ..."Parece-nos mais uma referência consciente à estrutura de marginalização e exclusão política nacional do que a um limite pessoal.

Acreditamos que a mulher trabalhadora, identificando-se como trabalhadora e produtiva (seja qual for a natureza da produção) no mercado de trabalho, entendendo o significado dos interesses em jogo nessa sociedade e partilhando essas convicções com os demais trabalhadores, nos diversos espaços que a vivência cotidiano lhe proporciona, muda o sentido de sua vida. As rupturas que ela realiza no dia-a-dia contribuem para seu despertar para a cidadania. São motivações capazes de mobilizá-la em torno dos seus interesses de trabalhadora.

Concluindo, sentimo-nos responsável, como pesquisadora, por um complemento a este estudo. De um lado, muitos dados dos depoimentos dessas mulheres ficam sem análise por terem sido considerados no momento distantes da nossa preocupação inicial. Por outro lado, constatamos como necessária a continuação da pesquisa no tocante aos determinantes de classe e representações sobre a cidadania numa mesma sociedade de classes.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Neuma, **Mulheres na Força de Trabalho na América Latina**, Petrópolis, ed. Vozes, 1984.

ALVES, Rubem, **Conversas com Quem Gosta de Ensinar**, 8ª ed., Caderno 1 da Coleçåo Polêmicas do Nosso Tempo, SP, Cortez, 1984.

ALMEIDA, Maria Suely Kofes de, **Colcha de Retalhos** - Estudos sobre a Família no Brasil, SP, ed. Brasiliense, 1982.

ANTUNES, Ricardo, **Classe Operária, Sindicatos e Partidos no Brasil**, Campinas, mimeo, 1980.

AVELAR, Lúcia, **O Segundo Eleitorado** - Tendência do voto feminino no Brasil, Campinas, SP, ed. UNICAMP, 1989.

AZEVEDO, Sandra, **Relaçöes entre Empregadas e Patroas**, Trabalho apresentado no XI Encontro Anual da ANPOCS - Aguas de Såo Pedro, mimeo., 1987.

BERTAUX, Daniel, **Biografhy and Society** - The Life History Aproach in The Social Sciences. N.Y. Ed.Danie Bertaux, Sage, 1981.

BRIZOLLA, Sandra, **Formas de Inserçåo da Mulher no Mercado de Trabalho** - O Caso do Brasil. Tese de Doutoramento, mimeo, UNICAMP, 1982.

BRUSCHINI, Cristina, **Mulheres e Trabalho** - Uma avaliaçåo da Década da Mulher, SP, Nobel/Conselho Estadual da Condiçåo Feminina, 1985.

CARMINO, Sueli e outras, **Mulher Negra - Política Governamental e a Mulher Negra**. SP, Nobel/Conselho Estadual da Condiçåo Feminina, 1985.

CADERNOS de Educaçåo Popular, nº 4, Petrópolis, 2ª ed., Vozes/Nova, 1984.

CADERNOS de Debate, nº 2, **Mulher: Depoimentos sobre um Trabalho Ignorado**, SP, Brasiliense, 1976.

CADERNOS CERU, nº 19, SP, 1984.

CAHIERS de l'Education Permanente, **Les Histoires de Vie entre la Recherche et l'Education**, Université de Paris Dauphine, 1984, nº 72, 73.

CAHIERS de la Section des Sciences de l'Education, nº 44, **"Pratiques du Récit de vie et Théories de la Formation"**. Université de Genève, S/D

CAHIERS Internationaux de Sociologie, Vol. 69, **Histoires de Vie et Vie Sociale**, Paris, 1980.

CHAUI, Marilena,**Conformismo e Resistência**, SP, Brasiliense, 1986.

V CONGRESSO Nacional de Trabalhadoras Domésticas, Conclusões, Recife-PE, mimeo, 1985

VI CONGRESSO Nacional de Trabalhadoras Domésticas, Conclusões, Nova Veneza, SP, mimeo., 1989.

CONSOLIDAÇÃO das Leis do Trabalho - CLT.

CONSTITUIÇÃO da República Federativa do Brasil, Brasília - DF, 1988.

CORREA, Carlos Humberto, **História Oral: Teoria e Técnica**, Universidade Federal de Santa Catarina, 1978.

DE LUCCA, Carlos Moreira, **Relação de Emprego Doméstico: o Contrato de Emprego Doméstico no Direito Brasileiro de Trabalho"**, Tese de Mestrado, mimeo, USP, 1980.

DIAS, Maria Ester B. de, **A Dialética do Cotidiano**, SP, Cortez, 1982.

DIEESE/SEADE, Um estudo Específico sobre a Categoria de Empregada Doméstica - Perfil da Empregada Doméstica na Grande São Paulo, mimeo, março/1988.

ENCONTRO de Trabalhadores Domésticos da América Latina e do Caribe, Bogotá, mimeo, março/1988.

ENGELS, Friedrich, **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**, SP, Civilizaçâo Brasileira, 10ª ed., 1985.

FARIAS, Zaira Ary, **Domesticidade: Cativeiro Feminino?** RJ, Achiamé/CMB, 1983.

FUGIER, Anne Martin, **La Place des Bonnes**, Paris, Bernard Grasset, 1979.

FERRAROTI, Franco, **Histoire et Histoires de Vie**, Paris, Librairie des Merédiens, 1983.

FREDERICO, Celso, **Consciência Operária no Brasil**, SP, Atica, 1978.

FRAISSE, Geneviève, **Femmes, Toutes Mains** - Essai Sur le Service Doméstique, Paris, Ed. Du Seuil, 1979.

HELLER, Agnes, O Cotidiano e a História, 2ª ed., RJ, Paz e Terra, 1985.

--------- Para mudar a vida - Felicidade, liberdade e democracia, SP, Brasiliense, 1982.

HOUDE, Renée, **Les Temps de la Vie**, Québec, Ed. Gaëtan Morin, 1986.

JELIN, Elizabeth, **Familia Y Unidad Doméstica: Mundo Público y Vida Privada**, Buenos Aires, Estudos CEDES, 1984.

JUNHO, Valéria, **Mulheres e Trabalhadores**, RJ, Paz e Terra, 1981.

KAUFMANN, Tânia, **As Aventuras de Ser Dona de Casa.** (Dona de Casa x Empregada) Um assunto sério visto com bom humor, RJ, Arte Nova S/A, 1975.

LEITE, Marcia de Paula, **Classe, Ideologia e o Trabalhismo**, Cadernos CEDEC, nº 8, 1987.

LÜDIKE, Manga e Marli E.D.A., **Pesquisa em Educaçâo: Abordagens Qualitativas**, SP, EPU, 1986.

LUKACS, Georgy, **Histoire et Conscience de Classe**, Paris, Ed. Minuit, 1960.

MADEIRA, Felícia R. e **SINGER**, Paul, **Estrutura do Emprego e Trabalho Feminino no Brasil**, 1920-1970, SP, Cadernos do CEBRAP, nº 13, 1973.

MARX, Karl, **O Capital** - Livro 1, Vol. I, II, SP, Difel, 1985.

_____ e ENGELS, **F. A Ideologia Alemã, SP,** 4ª ed., Hucitec, 1984.

MERISSE, Antonio, **Consciência Social e Participação Popular na Periferia Paulistana**, Tese de Mestrado, PUC/SP, mimeo, 1987

MORAIS FILHO, Evaristo de, **Temas Atuais de Trabalho e Previdência**, SP, Ed. LTr, 1976.

MOTTA, Alda Brito da, **Visão de Mundo da Empregada Doméstica**, Um Estudo de Caso, Tese de Mestrado, mimeo, Salvador, 1977.

NASCIMENTO, Amábile S., **Doméstica: Atavismo Social**, (Paternidade x Manha), SP, ed. Programática, 1972.

PENIN, Sonia, **Cotidiano e Escola** - A Obra em Construção, SP, Cortez, 1989.

PEIRÃO, Solange Ramos, **A História da Associação Profissional das Empregadas Domésticas de São Paulo**, (APESP), mimeo, PUC/SP, 1987.

REVUE Suisse de Sociologie, **Sociologie de la Vie Quotidienne**, Vol. 9, nº 1, 1983.

SAFFIOTI, Heleieth Iara B., **Emprego Doméstico e Capitalismo**, , Coleção Sociologia Brasileira, nº 9, Petrópolis, RJ Vozes, 1978.

_____, **A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade**, Coleção Sociologia Brasileira, Petrópolis, RJ., Vozes, , 1979.

SPINDEL, Cheywa R., **A Mulher Frente a Crise Econômica dos anos 80** (Algumas reflexões com base em Estatísticas Oficiais) IDESP/PUC-SP, nº 18, 1987.

SANTOS, ELy Souto dos, **As Domésticas: Um Estudo Interdisciplinar da Realidade Social, Política, Econômica e Jurídica**, Rio Grande do Sul, Ed. da Universidade, Cáritas Brasileira, 1983.

SILVIA, M.Escolástica Alvares da, **Mulher Substantivo Masculino**, Campinas, Ed. da UNICAMP, 1988.

SOUZA, Paulo Renato Costa, **Emprego, Salários e Pobreza**, Hucitec - FUNCAMP, 19...

THIOLLENT, Michel, **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária**, SP, 4ª ed., ed. Polis, 1985.

TOURAINE, Alain, **La Conscience Ouvrière"** Paris, ed. du Seuil, 1966.

_____ , **La Méthode de l'Intervention Sociologique**, ed. Atelier d'Intervention Sociologique, Paris, 19...

VIEZZER, Moema, **O Problema Não Está na Mulher**, SP, Cortez, 1989.

ZANOTTO, Maria de Lourdes, **Açöes e Representaçöes - Uma Tentativa de Análise das Relaçöes na Escola**, Tese de Mestrado, mimeo, USP, 1985.

DISTRIBUICAO DA POPULACAO ECONOMICAMENTE ATIV A MASCULINA E FEMININA
POR SETOR DE ATIVIDAD E - BRASIL

SETOR DE ATIVIDADE		BRASIL			
		1970	1980	1980	1983
PRIMARIO					
. Atividades Agrapecuarias	Homens	50,6	40,0	35,2	30,9
Extracao Vegetal e Pesca	Mulheres	20,4	26,8	13,6	19,3
SECUNDARIO	Homens	19,9	27,3	26,7	31,2
	Mulheres	10,3	13,1	15,1	13,6
- Ind. Transformacao	Homens	11,3	16,2	16,3	15,4
	Mulheres	9,9	12,3	14,0	11,1
- Ind.Construcao	Homens	7,3	9,3	9,9	13,3
	Mulheres	0,2	0,4	0,3	1,9
- Outras atividades ind.	Homens	1,4	1,9	1,9	2,5
	Mulheres	0,2	0,4	0,5	0,6
TERCIARIO	Homens	29,5	32,7	34,2	38,0
	Mulheres	69,3	60,1	71,3	67,1
- Comercio	Homens	8,1	9,6	9,3	10,9
	Mulheres	6,0	8,4	9,4	9,8
- Transp. e Comunic.	Homens	5,1	5,1	5,3	5,1
	Mulheres	1,0	1,0	1,2	0,8
- Servicos	Homens	5,3	8,9	9,7	11,1
	Mulheres	38,8	30,5	33,6	34,4
- Atividades Sociais	Homens	2,1	2,6	2,7	3,1
	Mulheres	16,1	14,8	17,9	16,4
- Administracao Publica	Homens	4,2	4,0	4,3	4,7
	Mulheres	2,6	2,3	3,1	3,1
- Outras*	Homens	4,8	2,6	2,7	3,1
	Mulheres	4,9	3,2	3,3	2,7
TOTAIS**	Homens	23.391.777	28.283.678	31.392.986	32.460.376
	Mulheres	6.165.447	11.434.239	11.842.726	16.006.117

Fonte: Censos Demograficos 1970 e 1980
PNAD 1976 e 1983

* A categoria "outras" foi incluida no terciario porque inclui setores como instituicoes de credito e seguro,entre outros,conforme Anexo II nas fontes citadas.

** Os numeros entre parenteses sao os totais sobre os quais foram calculadas as porcentagens e referem-se a PEA total masculina e feminina em cada periodo.

DISTRIBUICAO DA POPULACAO ECONOMICAMENTE ATIVA MASCULINA E FEMININA
POR SETOR DE ATIVIDADE - SAO PAULO

SETOR DE ATIVIDADE		SAO PAULO			
		1970	1976	1980	1983
PRIMARIO					
. Atividades Agrapecuarias	Homens	24,6	16,6	13,7	13,5
Extracao Vegetal e Pesca	Mulheres	7,3	8,9	5,8	7,3
SECUNDARIO	Homens	35,2	42,4	44,2	40,6
	Mulheres	20,0	24,0	25,0	19,9
- Ind. Transformacao	Homens	24,4	30,3	31,9	28,6
	Mulheres	19,4	23,1	24,0	19,1
- Ind.Construcao	Homens	9,5	10,7	10,7	10,2
	Mulheres	0,3	0,0	0,5	0,4
- Outras atividades ind.	Homens	0,9	1,8	1,6	1,7
	Mulheres	0,2	0,4	0,5	0,5
TERCIARIO	Homens	40,2	41,0	40,6	46,0
	Mulheres	72,8	67,0	67,1	72,8
- Comercio	Homens	10,6	11,4	10,8	12,4
	Mulheres	7,4	10,4	10,0	11,0
- Transp. e Comunic.	Homens	6,9	6,2	6,1	6,5
	Mulheres	1,2	1,3	1,3	1,0
- Servicos	Homens	7,9	12,7	12,5	15,0
	Mulheres	41,0	33,2	32,8	37,8
- Atividades Sociais	Homens	2,5	3,2	3,2	3,8
	Mulheres	13,7	15,7	15,6	16,2
- Administracao Publica	Homens	4,5	3,7	3,8	3,9
	Mulheres	2,4	2,1	2,6	2,5
- Outras*	Homens	7,8	3,8	4,0	4,5
	Mulheres	7,1	4,4	4,8	4,3
TOTAIS**	Homens	4.822.619	6.227.009	7.245.299	7.430.089
	Mulheres	1.550.223	2.564.827	3.166.427	3.800.338

Fonte: Censos Demograficos 1970 e 1980
PNAD 1976 e 1983

* A categoria "outras" foi incluida no terciario porque inclui setores como instituicoes de credito e seguro,entre outros,conforme Anexo II nas fontes citada

** Os numeros entre parenteses sao os totais sobre os quais foram calculadas as porcentagens e referem-se a PEA total masculina e feminina em cada periodo.

In Bruschini, Cristina, "MULHER E TRABALHO" - Uma avaliacao da Decada da Mulher, 1985, Nobel/Conselho da Condicao Feminina - SP - paf. 122-123

Anexo 1

DISTRIBUICAO DA PEA FEMININA POR ALGUMAS OCUPACOES

OCUPACOES	BRASIL				SAO PAULO			
	1970		1980		1970		1980	
	NUMERO ABSOLUTO	% DA PEA	NUMERO ABSOLUTO	% DA PEA	NUMERO ABSOLUTO	% DA PEA	NUMERO ABSOLUTO	% DA PEA
EMPREGADAS DOMESTICAS	1.655.384	26,8	2.367.616	20,0	485.746	31,3	633.783	20,0
TRABALHADORAS NA AGROPECUARIA	1.134.546	18,4	1.427.695	12,0	112.973	7,3	178.968	5,7
PROFESSORES E AUXILIARES	638.637	10,4	938.837	7,9	125.865	8,1	186.031	5,9
SECRETARIAS (funcoes burocraticas de escritorio	489.395	7,9	1.428.967	12,1	180.929	11,7	521.803	16,5
OPERARIAS NA INDUSTRIA DO VESTUARIO	422.337	6,9	841.262	7,1	110.884	7,2	246.637	7,8
BALCONISTAS OU LOJISTAS	233.116	3,8	753.868	6,4	70.574	4,5	416.824	13,2
TOTAL NESSAS OCUPACOES	4.573.415	74,2	7.758.245	65,5	1.086.971	70,1	2.184.046	69,0
PEA TOTAL FEMININA	6.165.447	100,0	11.842.726	100,0	1.550.223	100,0	3.166.427	100,0

Fontes: 1970 - Censo Demografico - Tabela 16 - Brasil e Sao Paulo
1980 - Censo Demografico, volume Mao-de-Obra, Tabela 1.15 Brasil e Sao Paulo

In Bruschini, Cristina, "MULHER E TRABALHO" - Uma avaliacao da Decada da Mulher 1985, Nobel/Conselho da Condicao Feminina, SP, pag. 118.

Anexo 2

QUADRO 10
DISTRIBUICAO DAS MULHERES OCUPADAS POR CONDICAO E TEMPO DE RESIDENCIA SEGUNDO POSICAO NA OCUPACAO
GRANDE SAO PAULO \ 1985-1986

POSICAO NA OCUPACAO	PERIODO	TOTAL	CONDICAO E TEMPO DE RESIDENCIA		
			NAO MIGRANTE	MIGRANTE MENOS DE 3 ANOS	MIGRANTE MAIS DE 3 ANOS
TOTAL	1985	100,0	41,2	5,9	52,9
	1986	100,0	41,3	6,1	52,6
ASSALARIADAS E AUTONOMAS	1985	100,0	46,0	4,2	49,9
	1986	100,0	45,6	4,3	50,0
EMPREGADAS DOMESTICAS	1985	100,0	24,2	12,0	63,7
	1986	100,0	24,0	13,0	62,9

In "PERFIL DAS EMPREGADAS DOMESTICAS" - DIEESE/SEADE, 1988 - mimeo. pag. 14.

TAXAS MASCULINAS E FEMININAS DE ATIVIDADE ECONOMICA
POR IDADE E SITUACAO DO DOMICILIO

BRASIL

SITUACAO DE DOMICILIO E IDADE	1970		1976**		1980		1983	
	Hs	Ms	Hs	Ms	Hs	Ms	Hs	Ms
TOTAL	71,9	18,2	73,6	28,8	72,4	26,6	74,8	35,6
10 a 14 anos	19,2	6,5	25,7	11,4	20,0	8,4	25,1	11,8
15 a 17 anos	54,9	21,4	68,8	37,0	57,7	27,9	63,7	35,7
18 a 19 anos	73,5	27,3			76,9	37,1	81,6	46,9
20 a 24 anos	87,7	27,7	89,8	41,5	90,5	38,5	92,4	49,1
25 a 29 anos	95,9	23,1	96,4	36,9	96,3	36,3	96,9	46,7
30 a 39 anos	96,7	20,1	96,5	34,8	96,6	35,1	97,2	47,2
40 a 49 anos	94,2	19,5	93,4	30,5	93,3	30,7	93,9	42,6
50 a 59 anos	85,7	15,4	84,1	23,0	82,6	21,5	81,4	30,0
60 anos e mais	59,1	7,9	49,5	9,7	44,8	7,5	44,1	10,7
URBANA	65,5	22,3	68,6	28,3	70,3	30,8	71,6	35,6
10 a 14 anos	6,6	5,6	10,4	6,3	11,3	7,1	14,4	7,8
15 a 17 anos	38,8	25,0			50,4	30,1	53,2	33,1
18 a 19 anos	61,4	34,6	54,6	33,9	73,3	43,4	76,8	47,0
20 a 24 anos	82,2	36,3	83,2	43,5	89,0	45,7	90,9	51,4
25 a 29 anos	94,3	30,3	93,6	40,1	95,9	42,7	96,6	48,4
30 a 39 anos	95,6	26,5	94,3	36,7	96,2	40,5	96,9	48,1
40 a 49 anos	91,8	23,5	90,7	30,3	91,7	34,4	92,6	42,9
50 a 59 anos	79,3	16,5	78,4	21,2	77,8	22,8	76,9	28,7
60 anos e mais	44,1	6,5	38,7	7,5	36,8	7,4	37,0	9,1
RURAL	80,1	12,2	82,4	28,3	78,8	17,6	83,0	35,4
10 a 14 anos	33,4	7,6	48,2	19,5	35,6	10,8	47,5	20,4
15 a 17 anos	73,1	16,5	85,9	40,4	72,2	22,8	86,0	42,4
18 a 19 anos	87,0	17,0			85,0	22,4	93,5	46,5
20 a 24 anos	94,6	15,0	95,2	32,5	94,0	20,3	96,9	41,4
25 a 29 anos	97,6	12,1	97,1	27,6	97,3	18,6	97,9	40,6
30 a 39 anos	98,3	11,2	97,6	29,7	97,5	20,3	98,2	44,3
40 a 49 anos	97,7	12,9	96,9	30,3	96,7	21,0	97,3	42,0
50 a 59 anos	95,4	13,6	93,3	27,1	92,6	18,2	93,1	34,0
60 anos e mais	78,5	10,4	66,9	16,0	58,0	8,0	59,7	15,7

Fontes: 1970 - Perfil Estatistico de Criancas e Maes no Brasil, UNICEF/IBGE, Tabela 3 A
1976 - PNDA, Tabela 15
1983 - PNDA, Tabela 3.1
1980 - Tabulacoes avancadas do Censo Demografico, Tabela 5.1
.* Porcentagens de economicamente ativos sobre os totais em cada faixa etaria

TAXAS MASCULINAS E FEMININAS DE ATIVIDADE ECONOMICA
POR IDADE E SITUACAO DO DOMICILIO

SAO PAULO

SITUACAO DE DOMICILIO E IDADE	1970		1976		1980		1983	
	Hs	Ms	Hs	Ms	Hs	Ms	Hs	Ms
TOTAL	72,3	23,0	73,9	30,4	75,3	32,6	75,6	37,4
10 a 14 anos	13,1	9,0	15,6	9,5	15,6	10,0	17,4	10,8
15 a 17 anos	57,9	37,2	71,3		64,6	43,4	64,8	45,0
18 a 19 anos	74,7	42,3		47,8	82,8	53,6	84,1	57,9
20 a 24 anos	88,8	38,8	90,4	48,1	93,0	48,9	93,6	55,8
25 a 29 anos	96,1	28,2	96,7	38,2	97,4	42,5	97,5	47,5
30 a 39 anos	97,1	24,2	96,7	35,0	96,8	39,0	97,4	46,1
40 a 49 anos	93,7	20,1	92,4	28,1	92,7	31,4	92,4	41,0
50 a 59 anos	79,9	12,3	80,0	17,2	78,9	19,4	76,6	25,0
60 anos e mais	46,5	4,6	39,3	5,6	38,9	6,2	37,6	7,6
URBANA	70,3	25,5	72,9	31,2	75,0	34,2	74,8	37,5
10 a 14 anos	8,8	9,1	11,4	8,0	13,4	9,2	14,0	9,2
15 a 17 anos	53,0	39,3			63,0	43,9	62,3	43,6
18 a 19 anos	70,6	46,9	65,9	45,8	81,8	57,0	83,0	58,2
20 a 24 anos	87,3	43,4	86,2	49,4	92,5	51,5	93,2	56,6
25 a 29 anos	95,7	32,0	95,0	40,1	97,4	44,5	97,4	48,1
30 a 39 anos	96,8	27,5	95,2	36,6	96,6	40,7	97,3	46,0
40 a 49 anos	92,9	22,6	91,0	28,9	92,0	32,9	91,9	41,5
50 a 59 anos	76,8	13,5	77,8	17,4	77,2	20,3	75,0	25,1
60 anos e mais	40,2	4,6	35,8	5,7	35,2	6,5	35,0	7,5
RURAL	80,0	11,3	79,4	24,7	79,5	20,6	83,2	37,0
10 a 14 anos	28,3	9,0	29,5	14,8	30,7	14,7	42,5	23,0
15 a 17 anos	74,0	28,1			74,7	39,3	83,4	59,9
18 a 19 anos	88,9	21,8	83,1	48,6	90,1	30,5	93,6	55,0
20 a 24 anos	94,7	15,6	93,9	30,2	97,0	25,0	97,0	46,0
25 a 29 anos	98,1	9,3	97,6	21,6	97,4	21,6	98,7	39,4
30 a 39 anos	98,6	7,3	97,5	21,0	98,3	21,4	98,7	46,3
40 a 49 anos	97,4	6,1	95,0	21,4	97,5	18,1	97,6	35,2
50 a 59 anos	93,4	5,2	90,3	15,7	91,3	11,2	90,9	23,2
60 anos e mais	73,6	4,5	62,4	6,5	63,3	2,7	60,1	9,6

Fontes: 1970 - Perfil Estatistico de Criancas e Maes no Brasil, UNICEF/IBGE, Tabela 3 A
1976 - PNDA, Tabela 15
1983 - PNDA, Tabela 3.1
1980 - Tabulacoes avancadas do Censo Demografico, Tabela 5.1
.* Porcentagens de economicamente ativos sobre os totais em cada faixa etaria

In Bruschini, Cristina, "MULHER E TRABALHO" - Uma avaliacao da Decada da Mulher, 1985, Nobel/Conselho da Condicao Feminina - SP - paf. 122-123

QUADRO 7
DISTRIBUICAO DAS MULHERES OCUPADAS POR IDADE SEGUNDO POSICAO NA OCUPACAO
GRANDE SAO PAULO - 1.985 - 1986

POSICAO NA OCUPACAO	ANO	TOTAL	I D A D E			
			10 A 17 ANOS	18 A 24 ANOS	25 A 39 ANOS	40 ANOS E MAIS
TOTAL	1985	100,0	8,5	27,8	43,1	20,6
	1986	100,0	8,8	26,8	42,8	21,5
ASSALARIADOS E AUTONOMAS	1985	100,0	7,2	29,2	44,5	19,0
	1986	100,0	7,9	28,4	43,6	20,1
EMPREGADAS DOMESTICAS	1985	100,0	13,1	22,8	38,0	25,9
	1986	100,0	12,7	20,5	39,6	27,0
MENSALISTAS	1985	100,0	17,1	28,1	33,5	21,1
	1986	100,0	16,6	24,4	36,7	22,2
MORA NA RESIDENCIA DO PATRAO	1985	100,0	14,3	40,0	29,2	16,3
D	1986	100,0	16,6	38,8	33,0	11,1
NAO MORA RESIDENCIA DO PATRAO	1985	100,0	18,4	22,7	35,5	23,3
D D	1986	100,0	16,6	18,2	38,2	26,9
DIARISTA	1985	100,0			50,0	38,7
	1986	100,0			47,5	39,7

FONTE-SEP-Convenio SEAD/DIEESE/UNICAMP

In "PERFIL DAS EMPREGADAS DOMESTICAS" - DIEESE/SEADE, 1988, mimeo., pag.08.

Anexo 6

QUADRO 11
DISTRIBUICAO E MEDIA DO NUMERO DE FILHOS DAS OCUPADAS POR POSICAO NA OCUPACAO
GRANDE SAO PAULO - 1.985 - 1986

Em %

POSICAO NA OCUPACAO	ANOS	MEDIA	TOTAL	NUMERO DE FILHOS					
				1	2	3	4	5	6 E MAIS
TOTAL	1.985	2,4	100,0	30,9	31,1	19,4	9,6	4,6	4,4
	1.986	2,4	100,0	29,7	31,2	20,9	9,6	4,5	4,2
ASSALARIADOS E AUTONOMAS	1.985	2,3	100,0	33,4	32,5	18,7	8,3	3,7	3,4
	1.986	2,3	100,0	32,1	32,5	20,7	8,8	3,5	3,4
EMPREGADAS DOMESTICAS	1.985	2,8	100,0	22,7	26,7	21,8	13,8	7,5	7,4
	1.986	2,7	100,0	24,6	26,7	21,6	12,3	7,9	6,8

FONTE-SEP-Convenio SEADE/DIEESE/UNICAMP

In "PERFIL DAS EMPREGADAS DOMESTICAS" - DIEESE/SEADE, 1988, mimeo., pag.08.

TAXAS DE ATIVIDADE FEMININA POR NUMERO DE FILHOS E RENDA MENSAL FAMILIAR PER CAPITA - 1977

CLASSES DE RENDA	NUMERO DE FILHOS	BRASIL		SAO PAULO	
		TOTAL NA POPULACAO	% DE ATIVAS	TOTAL NA POPULACAO	% DE ATIVAS
SEM RENDIMENTOS	0	21.742	30,7	3.389	18,4
	1	131.588	21,8	20.283	21,5
	2	52.403	24,3	5.212	47,4
	3	29.872	23,7	3.724	45,4
	4/5	21.905	20,0	2.774	
	6 E MAIS	10.376	14,4	1.532	
ATE 1/2 SALARIO MINIMO	0	419.830	36,0	22.193	17,7
	1	959.022	34,3	88.960	28,4
	2	1.184.314	31,0	146.906	24,8
	3	1.077.538	31,4	1.331.348	24,7
	4/5	1.765.776	34,0	224.678	25,1
	6 E MAIS	2.189.751	35,3	187.539	25,2
MAIS DE 1/2 A 1 SALARIO MINIMO	0	450.654	35,3	79.199	33,1
	1	819.679	30,6	237.658	26,6
	2	783.899	31,0	233.877	25,8
	3	589.195	33,6	195.657	30,7
	4/5	657.335	34,9	219.522	32,6
	6 E MAIS	549.104	31,8	148.523	28,6
MAIS DE 1 A 2 SALARIOS MINIMOS	0	415.918	51,9	131.537	55,6
	1	620.743	39,1	240.758	36,5
	2	616.683	34,2	258.706	31,1
	3	378.719	35,2	167.774	32,3
	4/5	327.711	35,6	131.211	28,8
	6 E MAIS	182.453	29,9	57.278	24,5
MAIS DE 2 SALARIOS MINIMOS	0	530.018	62,6	203.830	63,5
	1	512.903	46,3	220.706	40,6
	2	573.682	38,0	266.002	31,8
	3	307.889	33,9	132.014	29,4
	4/5	192.626	31,8	72.028	30,6
	6 E MAIS	58.007	22,3	14.781	22,5

Fonte: UNICEF/IBGE, Perfil Estatistico, Tabela 2.4.3.B (Sao Paulo)

In Bruschini, Cristina, "MULHER E TRABALHO" - Uma avaliacao da Decada da Mulher 1985, Nobel/Conselho da Condicao Feminina, SP, pag. 118.

QUADRO 15
RENDIMENTO NOMINAL EM CLASSES DE SALARIO MINIMO E MEDIA E MEDIANA DAS EMPREGADAS DOMESTICAS
JULHO/87
GRANDE SAO PAULO

RENDIMENTO EM CLASSES DE SALARIO MINIMO	PORCENTAGEM	ACUMULADO
TOTAL	100,0	100,0
MENOS DE 0,5	18,7	18,7
DE 0,5 A MENOS DE 1	22,6	41,3
DE 1 A MENOS DE 1,5	26,4	67,7
DE 1,5 A MENOS DE 2	15,5	83,2
DE 2 A MENOS DE 3	13,3	96,5
DE 3 E MAIS	3,5	100,0
MEDIA	2.286	
MEDIANA	2.000	

FONTE: SEP - Convenio SEADE/DIEESE/UNICAMP

In "PERFIL DAS EMPREGADAS DOMESTICAS"
DIEESE/SEADE, 1.988, mimeo., pag.23

QUADRO 14
DISTRIBUICAO DAS EMPREGADAS DOMESTICAS, POR HORAS SEMANAIS TRABALHADAS NO TRABALHO PRINCIPAL
GRANDE SAO PAULO - 1.985 - 1986

EMPREGADAS DOMESTICAS	ANOS	HORAS SEMANAIS TRABALHADAS				
		TOTAL	MENOS DE 15 HORAS	DE 15 A 39 HORAS	40 A 48 HORAS	MAIS DE 48 HORAS
TOTAL	1985	100,0	9,9	27,1	27,0	35,9
	1986	100,0	13,1	27,3	28,7	30,9
MENSALISTAS	1985	100,0	5,1	19,9	30,0	45,0
	1986	100,0	6,0	22,8	32,5	38,5
MORA NA RESIDENCIA DO PATRAO	1985	100,0	2,9	6,6	29,1	61,4
	1986	100,0	3,1	13,1	28,1	55,7
NAO MORA RESIDENCIA PATRAO	1985	100,0	5,9	25,9	30,5	37,7
	1986	100,0	7,4	26,9	34,4	31,3
DIARISTA	1985	100,0	23,0	46,3	19,1	11,8
	1986	100,0	31,4	39,2	18,6	10,9

FONTE-SEP-Convenio SEADE/DIEESE/UNICAMP

In "PERFIL DAS EMPREGADAS DOMESTICAS" - DIEESE/SEADE, 1988, mimeo., pag.20

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

I. Família de origem:

Trajetória dos pais,irmãos, entrevistada, com relação a:
- local de nascimento;

- infância (educação dos meninos e meninas - tarefas - brinquedos) - satisfações (o que fazia quando sim, quando não) - sonhos - como via os adultos;

- trabalho (como se via o trabalho da família, o que se falava dele - orientação dos pais a respeito);

- dificuldades econômicas, como as analisava;

- percepções das relações - poder-dominação-submissão.

II. Escolarização:

Sua contribuição na formação para a percepção da sociedade e para o trabalho:

- grau de escolaridade (análise do conteúdo-estrutura);

- dificuldades - satisfações (o que fazia quando sim, quando não) - sonhos;

- visão da escola hoje - (professores - conteúdo - escola dos filhos);

- percepção das relações de poder-dominação-submissão.

III. Trabalho:

Trajetória ocupacional com relação a:

- ingresso - modo - tipo de atividades - capacitação - dificuldades - satisfações (o que fazia quando sim, quando não) - relações - influências;

- empregos posteriores e atual - duração, mobilidade vertical e horizontal;

- percepções anteriores e atuais sobre o emprego doméstico;

- os direitos trabalhistas;

. dificuldades;

. satisfaçöes (o que faz quando sim, quando nåo);

. aspiraçöes (grau de alcance);

- relaçåo com os patröes - dificuldades - satisfaçöes (o que fazem quando sim, quando nåo);

- significado do trabalho - profissåo;

- afirmaçåo/negaçåo de interesse de classe - representaçåo do conceito de classe - visåo de inserçåo de classe, organizaçåo de classe;

- percepçåo das relaçöes de poder, dominaçåo-submissåo.

IV. Família atual:

- Percepçöes da vida conjugal;

- relaçöes com filhos - orientaçåo para escola, trabalho (meninos e meninas) - relaçöes com suas experiências familiares;

- trabalho doméstico - divisåo de trabalho - dupla jornada;

- mística feminina - percepçöes sobre ela como mulher;

- satisfaçöes (o que faz quando sim, quando nåo), aspiraçöes;

- percepçåo das relaçöes de poder, dominaçåo-submissåo.

V. Sociedade

- Relaçöes entre família, trabalho, bairro de moradia;

- lazer, amizades, mudanças, dificuldades, participaçåo;

- dificuldades;

- satisfaçöes (o que faz quando sim, quando nåo);

- aspiraçöes;

- representaçöes sobre politica - ricos/pobres - brancos/pretos - religiåo;

- percepçöes das relaçöes de poder, dominaçåo-submissåo.

SINTESE DAS VISOES DE CLASSE IDENTIFICADAS

VISÃO PARTICULARISTA	VISÃO HUMANO GENÉRICO
CONCEITO DE CLASSE	
- Níveis na sociedade, definidos pelo "prestigío", valor, poder, estudo, profissão, esforço pessoal, sorte, berço e destino".	- As classes são definidas pelo poder de lucro ao qual está ligada a exploração
- Existem a "classe baixa e classe alta","ricos e pobres", "remediados - nem rico e nem pobre"	- Existem a: - classe baixa "sem poder aquisitivo ... que sofre muito" - classe média"profissão mais rendosa... vive do trabalho" - classe alta "poder que vem do lucro deles, profissão ... pode ser que eles não tem"
- Sem vínculo entre si e com a sociedade . Representação de justiça/injustiça	- Articuladas entre si pela exploração que determina seu distanciamento. "As indústrias fazem para vender mas não dá (a quem faz) o poder de compra"
IDENTIDADE COMO TRABALHADORA	
TRABALHO	
- Serve para sobrevivência - Atividade do dia-a dia-não identificada como produção	- Serve para a sobrevivência - Identificada como produção
MOTIVAÇÃO FAMILIAR PARA O TRABALHO	
- Inexistente	- Prática da dignidade: "Fazer a obrigação mas ser respeitada nos direitos" - "A mulher deve aprender a trabalhar pois é o esteio da casa"
VIVENCIA ESCOLAR	
- Inexistente ou sem referência à vida.	- No Curso Supletivo: relacionado com a vida,

"Precisa lutar ... sem agredir ninguém"

TRABALHO DOMÉSTICO

- Produtivo: Serve: "Limpei sujeira"

- Valor: "Tinha que dar valor ... mas acho que não tem"

- Complexidade:
  . Inúmeras tarefas
  . Continuidade da casa
  . Delegação de tarefa de mulher
  . Necessidade de relações boas com a patroa
  . Responsabilidade maior porque cuida de propriedade alheia: "Se não estiver amiga ela (T.D) acaba com sua casa"

- Representações:
  . Trabalho doméstico "para quem não tem estudo"
  . Esperança que o patrão vai reconhecer o valor
  . O patrão é quem decide "quem merece valor"
  . A T.D. não se dá valor
  . Cada parte tira vantagens (Jogo de cumplicidade entre patrão e empregado)
  . Mistura da relação contratual com a relação afetiva
  . Salário: Exigência de sobrevivência e não de direito
  . Trabalho Doméstico: valor de mercadoria

- Ações
  . "Trabalhar mais para ser reconhecida" "Fazer tudo para merecer"
  . Não conversa com outras T.Ds., só fala

- Produtivo: Serve "Sai (o patrão) sossegado para ter o lucro dele ... É esta a revolta..." "Se a gente fosse dar prejuízo, ela não ia querer"

- Valor: A T.D. deve se valorizar a partir de de seu trabalho e de seus direitos. "Eu me valorizo".

- Complexidade:
  . Inúmeras tarefas
  . Continuidade da casa
  . Delegação de tarefa de mulher
  . Trabalho isolado mais fácil de ser manipulado
  . Relações afetivas existentes mas relativizazadas: "Eu quero amizade mas eu quero ganhar" "Quanto mais confiança pega mais aumenta o serviço"

- Representações:
  . Trabalho doméstico "para quem não tem estudo"
  . Mudanças nesta ocupação: "Hoje a T.D. tem condições de fixar suas condições de trabalho" "Estão abrindo os olhos"
  . Profissão não reconhecida na sociedade (ausência de leis)
  . A T.D. deve ter os mesmos direitos dos demais trabalhadores
  . Salário indireto: transporte - comida. "Sai do bolso da doméstica ... abaixa o salário"
  . Passividade das T.Ds. "Só fica esperando" "Não pode ficar calada", Ela que é culpada"
  . Pretensão de continuar a profissão "mas dentro dos direitos"
  . Necessidade de organização
  . O Serviço Doméstico "não vai acabar ... por isso tem que mudar as leis"
  . Salário e leis: Direito para todas as T.Ds
  . Salário: parte do salário do patrão
  . Relações positivas: "Se ela não tiver uma pessoa de confiança na casa dela, ela nem pode ter o lucro dela"

- Ações
  . Discute com outras domésticas
  . Resistências com negociação com o patrão (gatilho negado)

"quando pede opiniâo"

- Resistências individuais e espontaneistas:
  "Procuro serviço que paga melhor"
  "Não volto mais quando o combinado nâo é cumprido"
  "Sei lá ..."
- Não registra para "nâo sujar carteira"

- Posturas:
  - Passividade
  - Paciência
  - Conformismo
  - Individualismo

- Exigência dos direitos

- Posturas:
  - Clareza de que a profissâo deve ter leis " "não adianta só mudar o nome"
  - Objetividade
  - Determinismo
  - Visâo coletiva

TRABALHO INDUSTRIAL/TRABALHO DOMÉSTICO

- Normatizaçâo (chefias-horário)
- Funções definidas
- Nâo há vantagens quanto ao horário de entrada
- Distanciamento entre patrâo e empregado vista como positiva

- Normatizado (leis: cargos, salário)
- Funções definidas
- Direitos iguais
- Salário na fábrica: Parcela dos lucros
- Salário na casa de família: Parcela de salário do patrâo
- Relações: isolamento da T.D./grupo na fábrica "Não fazer a cabeça de dez ... e a empregada é mais fácil da patroa manipular, ela está sozinha"

INTERESSES ANTAGONICOS

- Vistos a partir de interesses/dependências individualizados
  - Do lado da patroa:
    - "Está na dela ... eu que deveria procurar os meus" "Desprestigia o trabalho industrial" "Tem medo de perder a empregada"(Jogo da cumplicidade)
  - Do lado da Trabalhadora Doméstica:
    - "Fazer a obrigaçâo para ser reconhecida,subir, ser alguém" "Eu que deveria procurar os meus"

- Vistos a partir de interesses coletivos diferentes:
  - Do lado da patroa:
    - defesa de seu poder "Eles têm medo de tomar o poder deles Cada vez que o pobre sobe um pouquinho tá tomando o poder deles" "Ela (TD) quer andar bonita às minhas custas".Sua organizaçâo espontânea é para:
      - controlar salário
      - isolar a empregada das outras
      - "Nâo querem que seja um tipo de firma"
      - "Sâo muito ligadas uma com as outras"
  - Do lado da Trabalhadora Doméstica:
    - Interesses ligados aos direitos
    - Produçâo que deve ser reconhecida

TOTALIDADE: UNIÂO DOS TRABALHADORES

- Com as Trabalhadoras Domésticas:

- Com as Trabalhadoras Domésticas:

. Não há relacionamento
. "Dá opinião quando pede"

- Movimento de Trabalhadoras Domésticas:
. "Quando fui, não entendi nada ... saí de lá em vão"
. Visto como possível espaço de reivindição "Não vou porque não preciso"
. Esperança que vai ajudar
. Distante das preocupações individuais
. Ajudou no projeto de leis

- Movimento dos trabalhadores:
. Outras categorias consideradas, às vezes como outras classes
. Não há contato
. Sindicato: assistência material e defesa do salário
. Greve: perigosa (desemprego)

- Família:
. A família e as tarefas de casa condicionam o tipo de emprego
. Dependência do marido sobre assuntos externos à casa
. O marido ajuda "quando tem coragem"
. Posturas
. Bloqueadora de ações (greve)
. Não atende aos convites do marido para participação
. Não conversa "desses assuntos" com o marido

- Dupla Jornada:
. Cansa ... repetitivo
. Escravatura
. Natural da mulher "Nasceu para isso"

- Condição de mulher:
. "Me sinto bem, eu não tenho queixa..."
. "A mulher não se dá valor"
. "Por aquilo que faz deveria ser tratada como rainha"
. "Me sinto melhor depois que comecei a trabalhar"

- Vivência no bairro:
. Reduzida à utilização dos serviços para a sobrevivência
. Difícil, porque o trabalho é isolado
. Conversa e discute na creche, na rua
."Não senti que alguma tivesse interesse"

- Movimento de Trabalhadoras Domésticas:
. "Tinha raiva do sindicato: conversa fiada ... depois comecei a acompanhar"
. Acompanha pelos boletins
. Importante para orientação e organização
. Cada sindicato defende os direitos de sua categoria

- Movimento dos trabalhadores:
. Igualdade entre os trabalhadores de fábrica
. Poucos contatos
. Sindicato: defesa dos direitos, organização, orientação
. Greve: reação frente os interesses antagônicos "Eu sei que eles (os patrões) nunca vão aceitar porque tá pisando no calo deles"

- Família:
. Partilha dos serviços domésticos "Não tem essa, ele é homem e eu sou mulher"
. Autonomia quanto à participação em movimentos "Consegue dobrá-lo(o marido)"

. Posturas
. Discute com o marido e filhos
. Apóia sua participação e defende a dela: "Se ele pode participar dessas coisa- encontros-sindicato - a gente também pode participar"

- Dupla Jornada:
. Enjoativa ... rotineira
. "Difícil ... o marido participando do sindicato dele ... fui me afastando porque o serviço de casa era eu mesma que ia de fazer"

- Condição de mulher:
."Aprendi a ver o outro lado das coisas o outro lado do ser humano"
. "A mulher-maioria - não escuta outra mulher ... eu já fui assim"
."A mulher: acomodada porque cansada do serviço em casa, se sai,o marido acha ruim"
. "Me sinto bem"

- Vivência no bairro:
. Pouca participação da vida do bairro acompanha pelo marido ou vizinhos os

. Percepção de movimentos existentes no bairro mas não participa ou participa muito esporadicamente sem se comprometer
. A participação em Igreja é individualizada, bem como a fé e a religião

- Política: Governo atual:
. "Governo é quem decide pela gente"
. Governo confundido com os patrões
. Desconhecimento da máquina administrativa governamental identificada como "espertos" "corruptos"

- Perspectivas de mudança:
. Pela ação divina: "Só mesmo Jesus Cristo voltando à terra ... O mundo é dos espertos"
. Pelo esforço individual: "Tem que entrar numa escola, fazer um curso, procurar dar mais assim no trabalho para ver se é reconhecido ... se esforçar"
. Pela renúncia do poder por parte de alguns, prevendo como conseqüência uma guerra.

movimentos reivindicatórios
. A participação na CEB abrange o espiritual e o material "Não sei se me ajudaram ou se ajudei, porque aprendi muita coisa"

- Política: Governo atual:
. "Turma de colarinhos brancos que tá lá em cima"
. Responsável pela utilização dos impostos e vive às custas destes
. O governo tem interesses próprios e estes se expressam nas eleições

- Perspectivas de mudança:
. Pelo povo mesmo "através de revolução nacional, começando pelo povo, manipulando os filhos que estão no exército, os pastores das Igrejas" "teria mais fé,nisso aí,que com política".